



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**EMERSON ELLANO DUTRA PRACIANO**

**ALIENAÇÃO EM KARL MARX E O CINEMA COMO FORMAÇÃO PRÁTICO -  
CRÍTICA**

**FORTALEZA**

**2022**

EMERSON ELLANO DUTRA PRACIANO

ALIENAÇÃO EM KARL MARX E O CINEMA COMO FORMAÇÃO PRÁTICO -  
CRÍTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Linguagem e do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- P91a Praciano, Emerson Ellano Dutra.  
Alienação em Karl Marx e o cinema como formação prático - crítica / Emerson Ellano Dutra Praciano. –  
2022.  
123 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-  
Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas. .
1. Marxismo. 2. Cinema. 3. Práxis pedagógica. I. Título.

CDD 100

---

EMERSON ELLANO DUTRA PRACIANO

ALIENAÇÃO EM KARL MARX E O CINEMA COMO FORMAÇÃO PRÁTICO -  
CRÍTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Linguagem e do Conhecimento.

Aprovado em: 31 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Renato Almeida De Oliveira  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Romero Junior Venâncio Silva  
Universidade federal de Sergipe (UFS)

“Os filósofos tem apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo” (MARX, 2002, p.110).

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta a formação e a trajetória do projeto pedagógico desenvolvido há mais de dez anos em escolas públicas do Estado do Ceará, denominado de Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens. Ao relacionar Filosofia, Alienação, Marxismo e Cinema, defendemos que as atividades audiovisuais produzidas por alunos de ensino médio da EEM Professora Eudes Veras e EEMTI Albaniza Rocha Sarasate com temáticas filosóficas podem ser consideradas produtos de um filosofar que vai além dos debates em sala de aula. A práxis pedagógica acontece em função dos curtas-metragens para que possam ser utilizados como referencial educativo nas aulas de Filosofia, além de despertar habilidades para que os estudantes possam aprender técnicas cinematográficas e problematizar conteúdos filosóficos a partir da reflexão ao produzir e ao assistir aos vídeos. Considerando assim, como ponto de partida, a discussão, a articulação entre a prática educativa e o processo de aprendizagem inserido na construção de uma produção audiovisual pelo trabalho de ensino e estudo ativo com jovens da periferia de Fortaleza e Maracanaú pode contribuir para estudantes mais críticos e menos alheios ao outro e ao mundo.

**Palavras-chave:** marxismo; cinema; práxis pedagógica.

## ABSTRACT

The present research presents the formation and trajectory of the pedagogical project developed for more than ten years in public schools in the State of Ceará, called Cine Marvin: philosophical thinking in short films. By relating Philosophy, Alienation, Marxism and Cinema, we argue that the audiovisual activities produced by high school students from EEM Professora Eudes Veras and EEMTI Albaniza Rocha Sarasate with philosophical themes can be considered products of a philosophizing that goes beyond classroom debates. Pedagogical praxis takes place on the basis of short films so that they can be used as an educational reference in Philosophy classes, in addition to awakening skills so that students can learn cinematographic techniques and problematize philosophical content from reflection when producing and watching videos. Considering, therefore, as a starting point, the discussion, the articulation between the educational practice and the learning process inserted in the construction of an audiovisual production through the work of teaching and active study with young people from the periphery of Fortaleza and Maracanaú can contribute to more critical students and less alien to the other and to the world.

**Keywords:** marxism; movie theater; pedagogical praxis.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Escola .....	55
Gráfico 2 –	Série .....	55
Gráfico 3 –	Turma .....	56
Gráfico 4 –	Existência da Lei 13.006/2014.....	57
Gráfico 5 –	Opinião sobre a Lei .....	57
Gráfico 6 –	Filme exibido na escola .....	59
Gráfico 7 –	Por que a escola exibem filmes? .....	60
Gráfico 8 –	Debates durante exibição dos filmes .....	61
Gráfico 9 –	Momento de exibição de filme durante aula.....	62
Gráfico 10 –	Curta metragem foi positivo pra você? .....	88
Gráfico 11 –	Sensação de assistir .....	89
Gráfico 12 –	percebeu que houve mudanças no seu olhar ao assistir filmes .....	89
Gráfico 13 –	Vocês gostaram mais de filosofia .....	90
Gráfico 14 –	A função que você exerceu no curta metragem.....	91



## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	9
2	<b>ALIENAÇÃO EM KARL MARX.....</b>	14
2.1	<b>Alienação e Estranhamento.....</b>	14
2.1.1	<i>Origem e aspectos da Alienação. ....</i>	14
2.1.2	<i>Diferença entre Alienação e Estranhamento.....</i>	17
2.1.3	<i>Sociedade alienada.....</i>	20
2.2	<b>A atividade alienada e o Indivíduo na sociedade capitalista.....</b>	21
2.2.1	<i>Ao mundo.....</i>	21
2.2.2	<i>Ao outro.....</i>	24
2.2.3	<i>A luta contra a alienação.....</i>	25
2.3	<b>Alienação no ambiente escolar.....</b>	27
2.3.1	<i>Ao mundo.....</i>	27
2.3.2	<i>Ao outro.....</i>	29
2.3.3	<i>A luta contra a alienação.....</i>	31
3	<b>O CINEMA NO AMBIENTE ESCOLAR E A DESALIENAÇÃO DO HOMEM.....</b>	33
3.1	<b>Cinema e Marxismo.....</b>	33
3.1.1	<i>O cinema como uma linguagem direta da realidade social.....</i>	33
3.1.2	<i>Cineclubes.....</i>	35
3.1.3	<i>A Arte Cinematográfica Relacionada Com a Teoria e a Prática Marxista.....</i>	38
3.2	<b>Cineastas marxistas.....</b>	40
3.2.1	<i>Godard.....</i>	40
3.2.2	<i>Tomás Gutiérrez Alea.....</i>	44
3.2.3	<i>Ken Loach.....</i>	46
3.3	<b>O uso da técnica do cinema nas escolas como um processo de consciência crítica.....</b>	49
3.3.1	<i>A Técnica e os Elementos cinematográficos.....</i>	49
3.3.2	<i>Cinema nas escolas.....</i>	53
3.3.3	<i>A consciência crítica.....</i>	63
4	<b>A PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO UM EXERCÍCIO DO FILOSOFAR COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO</b>	66

4.1	<b>O papel formativo nas produções audiovisuais nas aulas de Filosofia...</b>	66
4.1.1	<i>O uso da técnica da arte audiovisual em sala de aula.....</i>	66
4.1.2	<i>Espaço de problematização.....</i>	68
4.1.3	<i>Processo de avaliação.....</i>	70
4.2	<b>Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens.....</b>	71
4.2.1	<i>Relevância e justificativa.....</i>	71
4.2.2	<i>Metodologia.....</i>	76
4.3.3	<i>Os curtas-metragens produzidos.....</i>	80
4.3	<b>Os impactos educativos na E.E.M.T.I. Albaniza Rocha Salasate e E.E.M. Professora Eudes Veras em relação à formação pedagógica não alienante.....</b>	85
4.3.1	<i>Alunos protagonistas.....</i>	85
4.3.2	<i>Contribuições na formação acadêmica, profissional e humana.....</i>	87
4.3.3	<i>É possível a partir da inserção da produção dos curtas metragens em sala de aula como um caminho da desalienação humana?.....</i>	95
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	100
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	105
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS.....</b>	108
	<b>APÊNDICE B - RELEASE DA 1º SESSÃO.....</b>	114
	<b>ANEXO A - RELEASE DA 2º SESSÃO.....</b>	117
	<b>ANEXO B - A LOGA OFICIAL DO PROJETO CINE MARVIN: O PENSAR FILOSÓFICO EM CURTAS METRAGENS.....</b>	119
	<b>ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE EXIBIÇÃO.....</b>	120
	<b>ANEXO D - CERTIFICADO DE FILIAÇÃO AO CNC_CINE MARVIN.....</b>	121
	<b>ANEXO E - DEPOIMENTO E REPORTAGEM.....</b>	122
	<b>ANEXO F – FOTO.....</b>	123

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação, cujo título é *Alienação em Marx e o cinema como formação prático-crítico*, busca apresentar uma práxis pedagógica já desenvolvida nas aulas de Filosofia em escolas públicas do Estado do Ceará, denominada de Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens. Tendo nessa perspectiva, o ensejo de mostrar a importância das atividades audiovisuais produzidas por alunos de ensino médio da EEM Professora Eudes Veras e EEMTI Albaniza Rocha Sarasate com temáticas relacionadas à Filosofia e Alienação. A práxis educativa e a aprendizagem ao produzir um curta-metragem pode ser um exemplo de um estudo ativo.

Tendo como objetivo principal analisar os curtas-metragens produzidos nas aulas de Filosofia como uma possível metodologia de ensino, esta dissertação tentará apontar como o conceito de alienação em Marx pode levar o aluno ao distanciamento do mundo e do outro, através da linguagem cinematográfica. Para analisar o cinema como desalienação do Homem com o seu mundo, apresentaremos a proposta das produções audiovisuais como uma possível quebra da rotina expositiva das aulas de filosofia. Entretanto, será que os impactos da aprendizagem filosófica em demonstrar a praticidade do conhecimento filosófico é realmente possível a partir da inserção da produção de curtas-metragens em sala de aula como um caminho da desalienação humana? O uso da técnica do cinema em sala de aula pode despertar uma curiosidade para outras realidades? Instintivamente busca-se o importante, o novo, o diferente, iniciando um movimento de entendimento de outras perspectivas, outros pontos de vista. Esse despertar pode tornar viável uma análise histórica dos fatos do universo e das teorias filosóficas, as quais deixam de ser enfadonhas e distantes da realidade dos alunos, tornando-se uma possibilidade de serem mais significativas e transformadoras para os discentes.

O termo alienação pode ser considerado uma concepção de trabalho na sociedade capitalista que impulsiona, regula e controla o ser humano. A alienação é um conceito estudado nas aulas de Filosofia e exigido em vários vestibulares tendo como base o pensamento de Marx que consiste em uma atividade que desumaniza e impede o desenvolvimento do ser humano e em alguns casos como uma perda de si. Relacionar o pensamento marxista com o cinema a partir das produções audiovisuais no âmbito escolar é uma tentativa de unir a prática e a teoria contrariando a universalidade que controla a autoconsciência humana. Cada curta-metragem produzido por alguns alunos de escolas públicas do estado do Ceará tem sua relevância como instrumento educacional e de

política a partir da reconstrução do olhar dos jovens a respeito de problemas cotidianos, dos quais estão como principais: a alienação, a violência e a depressão.

O primeiro capítulo é sobre *alienação em Marx*, tendo como base a relação do sujeito com um mundo que não o acolhe e a separação de si e do outro. O Homem que é alheio ao mundo torna-se mais fácil de ser manipulado e até mesmo descartável quando não é útil. Tendo isso em vista, analisaremos as diferenças entre a Alienação e o Estranhamento na visão do filósofo Karl Marx, a partir dos Manuscritos Econômicos de 1844, principal obra do autor referente a essa temática e com base nos comentadores: Gyorgy Markus, Luciano Selvi, Louis Althusser, Leandro Konder e Mészáros, tendo este destaque maior. A origem e os aspectos da Alienação também estão em análise. A atividade alienada, as características do indivíduo na sociedade capitalista e do indivíduo humano serão abordadas a partir do aspecto da alienação com o mundo e com o outro. Defenderemos que a autoconsciência pode ser um caminho para uma possível tentativa de superação da alienação, embora não seja possível uma superação por completo.

No segundo capítulo, denominado de *O Cinema no ambiente escolar e a desalienação do Homem* serão abordados os aspectos da relação entre o marxismo e o cinema como um despertar da consciência crítica e do uso da técnica do cinema em sala de aula. É importante ressaltar que Karl Marx não viveu na mesma época do cinema, entretanto o pensamento marxista pode ser visto em várias produções audiovisuais que têm uma tendência voltada para uma linguagem da esquerda em seus roteiros. Citaremos o cinema soviético como o percurso do cinema marxista, além dos cineastas: Godard, Tomás Gutiérrez e Alea Ken Loach e seus respectivos filmes como exemplos de películas voltadas para os movimentos sociais, consciência crítica, luta de classe e questões revolucionárias. O cinema pode ser uma linguagem direta da realidade social quando é utilizada para esclarecer, informar, gerar debates e integrar vários aspectos da sociedade, sem distinção. Os Cineclubes são exemplos de coletivos que oferecem esse tipo de linguagem de forma mais acessível a todos. O uso da técnica do cinema nas escolas como um processo de consciência crítica será trabalhado a partir da explicação da técnica e dos elementos cinematográficos e da relação entre o Cinema e a Educação. Apresentaremos as respostas objetivas e descritivas da pesquisa feita com os alunos de Escolas Públicas que relatam como é trabalhado o Cinema em suas escolas e como é possível perceber as aulas de Filosofia como espaço para debates através dos filmes com o intuito de gerar uma consciência crítica.

No último capítulo, que tem como tema *A produção de curtas-metragens como um exercício do filosofar com alunos do ensino médio*, relaciona como o papel formativo nas

produções audiovisuais nas aulas de Filosofia tem sua relevância para uma prática mais participativa e ativa entre os estudantes. A importância da prática filosófica no ensino médio a partir da produção de filmes requer conhecimento sobre o uso da técnica da arte audiovisual em sala de aula e como cada elemento cinematográfico deve ser trabalhado durante toda a produção (direção, produção, edição, maquiagem, fotografia, sonoplastia, figurino, cinegrafista, cenário e elenco). Tendo em vista que a Filosofia deve ser vista no ensino médio como espaço de problematização, como apresenta o filósofo Cerletti, abordaremos como o projeto Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens pode ser o reflexo desse filosofar durante as aulas. A relevância, justificativa, metodologia, processo de avaliação e os impactos desta prática pedagógica serão apreciados. O produto da pesquisa são os cinco curtas-metragens, denominados de *Um novo mundo* (2021, ficção, 7'19"), *Até onde posso perguntar?* (2021, ficção, 4'26"), *O elogio à solidão* (2021, ficção, 5'03"), *A filósofa* (2021, ficção, 12'59") e *Pensamentos de Carmen* (2021, ficção, 6'23"), que serão analisados como caminhos para a consciência crítica nas aulas de Filosofia. Mas será mesmo possível, a partir da inserção da produção dos curtas-metragens em sala de aula, um caminho da desalienação humana? Os filmes produzidos demonstram o quanto os alunos se sentem protagonistas, críticos diante dos problemas sociais e que é notória a contribuição na formação acadêmica, profissional e humana. As pesquisas irão demonstrar com detalhes os aspectos referentes à importância de ter produzido; a sensação de se ver na tela de um cinema; se mudou de alguma forma o olhar ao assistir outros filmes; se ao produzir o curta-metragem fez gostar mais de Filosofia; se já ou pode influenciar na profissão dos jovens participantes e se contribuiu para as avaliações internas e externas.

O processo da produção audiovisual consiste em abordar o conceito de Alienação para as turmas dos segundos anos do ensino médio, apresentar os elementos necessários para a produção cinematográfica, dividir as funções, produção do roteiro, criar uma agenda, ensaios, gravações, edições e revisões. Durante todo o processo, existe a supervisão do professor e de estagiários em Filosofia. Todo esse processo até a exibição contribuiu para a escrita desta dissertação que utiliza livros e artigos sobre Cinema e Marxismo, além de entrevistas com os alunos, professores e cineclubistas, descrevendo suas experiências relacionadas a cinema e ensino de filosofia, como por exemplo, o filme *A Chinesa* dirigido pelo cineasta marxista Jean-Luc Godard e o grupo de cineastas revolucionário Dziga Vertov em Cuba.

A experiência de cerca de 1442 (mil e quatrocentos e quarenta e dois) alunos de quatro escolas públicas do Estado do Ceará que produziram curtas-metragens dentro dos dez

anos do projeto faz toda a diferença no ambiente escolar, pois os alunos se tornam protagonistas no processo de aprendizagem. Ao produzirem vídeos com funções educacionais, isto é, fazer com que o aluno reflita e amadureça em suas relações, se constitui um dos impactos gerados entre os estudantes participantes. Cerca de 40% dos alunos envolvidos foram aprovados no ENEM ou em outros vestibulares, isso representa cerca de 90% dos estudantes aprovados em avaliações externas. Cerca de 50% dos discentes que produziram seus vídeos estão trabalhando na função que exerceram na produção audiovisual de cada um.

A utilização de filmes em sala de aula já é um método muito favorável para a compreensão do conteúdo, pois é empolgante ver aquilo que se está aprendendo, mas quando os alunos assistem aos vídeos produzidos pelos próprios colegas ou por eles mesmos, as pesquisas que aqui serão apresentadas comprovam que a motivação e a concentração aumentam de forma significativa. Diferente do cinema, a sala de aula, quando é um espaço para também assistir filmes, torna-se um local propício para as discussões críticas, proporcionando uma reflexão. Isto é a ação de utilização de vídeos na instituição escolar sem pretensões capitalistas. Estabelecendo os limites e as possibilidades do cinema como recurso pedagógico, este projeto gerou transformações nas escolas EEEP Marvin e EEMTI Anchieta, e vem gerando na EEM Professora Eudes Veras e EEMTI Albaniza Rocha Sarasate, nessas duas atuais vivências consiste a pesquisa da dissertação, buscando descrever os desafios didáticos nas aulas de Filosofia.

A metodologia utilizada na escrita desta dissertação consiste em uma pesquisa-ação, embora tenha vários relatos de experiência, pois citaremos análises, opiniões e percepções da experiência em assistir, produzir, exibir e debater sobre os filmes que se relacionam diretamente com as temáticas abordadas nas aulas de Filosofia. Entretanto, este trabalho se adequa, sobretudo, a uma pesquisa quali-quantitativa porque iremos encontrar alguns resultados a partir de uma pesquisa com perguntas objetivas e descritivas, via *Google Meet*, com cento e noventa alunos participantes ou não das produções audiovisuais e outra, no mesmo formato, apenas com estudantes que participaram diretamente na construção do nosso produto. Os dados coletados e as entrevistas com professores, estudantes e produtores cinematográficos serão importantes para a construção deste trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Filosofia. A pesquisa bibliográfica, sobretudo no primeiro capítulo, serve como embasamento para a relação entre o conceito de Alienação, Estranhamento e Cinema inseridos diretamente nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, por meio da comparação de opiniões entre Karl Marx e os comentaristas escolhidos. A pesquisa de campo

também será um foco importante neste trabalho, sobretudo no segundo e no terceiro capítulos, nos quais será exemplificado como aconteceram as aulas sobre Alienação, Técnica de Cinema e Produção audiovisual como uma linguagem também filosófica.

De modo geral, escrever sobre como a produção de curtas-metragens pode ser uma prática pedagógica não alienante, é de extrema importância, já que com a realização das atividades, os alunos contemplados tiveram seus horizontes de expectativa ampliados, passando a enxergar de outra maneira as suas realidades, tornando-se mais ativos e menos alienados com relação ao mundo, à visão do conhecimento e da liberdade. Além disso, despertaram o interesse para a produção de vídeos como forma de melhorar seus aprendizados, utilizando-os também em outras disciplinas.

## 2 ALIENAÇÃO EM KARL MARX

Para Karl Marx, alienação é uma atividade que desumaniza e impede o desenvolvimento do ser humano e, em alguns casos, como uma perda de si. Sabendo que a alienação é um momento indispensável da objetivação e o estranhamento é uma forma particular da objetivação e que alguns estudiosos confundem os termos, penso que é importante iniciar este capítulo explicando a diferença e a definição de alienação, temática referente a esta dissertação.

Quando o Homem é alheio ao mundo, geralmente ele se torna mais fácil de ser manipulado e até mesmo descartado. Tal atitude representa a relação de que quando o outro não é mais útil, ele se enxerga como alheio ao outro e ao mundo. O que difere um do outro é a atividade alienada de um indivíduo pertencente à sociedade capitalista.

### 2.1 Alienação e Estranhamento

#### 2.1.1 *Origem e aspectos da Alienação*

A origem da alienação para Karl Marx não tem nenhuma relação com o humanismo abstrato, ou seja, uma pessoa alienada não é assim porque ela se percebe como um valor supremo e que vê nele a medida de todas as coisas e nem porque analisa a humanidade considerando separadamente aquilo que não é separado ou separável. A alienação não surge da essência considerada em si próprio, mas da perda de si. Se você está alienado é porque, para Marx, você não se tornou um verdadeiro humano, pois a alienação não gera a capacidade do indivíduo pensar sobre si e dirigir sua própria realidade, ficando preso ao mercado, isto é, submisso ao dinheiro. A materialização da alienação é o dinheiro, pois cria uma “necessidade<sup>1</sup>” de querer comprar tudo, de possuir o maior número possível de objetos, como uma posse por excelência. Ao priorizar a compra exagerada, o ter faz com que se perca o ser em um processo de alienação das necessidades.

Alienação humana é uma transformação de tudo em objetos alienáveis e vendáveis. Produzo, mas o produto que realizei através do meu trabalho não é meu. Segundo Karl Marx, somos alienados quando somos “escravos da necessidade” e “traficantes egoístas”.

---

<sup>1</sup>A palavra necessidade aparece no texto entre aspas para esclarecer que não se refere a uma necessidade como algo que não se pode evitar; inevitável, mas como uma ideia capitalista de uma necessidade de comprar, mesmo que o produto não seja útil naquele momento.



Isso significa dizer que a necessidade egoísta acaba sendo uma tentativa de alguns para justificar a venda de produtos ou até a venda de si mesmo. “A alienação se caracteriza, portanto, pela extensão universal da ‘vendabilidade’ (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em ‘coisas’, de modo que possam aparecer como mercadorias no mercado” (MESZAROS, 1981, p. 36). A venda é a prática da alienação. Quando o ser humano se converte em “coisas”, ele se torna uma mercadoria, por isso, suas relações são baseadas, apenas por interesse de troca ou indivíduos isolados com objetivos limitados e particulares. Um dos exemplos dessa situação ocorre quando o trabalhador aceita ser explorado e trabalhar em condições impróprias.

Coloquemo-nos agora totalmente do ponto de vista do economista nacional e comparemos, segundo ele, as reivindicações teóricas e práticas do trabalhador. Ele nos diz que, originária e conceitualmente, o produto total do trabalho pertence ao trabalhador. Mas ele nos diz, ao mesmo tempo, que, na realidade efetiva (Wirklichkeit), ao trabalhador pertence à parte mínima e mais indispensável do produto; somente tanto quanto for necessário para ele existir, não como ser humano, mas como trabalhador, não para ele continuar reproduzindo a humanidade, mas sim a classe de escravos [que é a] dos trabalhadores. Diz-nos o economista nacional que tudo é comprado com trabalho, e que o capital nada mais é do que trabalho acumulado. Mas ele nos diz, simultaneamente, que o trabalhador, longe de poder comprar tudo, tem de vender-se a si próprio e a sua humanidade (MARX, 2004, p. 28)

O ser humano sem a alienação é um ser natural que exerce suas necessidades naturais para sua satisfação, produzindo condições necessárias para sobreviver, convive e vive em sociedade, é um ser social produtivo, capaz de transformar o mundo, deixando a sua marca positiva na História. Contemplar o mundo que ele mesmo criou e reproduzir a si mesmo intelectualmente é uma forma de explicar a sociedade sem um sistema de Indústria capitalista que aliena a raça humana.

A origem da alienação gerou uma humanidade que prioriza o “culto do eu”, representando uma sociedade egoísta que separa o indivíduo do social. Um exemplo desse isolamento egoísta no campo educacional é quando um estudante diz para o seu professor que não aceita participar de um trabalho em equipe porque os seus colegas de classe são seus concorrentes em uma possível seleção que irão disputar vaga por um curso universitário. Tal atitude demonstra que em vários setores da sociedade existe competitividade, onde alguns indivíduos preferem se isolar no lugar da partilha de conhecimentos em uma aprendizagem construída coletivamente. Sendo assim, não tem como gerar transformação social. É o que acontece nos modos de produção, que é o que Marx cita em várias de suas obras para demonstrar como a exploração classista estimula a competitividade. Neste caso, podemos

exemplificar a generalização da produção para o mercado, a expansão vertiginosa da circulação do dinheiro em nossa sociedade e a decadência da dimensão comunitária da vida. Nos três casos, a alienação acontece porque o dinheiro se tornou mais importante do que os valores humanos e porque o ser humano alienado entende que a mercantilização está em tudo.

Os aspectos da alienação em Marx consistem em: necessidade (“é”) vida humana, universalidade do trabalho e totalidade concreta dinâmica da sociedade. A necessidade humana não é só o ato de se alienar em relação à natureza. A questão é a alienação entre o homem e a sua própria natureza, podendo ser caracterizado dentro e fora do indivíduo, como uma forma de autoalienação que se manifesta através do trabalho assalariado, da propriedade privada e das relações de troca motivadas pelo dinheiro, renda e lucro. Neste sentido, o trabalhador não pode ser um sujeito humano, embora este mesmo indivíduo possa se alimentar, ter condições básicas para viver e até ter um momento de lazer, apenas considera o aspecto físico do indivíduo. “O objetivo deveria ser, segundo Marx, o ‘enriquecimento do ser humano’, de sua ‘riqueza interior’, e não simplesmente ‘o enriquecimento do ‘sujeito físico’” (MESZAROS, 1981, p. 159). A riqueza interior para Marx é

a autoconfirmação da plenitude da atividade de vida de alguém. Isto é, toda a estrutura da atividade de vida precisa ser transformada – desde o trabalhador cotidiano até uma participação real nos mais altos níveis de elaboração de políticas que têm influência na nossa vida – e não simplesmente o potencial da produção material de um país (MESZAROS, 1981, p. 160).

O ser humano se confronta com a sua própria raça quando estabelece relações em que têm que existir o proprietário e o trabalhador. Tal atitude faz com que o indivíduo se oponha a ele mesmo. Além disso, podemos citar que há uma reciprocidade do trabalhador com a indústria cultural e isso representa uma natureza alienada, criando uma ideia de universalidade do trabalho. Trabalho, mas não planejo e em muitos casos nem sabemos o que estamos produzindo. A dinâmica da sociedade e o processo de mais-valia<sup>2</sup> no mundo do trabalho contribui para a desvalorização do indivíduo. “A questão da alienação está diretamente relacionada com a questão do produto excedente e da mais-valia; e as várias fases no desenvolvimento da economia política são caracterizadas por Marx de acordo com sua posição em relação à origem e natureza da mais-valia” (MESZAROS, 1981, p. 125).

---

<sup>2</sup> Mais-valia é um termo utilizado por Marx para determinar a forma injusta da distribuição do recurso financeiro adquirido pelo produto produzido e vendido. Enquanto o patrão fica com a maior parte do dinheiro, quem realmente produziu fica com quase nada. Exemplo: O trabalhador gera mil reais por dia, mas só recebe o valor simbólico de quarenta reais.

### ***2.1.2 Diferença entre Alienação e Estranhamento.***

Tendo em vista que o Ser Humano não é acabado e que ele está sempre em um processo de transformação, podemos destacar o sujeito com possibilidade de fazer o diferente, o novo. Sendo assim, o indivíduo busca criar condições para sua sobrevivência e o trabalho pode ser uma das formas de crescimento pessoal, quando o fazemos como um ato livre. Mas como o trabalho pode produzir produtos estranhos, ele acaba se tornando também estranho, mesmo que ele seja importante para a raça humana porque todo trabalho que traz alienação, pode trazer estranhamento.

Eis porque a sua atividade é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência. (...) É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; (...) Precisamente por isso, na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica operativa. (...) O objeto do trabalho é portanto a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele (MARX, 2004, p. 84-85).

O trabalho para os animais se faz necessário para sobrevivência, mas para o ser humano deve ser visto como um ato livre e consciente. Entretanto em muitos casos, como o trabalhador faz apenas uma única função na atividade em seu trabalho por série que acaba não tendo acesso ao resultado final do que está produzindo, por isso ele se torna estranho e alheio ao produto que ele mesmo realizou. “A ‘alienação’ deriva da divisão social do trabalho, isto é, da propriedade privada. Quando alguns homens passaram a impor aos outros as condições em que deveriam trabalhar, o trabalho passou a se ressentir de uma inevitável degradação” (HONDER, 1992, p.109). Podemos dizer que isso acontece para que ele não venha a posteriori fazer alguma relação com entre o valor do seu salário e o valor final do produto. Para o proprietário, se faz necessário que o seu funcionário se sinta estranho e alheio ao produto que será vendido para que se concentre apenas em produzir, pois é como se a vida do trabalhador fosse realizada no objeto e não mais na sua própria existência. A máquina que substitui vários funcionários gerando desempregos, deixa de ser apenas um instrumento de trabalho e se torna uma adversária.

O instrumento de trabalho, ao tomar a forma de máquina, logo se torna concorrente do próprio trabalhador... Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor-

de-troca da força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor-se-uso. O trabalhador é posto fora do mercado como o papel-moeda retirado da circulação. A parte da classe trabalhadora que a maquinaria transforma em população supérflua, não mais imediatamente necessária à auto-expansão do capital, segue uma das pontas de um dilema inarredável: ou sucumbe na luta desigual dos velhos ofícios e das antigas manufaturas contra a produção mecanizada, ou inunda todos os ramos industriais mais acessíveis, abarrotando o mercado de trabalho e fazendo o preço da força de trabalho cair abaixo do seu valor (Marx, 2001, p. 491).

O próprio trabalho deixa de ser livre para ser algo ruim que destrói o corpo e a mente. O homem não é identificado pelo seu trabalho e sim pela força de trabalho. Isso é extremamente preocupante, pois o sujeito não produz com liberdade e o seu direito de refletir, de ser criativo e consciente é negado porque ele só tem valor se produzir. É um processo que gera miséria, sofrimento, desumanização e um trabalho excessivo e estranho a si mesmo, pois o trabalhador “não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito” (MARX, 2004, p. 162). O ser humano dentro do trabalho alienado é diferente de uma atividade livre, humanitária e consciente.

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador (MARX, 2004, p. 82).

O trabalho estranhado é visto como uma ação exterior ao homem. O estranhamento é uma forma particular da objetivação<sup>3</sup> podendo gerar uma perdição, uma despossessão do objeto pelo sujeito, uma atitude autônoma, alheia e independente de sua atividade. Enquanto a alienação é um momento indispensável da objetivação, um envolvimento na cultura, na arte, no estado e na política. Isso significa que para Marx o estranhamento e a alienação são diferentes, mas chega um momento em que eles se encontram, quando a alienação se torna igual ao estranhamento. Um exemplo disso é quando o indivíduo trabalha o dia todo e acaba não tendo tempo para pensar, refletir e sobretudo não vai gerar projeções de futuro. Alienação é a relação contraditória do trabalhador com o produto de seu trabalho e a relação do trabalhador ao ato de produção, um processo de objetivação, tornando o homem estranho a si mesmo, aos outros homens e ao ambiente em que vive. É importante destacar que o estranhamento pode ser superado e a alienação é um

---

<sup>3</sup> Objetivação é quando o indivíduo manifesta sua natureza, sua essência no mundo que ele mesmo constrói. Então a objetivação pode ser considerada um processo de humanização no meio ambiente por ele trabalhado e pela sociedade por ele produzida.

momento insuperável da existência humana.

Para Marx, a alienação é toda vez que eu me coloco para fazer algo. Se planto uma árvore, por exemplo, me alienei naquela árvore específica. Não há uma negação da alienação, há uma negação do estranhamento, por isso é importante destacar que não há problema na alienação, a questão é quando o mesmo produto que realizei e que coloquei no mundo me volta como uma força estranha. Na sociedade capitalista, a alienação se transforma em estranhamento porque o objeto produzido pelo trabalhador se transforma mais importante do que ele. Entretanto para o capitalista o objeto é a representação de mais dinheiro e poder.

O fenômeno que exemplifica a transformação da alienação em estranhamento acontece em quatro momentos: a do trabalhador com o seu produto, do trabalhador com a sua atividade produzida, do trabalhador com a sua vida genérica e do trabalhador com os outros homens. Inicia o estranhamento do trabalhador com o seu produto quando o objeto domina e escraviza o indivíduo. Neste primeiro momento, é entendido que quanto mais produzimos mais estamos nos destruindo. Durante a atividade de produção, acontece um estranhamento diante do fato de que o indivíduo, para sobreviver, precisa trabalhar produzindo objetos que serão superiores a ele. Neste segundo momento acontece uma negação de si, tornando o ambiente profissional fatigante e negador da própria essência humana; no lugar de se sentir realizado, a produção o deixa infeliz e esgotado fisicamente e mentalmente. Ao se confrontar com esta realidade, o trabalhador percebe que a sua atividade não é livre e muito menos consciente, portanto entende que tal situação ocasiona em uma alienação com ele próprio. Neste terceiro momento, a pessoa com suas características físicas e espirituais não reconhece a atividade produtiva como uma ação da sua espécie, por isso o trabalhador acaba sendo comparado com um animal não humano. Se o trabalhador não se reconhece como humano em seu ambiente de trabalho, então o outro também não o é. Neste quarto momento o outro é visto de forma estranhada, pois a divisão do trabalho o faz perder o controle do que está produzindo, além de um estranhamento com o capitalista que se apropria de um objeto que o outro produziu, ou seja, o produto também é alheio a ele. Embora nesta dissertação mencionemos todo esse processo que é encontrado nos *Manuscritos Econômico-filosóficos* de 1844, destacamos o último momento como uma forma de exemplificar como o encontro com os outros e com o mundo se tornou uma relação de troca e de indiferença não apenas no ambiente de trabalho, mas nos demais setores da sociedade capitalista, como na escola por exemplo.

### ***2.1.3 Sociedade alienada***

Em uma tentativa de descrever as condições de uma sociedade alienada no contexto atual, podemos compreender que existem várias transformações em uma vida onde os valores e a moralidade estão sendo invertidos. A fidelidade em uma sociedade alienada se transforma em infidelidade. Atualmente escutamos muitas músicas que reforçam a ideia de que o certo é ser infiel, pois a fidelidade é para quem é “fresco” e “besta”. O amor se transforma em ódio quando vimos vários ataques feminicistas onde os agressores insistem em afirmar que os seus ataques contra suas ex-companheiras são a demonstração do seu amor. O vício em virtude. Uma super valorização para o uso das drogas lícitas ou ilícitas como se isso fosse sinônimo de pessoa charmosa, forte e corajosa.

A sociedade alienada não surge do contexto atual e nem com esses exemplos que citei no parágrafo anterior, mas ela se torna cada vez mais alienada diante de um contexto em que a mercadoria se torna mais importante do que o ser humano. Para uma possível tentativa de entendimento porque que a sociedade alienada pode gerar uma decadência aos valores humanos, Karl Marx faz uma crítica da economia política estabelecendo que a produção, o consumo, a distribuição e a troca afetam diretamente nas relações sociais. A produção da Indústria na sociedade alienada é a representação do capital como um instrumento dela e que compreende que as condições sociais interferem em todo o seu processo. O intuito em produzir deve ser para atingir as necessidades humanas, até porque não há produção de algo que não seja útil para que aquela população consuma. O consumo representa a apropriação do indivíduo sobre algo, já a distribuição é entendida como um momento determinado pela sociedade para fazer uma divisão, possibilitando uma proporção para cada membro da sociedade. A troca é utilizada como moeda, diferente do valor de uso, ela não tem o caráter de satisfazer as necessidades porque é uma ação dominadora e não confiável. Todo esse ciclo de produzir para vender, distribuir e fazer uso de troca estabelece um processo capitalista que faz crer que a humanidade perdeu seu potencial real que era viver de forma coletiva e na partilha de um bem em comum para tudo ser colocado como um “processo de redução em si mesmo, já que é determinado ‘inconscientemente’ por uma série de necessidades alienadas, está destinado a produzir maior alienação: a sujeição do homem a instrumentos cada vez mais poderosos de sua própria criação” (MESZAROS, 1981,p. 95).

A sociedade alienada não tem como superar a alienação, pois não tem agentes sociais, já que o trabalhador para manter seu emprego ou para adquirir um acaba aceitando

um salário bem menor do que deveria ser. Isso se refere a uma alienação diante da injustiça do fato de que o lucro ficar para os patrões.

... diretamente, ao depreciar a força de trabalho; indiretamente, ao baratear as mercadorias que entram na reprodução dessa força e, ainda, em suas primeiras aplicações esporádicas, transformando em trabalho potenciado, de maior eficácia, o trabalho empregado, ficando o valor individual de seu produto inferior ao social e capacitando o capitalista a cobrir o valor diário da força de trabalho com menor porção 144 de valor do produto diário. Nesse período de transição em que a produção mecanizada assume o aspecto de monopólio, os lucros são extraordinariamente altos, e o capitalista procura explorar ao máximo essa lua-de-mel, prolongando ao máximo possível o dia de trabalho. Quanto mais lucra, mais quer lucrar (Marx, 2001, p. 464).

## **2.2 A atividade alienada e o Indivíduo na sociedade capitalista**

### **2.2.1 Ao mundo**

Como a alienação é um processo que leva ao distanciamento e ao estranhamento com o mundo, o indivíduo não se sente mais acolhido pela sociedade. A alienação ao mundo significa que o sujeito não se sente mais parte integrante do mundo, pois o tempo destinado ao trabalho é tão grande que ele entende que sua função é apenas essa. É “como se o trabalhador, no trabalho, não pertencesse a si mesmo, mas a um outro” (MARX, 2010, p. 83). O outro, que pode ser o seu patrão, determina quanto tempo você tem que destinar para a empresa dele, a partir de uma escala mensal, que o seu horário de trabalho, muitas vezes, vai depender de uma possível ausência de funcionário que esteja impossibilitado de cumprir o horário dele. Em muitos ambientes de trabalho, isso acontece porque o que importa é continuar a produção, neste caso, é como se o funcionário tivesse trabalhando integralmente, pois a qualquer momento pode ser chamado a ir ao emprego, mesmo já tendo cumprido seu expediente. Esse processo de estar alheio ao seu horário e à atividade<sup>4</sup> que exerce é o que faz o indivíduo se achar estranho e alienado.

É possível propor três questões sobre a orientação [do tempo] pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho de horário marcado. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre ‘o trabalho’ e ‘a vida’. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e ‘passar o dia’. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo

---

<sup>4</sup> Atividade para Karl Marx pode ser entendida como uma prática produtiva. O ponto positivo é o autodesenvolvimento humano que representa a ideia de uma automediação necessária do homem com a natureza. O lado negativo é a alienação que é concebida pelo estranhamento.

relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência (Thompson, 1998, p. 272).

A alienação “passou a contaminar a sociedade inteira, promovendo a proliferação de pessoas angustiadas, solitárias, inseguras” (HONDER, 1992, p. 110). A angústia, a solidão e a insegurança do indivíduo no mundo e com o mundo refletem diante das exigências que a própria sociedade gera, afirmando que o ser humano só é reconhecido, valorizado e aceito se tiver trabalhando e com competência. Quem não está é marginalizado e excluído. A própria falta de segurança gera a angústia de não conseguir uma vaga no mercado de trabalho ou de não adquirir algo melhor, isso determina que muitas vezes as pessoas aceitem trabalhos em condições que não deveriam existir. A solidão acontece porque o indivíduo se torna um escravo do trabalho e dedica o seu tempo para a atividade exercida, em uma produção, que em muitos casos, está alheia a ele mesmo. O produto da alienação separa o homem da integração social por conta do capitalismo.

Numa sociedade capitalista, os indivíduos só se podem reproduzir como pessoas isoladas. Numa sociedade burocraticamente coletivizada, por outro lado, eles não se podem reproduzir como indivíduos, e muito menos como indivíduos sociais. Em ambas, a esfera pública está divorciada da esfera privada, opõe-se a ela, por mais diferentes que possam ser as formas dessa oposição. Segundo Marx, a realização da ‘Gesamtpersonlichkeit’ implica necessariamente a integração da individualidade e do social na realidade humana concreta do indivíduo social (MESZAROS, 1981, p. 242).

A atividade alienada é a produção de um produto que é o resultado estranho e alheio ao indivíduo que percebe a perda do objeto. Produzo, mas não me sinto apropriado ao que fiz porque a pessoa é comprada pela força do trabalho, que faz com que uma pequena classe social lucre com a sua atividade. Assim o homem se percebe indiferente ao mundo porque se sente prostituído, usado, descartável e inútil. Para fazer uma atividade, o ser humano precisa ter conhecimento de como irá exercer tal função, isso exige um tempo para se preparar e para executar. Mas e o tempo para desfrutar do produto realizado? Isso geralmente não tem e quando tem não é o suficiente, pois ele precisa continuar produzindo. Isso faz com que muitos percebam que as coisas são mais importantes do que ele mesmo. É por isso que é muito comum escutarmos a insatisfação de ter chegado a segunda-feira e a euforia do “sextou”, pois o trabalho virou algo que priva do cuidado de si e de se relacionar com o outro. Sua relação com o mundo é baseada em uma troca do seu serviço pelo seu salário que não corresponde ao valor que produziu e que esse produto, em alguns casos, ainda se torna mais caro que ele mesmo como trabalhador. Então não tem como exigir do mundo uma relação



ética, pois o próprio trabalho em que ele passa a maior parte do seu tempo envolvido não é. As empresas não assumem que existem uma exploração e uma dominação no ambiente de trabalho por parte deles e nem muito menos legitimam a desumanização humana que em muitas acontecem. Essa contradição entre o discurso e a ação dos grandes empresários representa uma forma de alienação particular que gera normas diferentes, mas mesmo que sejam divergentes, possibilitam um estranhamento do seu funcionário com o mundo. Mesmo que o trabalhador tenha consciência dessa contradição aqui citada, se submete a tal situação pois não encontra saída, pois precisa de um meio para adquirir dinheiro. O funcionário procura desempenhar o seu papel para não ser demitido, entretanto sabendo que é explorado procura encontrar vantagens de alguma forma para assim criar uma ilusão que está sendo menos explorado. A questão aqui para o trabalhador já não é nem mais a luta contra a escravidão, mas o se sentir tão alheio ao mundo que ele se deixa ser indiferente e até mesmo antiético.

O indivíduo na sociedade capitalista é dominado e manipulado pelo capital. O dinheiro é a base da interação do sujeito com o mundo. Ele se assume pertencente ao mundo quando produz em troca do próprio dinheiro. Quando a pessoa tem dinheiro, muitas vezes se sente poderosa. Uma vez estava em um estacionamento e presenciei que certo motorista estacionou o carro primeiro do que o outro que estava prestes a estacionar também seu veículo e ainda disse que o mundo era dos mais espertos. O outro, indignado com aquela situação, bateu seu carro naquele outro veículo que já tinha sido estacionado e afirmou: “Não, o mundo não é dos mais espertos, o mundo é de quem tem mais dinheiro, vou pagar o prejuízo do meu e do seu carro”. O capital é transformado em *status*, muitas vezes como uma forma de se sentir visto e acolhido neste mundo, pois mesmo quem tem melhores condições financeiras pode também se alienar.

O indivíduo na sociedade capitalista acaba se tornando um “Eu disperso” e perdendo a capacidade de um “Eu autêntico” que é capaz de pensar pela sua própria maneira. Essa impossibilidade para Marx não é culpa da falta de autonomia apenas, mas é por conta da estrutura social devido ao modo de produção. Tal situação é explícita quando o trabalhador percebe o potencial e o valor do que está sendo realizado por ele apenas como um valor de mercado.

O sentido do homem é ‘um sentido restrito’, o homem vive cheio de preocupações e não tem ouvidos para a música; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza singular das pedras: falta-lhe ‘o sentido mineralógico’. Nas condições do capitalismo, a incapacidade de ver o que o olho

nunca viu e de ouvir o que o ouvido nunca ouviu decorre da reificação de todos os sentidos físicos e mentais, da ‘alienação de todos os sentidos’, subordinados ao ‘sentido do ter’. Em consequência, o remédio não pode estar num fictício ‘mundo interior’, divorciado do mundo real dos homens e a ele oposto (MESZAROS, 1981, p. 262-263).

### 2.2.2 Ao outro

A alienação ao outro acontece quando o sujeito se sente que é mercantilizado e o outro também, ou seja, o indivíduo que ao mesmo tempo se reconhece no outro ele também se desconhece. Encontrar-se e se desconhecer ao outro é uma alienação pois acontece uma perda de si. “Em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana” (MARX, 2004, p. 86).

Na atividade alienada o trabalhador nega-se a si mesmo, tornando sua vida de forma sofrida devido à exaustão da sua força de trabalho e ao sofrimento por não se realizar plenamente. A não realização de si acontece porque o sujeito se torna uma mercadoria para favorecer o enriquecimento de outros.

A partir da própria economia nacional, com suas próprias palavras, constatamos que o trabalhador baixa à condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência (Macht) e à grandeza (Grösse) da sua produção, que o resultado necessário da concorrência é a acumulação de capital em poucas mãos, portanto a mais tremenda restauração do monopólio. (...) A economia nacional parte do fato dado e acabado da propriedade privada. Não nos explica o mesmo. Ela percebe o processo material da propriedade privada, que passam a valer como leis para ela. Não concebe (begreift) estas leis, isto é, não mostra como tem origem na essência da propriedade privada (MARX, 2004, p.79).

A negação da essência humana se dá por conta de que o ser humano ao compreender que sua natureza humana se manifesta através do trabalho se decepciona, pois a mesma atividade gerou mais um objeto entre tantos outros. Se o sujeito se reconhece como produto, ele entende que o outro também o é. Ao negar o outro, nega a sociabilidade autêntica, a cooperação e a convivência com os demais da sua espécie, podendo tornar nossas relações sociais cada vez mais difíceis, a ponto de se ver aumentar o número de pessoas que preferem trabalhar isoladas.

A atividade alienada é quando o trabalhador é transformado em mercadoria. “O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele

não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é” (MARX, 2010, p. 81). Tantas vezes quando vamos a algum estabelecimento fazer compras, lidamos com as máquinas substituindo o trabalho que era dos seres humanos ou os próprios se tornaram máquinas, onde desejamos um boa noite por exemplo e a resposta muitas vezes não vem, talvez porque a pessoa está tão focada no que precisa ser feito e o acúmulo de serviço que precisa dar conta, que acaba deixando de lado as questões de valores humanos para uma boa recepção. A pessoa se torna como se fosse uma máquina que apenas reproduz o serviço que foi destinado a ela. Superar tal indiferença requer um “esforço comum com os ‘outros’, de modo que possam ter o controle sobre sua própria vida, agora dominada e manipulada pelos complexos mecanismos do cotidiano capitalista” (MESZAROS, 1981, p. 238).

### ***2.2.3 A luta do indivíduo contra a alienação***

A luta contra a alienação é a transcendência da própria alienação, mas quando se estuda o termo em Karl Marx percebemos que não temos garantia de uma prática que a supere. Embora não tenha a superação por completo, a ação do sujeito em buscar uma alternativa como forma de “enfrentar o desafio de mudar o mundo, enfrentaria também o desafio de promover sua própria transformação” (HONDER, 1992, p. 117). Após se perceber alheio ao mundo e mercantilizado em relação a si mesmo e ao outro, o indivíduo busca a transformação e se sentir menos indiferente na sociedade capitalista que consiste em uma divisão do trabalho em série e o trabalho visto como essência da riqueza. Mas como lutar contra isso? Se opondo à atividade alienada.

Pode-se pensar na superação da alienação precisamente por ser possível opor o caráter social do trabalho à alienante condição histórica da divisão do trabalho. De acordo com Marx, quando a atividade vital deixa de ser regulada com base na propriedade privada e na troca, ela adquire o caráter de atividade do homem como ser genérico. Em outras palavras: o caráter social do trabalho se manifestará diretamente, sem a mediação alienante da divisão do trabalho. Como as coisas estão, porém, a divisão do trabalho torna as condições e os poderes da vida independentes do homem, e faz que eles o governem (MESZAROS, 1981, p. 128).

Tal oposição exige compreensão dos atributos humanos, como a percepção que o Homem sendo um ser natural tem tendências e capacidades que geram impulsos e desejos de mudanças. A autoconsciência pode ser gerada, segundo Marx, quando o indivíduo entende que a realização humana não pode ser contra a natureza, ou seja, aquilo que ele produz não

pode se virar contra ele e nem contra a humanidade. A busca dessa superação em uma sociedade capitalista não é fácil, por isso não basta apenas ter uma discussão teórica e pessoas autoconscientes. O “fato de ser a ‘autoconsciência’ uma característica essencial da satisfação humana não pode significar que ela, sozinha, seja oposta ao ‘mundo da alienação’, que é o mundo dos objetos” (MESZAROS, 1981, p. 153). A autoconsciência é a separação do mundo dos objetos, isto é, quando tomamos consciência que esta forma de trabalho nos volta de maneira estranhada e alheia a nossa realidade nos percebemos como alienados. O fato de se descobrir como um ser alienado diante de uma atividade que lhe opõe, não necessariamente faz com que todos lutem contra esse modelo. Alguns abrem mão da objetividade do ser natural e aceitam a necessidade da alienação, mesmo que isso seja uma ação contraditória. Isso ocorre porque

a teoria da alienação é uma elaboração própria da filosofia da história, que, em sua generalidade, não poderia substituir a análise dos fenômenos concretos da sociedade. A importância dessa elaboração reside em que recoloca a sociedade socialista de nossos dias numa ampla correlação histórica e fornece a orientação ideológica mais geral, indicando os problemas mais decisivos que devem ser estudados pelas ciências sociais atuais para que se encontre uma solução, a fim de que possamos propor uma imagem teoricamente justa de nossa sociedade, uma imagem que possa verdadeiramente ser aproveitada na praxis social. A alienação (mais exatamente: as duas noções de alienação e humanização) são, nesse sentido metodológico, de importância primordial no estudo da sociedade socialista: é analisando a correlação e a dinâmica dos processos marcados por essas noções que podemos lhe restituir esse caráter de totalidade social dinâmica, movendo-se no seio de contradições que lhe são características e que ela dissolve e supera justamente através de seu movimento (MARKUS, p. 106 e 107).

Uma possível superação da Alienação é a ação de ir para a realidade social prática, pois para transcender a alienação, se faz necessário ter uma prática social. Tal atitude não pode ser baseada na imaginação, pois tem que partir do real, por isso Marx critica a Filosofia do abstrato. A “verdadeira autoconsciência desse ser é a sua consciência como ser social. Qualquer abstração dessas características básicas só poderia resultar numa autoconsciência alienada” (MESZAROS, 1981, p. 154). A ilusão e a alucinação atrapalham na consciência do indivíduo inserido na comunidade.

A luta contra a alienação consiste em um resgate do homem para que ele não caia numa subserviência falsificadora<sup>5</sup>, isto é, não se iluda com as satisfações internas de sua

---

<sup>5</sup> Subserviência falsificadora para Marx é o exagero das atitudes humanas em demonstrar suas necessidades e as suas produções no caráter artificial.

mente, nem das vantagens externas do seu corpo e nem do prazer em ter poder. A renúncia de tais atitudes nos convida ao retorno do Homem em si, e para Marx isso só é possível através de uma ação concreta e coletiva na sociedade que modifique a economia e a política.

O comunismo na condição de supra-sunção (Aufhebung) positiva da propriedade privada, enquanto estranhamento-de-si (Selbstentfremdung) humano, e por isso enquanto apropriação efetiva da essência humana pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem social, isto é, humano (MARX, 2004, p. 105)

## **2.3 Alienação no ambiente escolar**

### **2.3.1 Ao mundo**

Embora não se tenha uma obra de Karl Marx específica voltada para a educação, é possível ter uma compreensão a esse respeito a partir dos seus próprios textos sobre a alienação e as relações humanas sobre o modo trabalhista capitalista, por exemplo. A Educação no contexto marxista não pode ser tratada como abstração, pois tem que partir da própria realidade em que a instituição esteja inserida. Apesar de cada escola ter suas peculiaridades, é preciso estabelecer uma formação ao indivíduo de forma integral<sup>6</sup>. Isto é, formar não para que ele saiba fazer apenas uma coisa, como em um trabalho em série, mas que ele perceba que todos os componentes curriculares podem contribuir para a sua formação intelectual e para o seu aspecto físico.

A formação integral é desenvolver o pensar e as potencialidades que o sujeito possa exercer na sociedade. Mas pensando de forma geral: o professor incentiva o pensar? Suas explicações contribuem para incentivar a pesquisa e o desejo do próprio estudante descobrir respostas? O que geralmente aprendemos em sala de aula é colocado em prática? Percebemos uma grande cobrança por parte da família, do próprio aluno e da sociedade como um todo para que a escola seja um espaço que leve o estudante para a universidade. A questão é que na maioria dos vestibulares são exigidos conteúdos desvinculados das possibilidades de relações com a prática diária dos adolescentes, causando a sensação de que o estudo deve ser de memorização de teorias que só vão lhe servir para aquele momento. Nesta perspectiva, o educador deve estabelecer um formato de aula que atenda a essa necessidade imediata, tendo

---

<sup>6</sup>Integral aqui não está se referindo ao tempo em que o estudante se encontra na escola.

que abrir mão da

natureza essencial da atividade educativa consiste em propiciar ao indivíduo a apropriação de conhecimentos, habilidades, valores, comportamentos etc. que se constituem em patrimônio acumulado e decantado ao longo da história da humanidade, contribuindo, assim, para que o indivíduo se construa como membro do gênero humano e se torne apto a reagir face ao novo de um modo que contribua para a reprodução do ser social (TONET, 2007, p. 65).

A Educação positiva para Marx consiste na reprodução de um trabalho que se relacione com o outro e que desenvolva valores que contribuem para a vida em sociedade. Para isso, o educador precisa se realizar trabalhando, se sentir pertencente a essa função e ao seu meio social. Isso se torna cada vez mais difícil em um contexto de exploração e dominação, como vimos nos pontos um e dois desta dissertação. Tal situação está e afeta diretamente no setor educacional quando a educação é tratada de forma abstrata, onde os trabalhadores a entendem apenas como mais uma das formas para conseguir o seu salário. Neste contexto, o trabalho pode ser visto como punição e não como satisfação pessoal. Sendo assim, é como se o ser humano fosse morrendo espiritualmente, como uma ruína do seu próprio corpo e se sentindo alheio ao mundo. Tendo em vista que a alienação pode contribuir para o isolamento, percebemos que sem integração com os demais membros da sociedade, a educação é vista de forma negativa, podendo gerar pessoas alienadas e estranhas ao mundo.

O que a escola de fato proporciona? Alguns vão dizer: disciplina, afetos, títulos, entre outros. A disciplina pode ser entendida como ações para o respeito ao professor, aos horários estabelecidos para o estudo, lanche e lazer, além de várias outras atitudes que contribuem para que o estudante siga bem as regras e tenha um comportamento adequado ao seu próprio aprendizado, sua relação com os demais e para um futuro mercado de trabalho. Mas também percebemos que a disciplina no ambiente escolar está vinculada ao conteúdo. Se o aluno tirar a nota nove em uma prova, mas deixar de fazer uma atividade ou um trabalho escolar que tem como objetivo aprofundar conhecimentos e se preparar para a avaliação, sua média será inferior a nota nove. Neste sentido, a disciplina pode também causar um estranhamento porque mesmo que o objetivo da aprendizagem tenha sido alcançado, ela é negada pelo seu próprio meio. Assim também quando são trabalhados afetos em um contexto superficial, ou seja, em uma culminância em que os alunos falem de valores de forma teórica em troca de uma nota, mas que não acontece de fato uma ação concreta de afeto. Para isso, é importante o aluno ser ouvido pelo que ele está sentindo e não apenas o que ele leu e decorou como se fosse mais um conteúdo das disciplinas escolares. Mas algumas pessoas entendem

que se a escola se dedicar às vivências afetuosas, ela pode correr o risco de sair da sua função que é possibilitar títulos. Talvez seja por isso que tem instituições de ensino que não têm na sua grade curricular qualquer disciplina ou ações que trabalhem valores humanos. Quem nunca escutou alguém dizer que a escola é para ser alguém na vida? Mas sem se perceber que ao dizer isso estabelece um preconceito e uma exclusão para quem não teve acesso à escola. Ao ouvir isso, quem não terminou os estudos sente ainda mais que a escola está alheia a ele e ele a ela.

### **2.3.2 Ao outro**

O desejo de uma educação eficaz que gere uma transformação social é visto em muitos casos como uma cobrança feita aos educadores e aos trabalhadores de instituições escolares como se o processo de aprendizagem fosse rápido e de uma responsabilidade exclusiva desses profissionais. Tal exigência que não corresponde a uma possibilidade real de que possa ser cumprida de forma imediata, requer uma atenção redobrada, pois diante de imensas atividades, muitos professores acabam se tornando escravos do sistema. Assim como acontecem com os demais trabalhadores, como citei neste capítulo.

Geralmente os professores são retratados em filmes como super-heróis e é por isso que é comum em palestras e em aulas de licenciaturas, palestrantes exibirem produções audiovisuais que apresentam exemplos de professores empolgados e que transformam a educação, para que de certa forma possam ser inspiradores para novas ações e transformações no ambiente escolar. Entretanto esta descrição dos educadores como aqueles que dedicam a sua vida para a missão do ensinar, que quase todo seu tempo é voltado para trabalhar para a escola, mesmo já estando em casa, é vista como o ideal de um educador para o sistema capitalista. A concepção de um bom profissional no contexto em que estou pontuando é aquele que aceita todas as ordens com caráter de exploração expostas, pois entende que o seu trabalho serve apenas para executar tarefas que lhe foram ordenadas. Isso significa que o trabalhador é “despersonalizado, desumanizado, vazio por dentro, esvaziado de seu conteúdo concreto e vivo, que pode se deixar modelar facilmente por qualquer manipulador de consciências; em suma, o homem-massa” (VÁZQUEZ, 1978, p. 276-278). É comum encontrarmos com professor-massa.

O ser humano praticamente vive de forma exclusiva para exercer sua profissão e no caso dos professores parece que essa cobrança ainda é maior, por isso eles são tratados em películas como aqueles que acabam se separando do esposo ou da esposa, deixam de cuidar

de si e dos seus próprios filhos para se dedicar, quase integralmente, aos dos outros. Tais filmes tratam do papel do professor de uma forma utópica e que exige de um profissional habilidades que muitas vezes não competem a ele. Como por exemplo: ser psicólogo, detetive, policial, assistente social e entre outros. É como ocorre com a professora Gruwell, interpretada por Hilary Swank em *Escritores da Liberdade*<sup>7</sup>, com o professor François Marin interpretado por François Bégaudeau em *Entre os Muros da Escola*<sup>8</sup> e com Jaime Escalante interpretado por Edward James Olmos em o *Preço do desafio*<sup>9</sup>. Será que esses filmes representam bem o papel do educador e o contexto do ensino brasileiro, já que nenhum foi produzido no Brasil? É só uma representação ou um incentivo para que cada profissional da educação faça o mesmo, ou seja, abdicando do seu momento de lazer, família e sua própria vida? O professor que leva o trabalho para casa e que de uma certa maneira atinge esse ideal profissional vistos nos filmes são mais valorizados? Se sim, então é como se o indivíduo fosse também uma mercadoria. Os homens são produtos das circunstâncias e da educação.

O modo pelo qual os homens produzem os seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que tem de reproduzir. Não se deve considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar sua vida, determinado modo de vida dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 1984, p.27).

### 2.3.3 A luta contra a alienação

A educação entendida como um órgão da moral que tem como função a

<sup>7</sup>O filme relata o dia a dia de uma escola de um bairro pobre que está inserida em um contexto de agressividade e violência. A maioria dos estudantes se mostra rebelde e sem o desejo de aprender. A sensação é que eles não se reconhecem no ambiente escolar por se sentirem excluídos da sociedade por questões territoriais, de raça, gênero, entre outros. Entre vários professores, muitos que nem acreditam mais no potencial daqueles jovens, chega uma professora que para se sentir acolhida por eles pede-lhes para escreverem sobre a vida deles, além de apostar em outros métodos diferentes de ensino. Aos poucos, os alunos vão retomando a confiança em si mesmos, aceitando mais o conhecimento e reconhecendo valores. O problema é que para isso ela dedica quase todo o seu tempo, abdicando da sua própria família.

<sup>8</sup>No filme *Entre os muros da escola*, também localizada na periferia, descreve as dificuldades relacionadas à violência, tensões étnicas entre os alunos e o de testar até onde vai a paciência dos educadores. Uma das principais mensagens é que para ser professor precisa ser determinado.

<sup>9</sup>A película denominada *O preço do desafio* escancara a figura do professor como aquele que sofre com alunos rebeldes e com a pressão do grupo gestor que exige dele que a turma tenha um bom comportamento, entretanto não indica caminhos. O filme também relata que mesmo quando o professor consegue bons resultados em comportamento e em notas nas avaliações internas e externas, ele ainda precisa provar que os resultados são verdadeiros.



automediação para gerar a autorrealização no meio social, pode ser um exemplo de atividade não alienada. O educador é aquele que inspira a autoeducação, isto é, um orientador para que o seu aluno possa ter protagonismo juvenil, a partir das suas qualidades e conhecimentos prévios. Inspirar para uma autoeducação é uma forma de lutar contra a alienação, pois respeita a liberdade humana e valoriza a riqueza que o ser humano é a partir dele mesmo. O aluno precisa ser livre para produzir, participando de todo o processo de criação do que está sendo proposto.

A transcendência positiva da alienação pode ser uma tarefa educacional, mas que só é possível para Marx se for a partir de uma estratégia socialista não utópica. A educação socialista não pode ter a ilusão de que a classe dominante pode mudar de opinião. Isto é, aqueles governantes ligados ao Capitalismo estando no poder têm uma tendência a favorecer que as instituições públicas de ensino não sejam de total qualidade e de fácil acesso porque se não os proprietários das instituições privadas podem ter menos público, ocasionando menos lucro para eles. Como afetam em recursos financeiros, se torna pouco provável que possam ter mudanças de atitudes a esse respeito, por isso Karl Marx defende que tem que ter luta de classe e que a educação seja uma ação política capaz de romper com o sistema educacional que prioriza o capital. “Só na prática revolucionária se unem a transformação das relações actuais e a transformação dos homens mediante a educação” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 76). A prática de uma educação socialista precisa acontecer de forma coletiva e que tenha como objetivo ter relações humanas menos atacadas pelo oportunismo, ilusão, individualismo, e da competitividade.

Só a prática revolucionária pode ser a base para a superação do oportunismo, que exige a adequação às relações existentes, e da utopia, que adia a educação para um futuro melhor. Só ela proporciona uma atitude à margem do fatalismo e da arbitrariedade individual. A prática revolucionária é a actuação coletiva que se fundamenta nas necessidades objectivas, é uma actuação na qual o aparecimento consciente das leis de desenvolvimento se une à energia e vontade de participação activa na configuração deste desenvolvimento (SUCHODOLSKI, 1976, p. 76).

Quando se ensina para que o sujeito seja ator da sua própria história, contribuindo para o sentido de estar no mundo e de conviver com o outro, pode-se criar uma ilusão que esse processo aconteça a partir da imaginação de uma escola dos sonhos e que desejamos alcançar. Entretanto, os agentes atuantes da educação estão presentes no atual momento, que corresponde às questões sociais que estão além dos problemas educacionais, por isso se faz necessário diante da formação escolar considerar a vida real. Quando o professor explica o seu conteúdo com exemplo do dia a dia e quando o conhecimento adquirido é gerado para

uma transformação pessoal.

Esta actuação é levada a cabo em relação às condições reais e às actividades dos homens e não apenas às representações, na esfera da consciência à margem da prática, no campo da teoria abstracta e da moral. Só então é possível ao educador desenvolver uma teoria pedagógica que deduza da realidade e seja adequada à transformação prática desta realidade (SUCHODOLSKI, 1976, p. 80).

Lutar contra a individualidade no contexto escolar para Marx é reconhecer que mesmo que a escola seja um ambiente coletivo, muitas vezes contribui para o isolamento e a competitividade. O formato da sala de aula, com as fileiras de cadeiras que não favorecem a interação, e uma formação de quem será o melhor da turma e aquele que será o pior.

a educação não deve ser interpretada como ajuda para o processo interno e autónomo da individualidade, como método para fortalecer o valor e a força da individualidade que se desprendem da situação concreta social, como incentivo para a configuração do carácter único original do Eu, como menosprezo das massas a favor de uma sobrevalorização dos eleitos. Toda a metafísica e mística da pedagogia da individualidade é atacada por Marx nas suas próprias raízes (SUCHODOLSKI, 1976, p. 111 e 112).

É importante destacar que a luta contra a alienação na escola acontece quando os sujeitos componentes que fazem parte do processo da educação assumem que em alguns casos pode acontecer um autoengano<sup>10</sup>. Lutar para o bem de todos e todas para que possamos transformar a alienação em desalienação. Seria através das aulas de Filosofia vinculada com o cinema?

Teríamos assim dois momentos na relação espetáculo-espectador: de um lado o *pathos*, o êxtase, a alienação; de outro lado o distanciamento, o reconhecimento da realidade, a desalienação. O movimento de um estado ao outro pode ser feito várias vezes durante o desenrolar do espetáculo. O movimento que o espectador realiza de um pólo dialético a outro dentro da obra é análogo ao que realiza a partir da realidade de todos os dias com o teatro ou cinema e vice-versa. Também esta fuga da realidade de todos os dias para submergir numa realidade fictícia, um mundo autónomo no qual vamos reconhecer-nos a nós mesmos para depois retornarmos enriquecidos com a experiência é um movimento de alienação e desalienação (ALEA, 1984, p. 86).

---

<sup>10</sup>Autoengano foi citado para retratar quando transformamos os interesses pessoais em interesses de classe.

### **3 O CINEMA NO AMBIENTE ESCOLAR E A DESALIAENAÇÃO DO HOMEM**

Uma possível mudança da alienação em Karl Marx, vista no capítulo anterior, para a desalienação é por meio da prática. Embora para Marx a solução para essa transição deveria ser através da luta armada e da revolução, proponho neste capítulo a tentativa de uma relação entre o cinema e o pensamento marxista através de exemplos de produções audiovisuais já existentes que tenham uma linguagem a respeito da luta de classe e da consciência social.

O cinema tem uma linguagem direta, podendo despertar a consciência do indivíduo diante da sua importância no mundo. Os filmes podem gerar uma reflexão sobre os tipos de comportamento a partir de uma autorreflexão. Ao comparar os personagens com a sua vida, o indivíduo faz uma crítica sobre si mesmo, contribuindo para sua formação humana. As experiências em produzir, assistir e debater os vídeos expressam dimensões de sensibilidade, das múltiplas linguagens que relacionam Cinema, Marxismo, Filosofia e Consciência.

#### **3.1 Cinema e Marxismo**

##### ***3.1.1 O cinema como uma linguagem direta da realidade social***

O cinema pode ser compreendido como uma arte de muitas possibilidades: conhecimento mais amplo, abertura à vida, mais experiências no campo das relações humanas, descoberta das artes em todas as formas e seus valores. Com a sétima arte podemos conhecer a partir de um aspecto geral, como um todo. É possível aprender através da fala, gestos, figurino, cenário, objetos em cena de uma forma clara e direta. Voltado para abertura à vida e à realidade social, a arte cinematográfica estabelece compromissos que incentivem a valorização e ao respeito a vida humana. O cinema gera encontros, apreciações e debates, contribuindo para as experiências das relações humanas, pois ao produzir e ao assistir, todo o seu processo é de forma coletiva. Mesmo que a pessoa assista sozinha, geralmente ela partilha seus pontos de vista a respeito do filme para outra pessoa. Um convite para ir ao cinema ou assistir uma película em casa é sempre muito agradável e visto com bons olhos para as relações amorosas, de amizades e encontros de família, podendo agregar valores humanos e conhecimentos, além do lazer.

A Cultura cinematográfica é desenvolvida no ser humano, sobretudo a partir dos oito anos de idade, contribuindo para um senso estético, capacidade de julgar e de diferenciar os sentidos reais dos irreais. Utilizamos do senso estético quando julgamos, apreciamos, raciocinamos e decidimos o que é belo e o que não é. Isso é importante por conta da nossa autonomia de escolha. Geralmente, a estética conquista ou gera desprezo, pois avaliamos um vídeo pela sua arte. Talvez seja por isso que muitos vestem as roupas dos personagens e compram objetos com a marca do seu filme preferido porque se identificam. A identificação do indivíduo com a sétima arte se dá por conta da capacidade de julgamento que é desenvolvida ao longo da sua experiência em assistir. A relação entre o que é real e o que não é pode ser compreendida por uma oportunidade que temos para aumentar nossa capacidade de imaginar, criar, inventar, improvisar, escrever e buscar entender a sociedade a partir do que realmente é real e possível. É necessário ressaltar a importância da relação do cinema como espaço de cultura e conhecimento. “A cultura cinematográfica supõe, portanto, conhecimentos de sociologia, filosofia, psicologia etc., sempre mais desenvolvidos à medida que aprofundamos seu estudo e a pesquisa do campo de suas influências” (SÁ, 1967, p. 97). Relacionar Filosofia com o cinema é fortalecer as perspectivas de um filosofar de forma teórica e prática.

Como uma escola de costumes, o cinema é a cultura de um povo, pois cria moda, incentiva para ações e atitude, além de gerar reflexões sobre as escolhas que cada comunidade vem fazendo ao longo da história, a partir das suas preferências e ideologias.

O cinema é sem dúvida, uma legítima fonte de pesquisa sobre a sociedade e os filmes sobre a juventude constituem-se em registro histórico tanto das épocas em que foram filmados, quanto de épocas passadas e reconstituídas pelo cinema. Muitos contêm elementos discursivos e imagéticos importantes para a compreensão das culturas e do comportamento de grupos sociais (TEIXEIRA; LOPES; DAYRELL, 2009, p. 205)

O comportamento humano de julgamento, de criticar e de determinar regras morais e de censura é muito comum ser visto quando se assiste a um filme. Entretanto precisamos ter responsabilidade ao criticar porque não se deve fazer julgamento sem estar baseado em argumentos teóricos e técnicos. Uma crítica sem fundamento pode gerar várias situações desagradáveis e provocar impactos emocionais e psicológicos com graves consequências.

A crítica que conscientemente se omite ou procura destruir e ridicularizar sistematicamente o papel da Censura é talvez tão responsável quanto o médico que deixa solto um louco perigoso quando pode prevenir a família e tomar as medidas que

se impõem. É muito fácil permanecer alheio aos problemas e omitir-se quanto êles são desagradáveis... (SÁ, 1967, p. 85).

Ainda sobre o comportamento humano diante de uma tela de cinema, é importante destacar os aspectos das reações do público. O que o cinema nos provoca? Quando as produções audiovisuais contêm cenas violentas é como se liberássemos energias e estresses do cotidiano. Quando são cenas engraçadas geram comportamentos de alegria e de entretenimento, mas quando os filmes representam o mal como realidade pode chegar até o público como um inconveniente ou como um desabafo de suas insatisfações a respeito da sociedade. Isso acontece porque a linguagem do cinema é direta. Quando o professor de Biologia vai lecionar sobre a planta, ele pode levar uma e mostrar para seus alunos enquanto explica, mas quando o professor de Filosofia vai explicar sobre o amor ele não tem como levar o conceito para ser apresentado durante sua aula. Talvez a encenação possa ser esse elemento para uma possível visibilidade do conceito que está sendo utilizado. Mas se o profissional não tem essa habilidade ou mesmo que tenha não prefira, pode ser apresentado através de vídeo, pois o cinema é uma linguagem visual e sonora que facilita a compreensão para um debate mais proveitoso. “O cinema dispõe de uma linguagem ao mesmo tempo sutil e complexa, capaz de transcrever com agilidade e precisão não só os acontecimentos e os comportamentos, mas também os sentimentos e as idéias” (MARTIN, 2003, p. 238).

A linguagem do cinema é direta porque respeita a liberdade de expressão e os costumes de um povo. Por proporcionar uma reflexão antes, durante e depois, os filmes devem ter o papel de denunciar os problemas sociais, as negligências dos nossos gestores e a alienação vista na sociedade capitalista. Esse tipo de abordagem em uma tela respeita o ato livre de pensar e incentiva para a consciência crítica que é totalmente diferente de doutrinar. Mas não é apenas a obra em si que relata os problemas sociais, mas a própria dificuldade que é gerada para o acesso ao cinema, representa um problema sério em nossa sociedade.

### ***3.1.2 Cineclubes***

O cinema tem sua relevância cultural, artística e social, mas a que infelizmente algumas pessoas não têm acesso. A importância do cinema para todas e todos é essencial para uma sociedade crítica e menos alheia ao outro e ao mundo. A partir do conceito de alienação em Karl Marx visto no capítulo anterior, é possível afirmar que a ganância de uma classe privilegiada mantém pessoas alienadas. Embora na época de Marx o cinema não existisse,

percebemos hoje que o cinema é utilizado para alguns, como uma estratificação social<sup>11</sup> criando ilusão de que o cinema é um espaço apenas para quem tem como pagar valores altos. Contrariando essa questão, surge o cineclube proporcionando a exibição de filmes e debates gratuitos ou inferior a um quarto dos valores em salas comerciais.

Cineclube é um organismo vivo, uma associação que surgiu no começo do século passado. É importante destacar que embora tenha a palavra “clube”, não tem nenhuma relação com um espaço elitista. Como um espaço democrático e participativo, os coletivos cineclubistas se reúnem e entendem o cinema como possibilidades para fins de estudo e debate, assim como para exibição de filmes previamente selecionados. Entretanto, existe ainda quem o entenda como uma atividade de mero lazer e entretenimento. Independente da motivação, o movimento cineclubista é uma prática já existente na sociedade despertando o desejo de reagir ao seu próprio meio social, pois o Cineclube pode ser uma formação sociocultural do cidadão. Uma sessão cineclubista precisa ter mais de uma pessoa assistindo, pois o filme é um despertar para que depois haja a troca de informações, propor novas amizades e até mesmo interferir na comunidade, caso seja o objetivo do cineclube específico. Alguns vão trabalhar mais voltados para a discussão da linguagem cinematográfica, outros ligados aos movimentos sociais, igrejas e políticos e tem aqueles que decidiram não se vincular com outras associações para ter vida própria. Cada coletivo tem suas questões e objetivos definidos pelos seus membros, mas é plausível encontrar uma possível característica que une a ideia de pensar a história em que se vive, atraindo um público que tenta sair da alienação.

Cada cineclube tem sua personalidade, alguns, por exemplo, têm um foco central em exhibir e debater filmes de cineastas marxistas, como é o caso do coletivo Cine Marxista do professor de Filosofia, Romero Venâncio, da Universidade Federal de Sergipe que acontece quinzenalmente, sempre aos sábados, das 19 horas às 21 horas. Em um ambiente de respeito e de acolhida, cada integrante é motivado a escolher uma película e iniciar a discussão em um dos encontros do coletivo aqui citado.

Vivemos em um contexto onde os debates que acontecem, geralmente são movidos por violência verbal e física devido o fanatismo, pessoas agressivas e tensas, além de uma moda do cancelamento<sup>12</sup>. Diante desse contexto, o cineclubista Diogo Gomes Dos

---

<sup>11</sup> Estratificação social é o termo utilizado para designar a divisão da sociedade através da ideia de uma classe superior a outra, a partir da determinação que um grupo de pessoas não pode entrar em certos lugares.

<sup>12</sup> O cancelamento é um fenômeno social da internet a partir de um comportamento padrão de exclusão oriundo de uma insatisfação diante de algo que não foi do agrado do outro.

Santos<sup>13</sup> em uma entrevista a mim concedida afirmou que “o Cineclube é um processo de humanização, pois é um espaço para falar e escutar, além de uma grande oportunidade para respeitar as diferenças e compreender que discordar não é ofensa pessoal”. O coletivo se reúne para preparar a curadoria do evento cineclubista e procura criar um espaço de acolhimento para que esse processo de humanização e do ato livre do pensar aconteça. “O cineclube é uma grande sala de aula dentro do propósito que te leve a pensar no seu meio social”, acrescenta Diogo. O filme após finalizado é exibido em uma sala comercial de cinema, festivais, emissoras de TV e cineclubes, sendo que muitos deles, por não ter espaço na mídia e nem como financiar, ficam apenas no cineclube. Segundo o Diogo, cerca de 80% da produção audiovisual brasileira não são exibidos nas grandes mídias. Muitos cineclubes além de exibir guardam as obras como uma forma de preservar o material para outras gerações.

Como membro da assessoria do Conselho Nacional de Cineclubes brasileiros<sup>14</sup>, na função de comunicação, percebo que é comum escutar entre os cineclubistas de vários estados o termo “o meu cineclube” e isso me parece bastante estranho, embora muitos nem percebam que diante de um coletivo a palavra “meu” parece ser contraditória. O cineclube não tem dono, pois todo o seu processo se faz de forma coletiva. Durante o meu trabalho no CNC venho buscando dialogar com cineclubes de várias realidades diferentes com o intuito de conhecer e unificar ainda mais, inclusive os não afiliados. Neste intuito criamos o programa Cineclubar vinculado pelo canal do YouTube CNC - Conselho Nacional de Cineclubes – Br que tem como objetivo o cineclube contar sua história, objetivos, suas atividades, sua relação com a comunidade e com o audiovisual brasileiro ou o que o cineclube achar mais importante mostrar em até oito minutos no máximo. Está sendo uma experiência maravilhosa para fortalecer a ideia que estaremos mais ainda unidos quando nos conhecemos, admiramos o trabalho dos demais companheiros e que buscamos não ser indiferentes. No dia 26 de maio de 2022, na comemoração dos sessenta anos do CNC, a primeira presidenta do conselho, Tetê

---

<sup>13</sup>Diogo Gomes é diretor, produtor e roteirista. Atua na área cineclubista desde 1978, é um dos fundadores do Cine Clube Bixiga, do qual foi programador e administrador; foi assessor para Cinema e Vídeo da Fundação Cultural Cassiano Ricardo de São José dos Campos, onde também criou e dirigiu o programa de TV “Hein? ”, pela TV Setorial do Vale do Paraíba. Foi premiado no Festival de Gramado em 1995 como Dir. Produção do filme em S-8 “Prisão de Mente”, de Vera Scenice e Sérgio Concílio. Foi presidente da Federação Paulista de Cineclubes (1983/4) e do Conselho Nacional de Cineclubes (1985/6). Criou e Editou o jornal “Imagemovimento”/1984/85 e a Revista “CineclubeBrasil”, 2004/2008.

<sup>14</sup> Entidade nacional representativa dos cineclubes brasileiros, fundada em 26 de maio de 1962 e reestruturada como Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros em 13 de junho de 2006.

Avelar<sup>15</sup>, em entrevista no programa Pra Pensar da rádio Fm Benfica, localizada em Fortaleza-CE, apresentado por mim, afirmou que “a entidade de Cineclubes foi construída de forma coletiva para fortalecer o diálogo sobre cinema, a formação cineclubista e de certa forma mudar o nosso olhar de ver o mundo”. A presidenta acrescentou: “ao sair de uma sala comercial de cinema é diferente de você sair de uma sala de cineclube que você debateu depois”.

### ***3.1.3 A Arte Cinematográfica Relacionada Com a Teoria e a Prática Marxista***

O marxismo<sup>16</sup> não tem a totalidade de um pensamento, pois a diversidade de filósofos adeptos de Karl Marx é essencial e rica para todos e não apenas para um que se coloque como a única forma de interpretar Marx. Cada filósofo tem sua contribuição e é importante ter essa abertura para valorizar o desenvolvimento da divulgação dos ideais socialistas que consistem em amenizar as desigualdades geradas pelo capitalismo a partir de sistemas econômicos e sociais caracterizados pela propriedade social que pode ser pública, coletiva, cooperativa ou patrimonial.

Um pesquisador marxista deve estar preocupado em pensar sua época e suas demandas. Marxismo é uma ferramenta para compreender a realidade, por isso não se pode estudar Marx e estar alheio a sua sociedade, isto é uma forma de pensar articulado com o nosso tempo. Por isso precisamos entender a exploração e dominação do capitalismo sobre o ser humano para lutar contra esse tipo de violência que faz com que vivamos em uma “pré-história da exploração”, esse é um termo utilizado para defender que o sistema econômico e político utilizado não representa o novo, pelo contrário, pois mesmo que mude, a maneira continua sendo uma exploração entre a raça humana. O objetivo da luta do Karl Marx não é só refletir sobre a sociedade de exploração, ou apenas a negação dela, ou a revolta, ou a crítica, ou por uma questão moral, mas para uma compreensão que possa existir um modo de produção para o futuro da humanidade. É diferente da utopia porque é pensar o futuro de forma prática e possível através da luta de classe. É importante deixar claro que é uma superação da exploração e não é uma sociedade de controle da produção dos trabalhadores que se tornam superiores aos patrões. Quando os operários fazem greve e suas revoltas não são para eles se tornarem donos das empresas em que trabalham, mas para terem condições

---

<sup>15</sup> Tetê Avelar é professora, pesquisadora em Cinema e Educação, primeira presidenta do Conselho Nacional de Cineclubes brasileiros, diretora do Ciclo Minas, secretária adjunta de Mulheres da CTB de Minas Gerais e coordenadora do Cineclube Joaquim Pedro de Andrade.

<sup>16</sup> É importante notar que o termo marxismo era desconhecido pelo Marx.



dignas e que seus direitos sejam respeitados. A busca é sempre pelo fim da exploração da mais-valia, termo bastante utilizado por mim no capítulo anterior.

Para Marx não se separa teoria e prática, as duas se fazem necessárias para criar uma intervenção direta na sociedade, pois é a partir da realidade que podemos ter uma teoria coerente. “Por isso, o conceito de práxis no pensamento de Marx só pôde ser elaborado depois que o filósofo encontrou no proletariado o portador material da revolução capaz de superar a sociedade burguesa” (KONDER, 1992, p.103). A Práxis (teoria e prática) é a consciência da ação que me leva a algum lugar como uma transformação da sua própria história. É importante provar sua teoria na prática.

Práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poder alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. Os problemas cruciais da teoria se complicam interminável e insuportavelmente quando a teoria se autonomiza demais e se distancia excessivamente da ação (KONDER, 1992, p.115-116).

Embora Marx não seja da mesma época do Cinema, pois este surge apenas dez anos após a sua morte, mas é interessante fazer essa relação entre o cinema e o marxismo a partir da concepção da sua proposta de práxis e seu entendimento a respeito da arte. A arte para Marx é como a autoeducação estética prática do homem. Isso significa dizer que a arte não deve ter uma função comercial, mas uma ação que gere conhecimento e possibilidades de mudança de comportamento do indivíduo.

A concepção que Marx tem da arte visa a acrescentar uma nova dimensão à vida humana, para transformá-la em sua totalidade através da fusão dessa nova dimensão com todas as outras atividades da vida. Nessa concepção, a produção e o consumo da arte se tornam aspectos inseparáveis da mesma atividade vital que só pode ser descrita como a auto-educação prática do homem (MEZAROS, 1981, p. 192 e 193).

O cinema e o marxismo se relacionam por filmes políticos. Não é sobre falar de questões partidárias ou até mesmo teorias políticas, mas propor ações concretas em uma sociedade que necessita de soluções. Geralmente, filmes de cineastas marxistas expõem problemas sociais e a busca do indivíduo pela sua liberdade e autonomia. As primeiras obras, após 1919, foram produzidas pelos soviéticos que já demonstravam uma contestação de valores. Desde o primeiro período o cinema soviético teve esse caráter marxista, tornando o filme como mais um meio de luta contra a hegemonia cultural da burguesia. A origem do cinema marxista surge durante a guerra civil na União Soviética, para alertar a população

sobre o contexto de enfrentamento socialista contra o sistema capitalista. Os primeiros filmes com características marxistas eram exemplos da influência do pensamento de Karl Marx com o cotidiano. *Um Homem Com Uma Câmera* é um exemplo disso por retratar a realidade de forma livre pelo cineasta DzigaVertov. Produzir filmes que relatam a miséria, a fome e a desigualdade social como consequências da sociedade capitalista, além da demonstração dos benefícios que o sistema socialista proporciona para a população pode ser considerado como a transformação de um cinema apenas estético para um cinema engajado. A arte cinematográfica relacionada com a teoria e a prática marxistas é um convite para a criticidade, podendo contribuir nas aulas de Filosofia, sobretudo quando o professor estiver lecionando sobre Política Contemporânea.

## 3.2 Cineastas marxistas

### 3.2.1 Godard

Entre os cineastas que têm uma tendência marxista, destacamos Jean-Luc Godard que em suas produções audiovisuais abordava convenções cinematográficas, política e filosofias a partir de uma perspectiva humanística sobre os conflitos humanos. Godard é considerado inovador para a história do cinema, pois ele acredita que “apreendendo o cinema, apreende a realidade: o cinema é um corpo-vivo, objeto e perspectiva” (ROCHA, 2003, p. 36). O cineasta francês faz parte da conhecida nova onda denominada de

Nouvelle Vague, que surgiu na França no fim dos anos 1950, marca uma renovação de gerações no seio de uma indústria cinematográfica que chegara a certo estado de esclerose criativa. Ela acontece de dez a 15 anos depois da Liberação, defasagem bastante característica – e original – da evolução da sociedade francesa no campo cultural (MARIE, 2011, p. 103).

O cineasta francês usava câmera móvel e incentivava os seus atores a interpretarem de forma espontânea e despojada, como um cinema bem autoral. “Os filmes da Nouvelle Vague não teriam alcançado tanto eco na crítica e no público se não tivessem abordado temas novos nem falado da sociedade francesa de modo diferente do cinema anterior” (MARIE, 2011, p. 85). Entre seus principais filmes, analisaremos: *Viver a vida*, *Nouvelle Vague*, *Filme Socialismo* e *A chinesa*. Sendo que este último é o que está sendo mais utilizado nesta dissertação.

O filme *Viver a vida* (1962, Drama, 1h 20m) relata as dificuldades e as impossibilidades que a personagem Nana tem diante das escolhas da vida. É possível notar que as classes menos favorecidas não têm muitas opções e acabam cedendo sua vida para a classe dominadora. Isso acaba gerando infelicidade em Nana, que sem ter escolhas, teve que vender seu próprio corpo ao se tornar garota de programa. Ao exibir para os alunos envolvidos na pesquisa desta dissertação eles gostaram bastante e perceberam que aquela juventude perdida em seu próprio caminho e mergulhada em várias decepções se parece muito com a juventude deles. “É bastante difícil lidar com os fracassos da vida”, afirmou uma aluna durante o filme. A cena do rompimento do casamento, a do afastamento do filho e das que representavam a angústia da protagonista por não ter como pagar o aluguel de seu apartamento apresentam bem as dificuldades da jovem que experimenta as dores de uma sociedade capitalista. A esperança de ser uma atriz estava cada dia mais distante e é nesse ponto que foco minha análise. O filme está “diretamente relacionado com o elogio ao resgate da auto-estima e a busca de auto-conhecimento está o questionamento sobre a própria vida... a vida deve ser vivida intensamente, como não se pode deixar de ir em busca de nossos sonhos” (SILVA, 2007, p. 204). O estranhamento de Nana com a cidade grande e a frustração por não conseguir realizar seus sonhos podem tornar uma pessoa alheia ao outro e a si mesma. Tal situação faz a gente se distanciar da felicidade e de viver a vida com sabedoria e com as escolhas certas, mas somos realmente nós que estamos no controle da nossa vida?

*Nouvelle Vague* (1990, Drama/Experimental, 1h 29m), o filme inicia com a personagem Elena andando sozinha até se encontrar com Roger Lennox que demonstrou interesse por ela. No primeiro encontro, com os dois em um barco onde estavam atravessando o lago para ir ao encontro dos amigos de Elena, acontece um acidente com Roger que acaba caindo na água. O estranho é que Elena não o ajuda, parecendo indiferente ou mesmo inconsciente da situação de Roger. Após o acontecido, Elena conhece o irmão de Roger, que é idêntico a ele, que vai em busca dela, ameaçando-a de ser assassina e exige a direção de uma de suas empresas. Eles vão para o barco e acontece a mesma cena novamente, entretanto quem cai é ela. Naquele instante, Elena percebe que Richard Lennox é o mesmo homem que Roger Lennox. Penso que Godard utilizou dessa obra a fim de gerar uma reflexão a partir da própria visão do espectador devido não ter clareza dos acontecimentos de forma mais lógica, convencional, dos filmes mais conservadores e por finalizar com eles indo embora, aparentemente para ter mais aventuras como iguais.

*Filme Socialismo* (2010, Drama, 1h 42m) retrata sobre as mazelas da sociedade perante o capitalismo que gera problemas econômicos e sociais em um contexto de pós-

modernidade. Para demonstrar a estratificação social e as desigualdades sociais, Godard apresenta as contradições de uma sociedade a partir da ideia de uma família rica que está em um cruzeiro de luxo e uma outra que vive com bastante dificuldades financeiras. Mas qual seria a solução para tal situação? Seria, então, a arte o único escape dentro da frenética lógica capitalista? Percebo que durante o filme a resposta sempre vai encaminhando para sim. Como por exemplo: o garoto pintando um quadro no posto de gasolina. A arte pode proporcionar uma mudança dentro de um capitalismo selvagem. O filme *Socialismo* representa a ideia de que o comportamento artístico é o caminho para tirar o cidadão médio da alienação do sistema. É importante destacar que para o cineasta em questão, a arte do cinema que pode ser uma formação pedagógica não alienante, ela é e deve ser livre, isto significa que as definições e os limites do cinema experimental são e devem ser colocados em dúvida. É possível notar variações nos formatos audiovisuais.

A principal produção audiovisual de Godard para esta dissertação se chama *A chinesa* (1967, Drama/Sátira · 1h 36m) que conta a história de quatro jovens que se reúnem no período das férias em um apartamento emprestado para estudar e compartilhar suas ideologias comunistas. Eles escreveram na parede: “Devemos confrontar as ideias vagas com ideias claras” como um lema para suas discussões sobre a Revolução Cultural Chinesa, o Comportamento de um Comunista, Marxismo e principalmente sobre a Alienação. O filme, em sua maior parte, é uma junção de monólogos intercalando entre os integrantes do grupo. Um conta a história de um ator chinês que durante a Revolução colocou curativos em seu rosto e começou a gritar pedindo socorro e afirmando que estava muito ferido. Chamando a atenção dos repórteres, ele retira os curativos e todos percebem que era uma *performance* artística apresentada por ele como uma forma de gerar uma reflexão da realidade, entretanto muitos demonstraram indiferença. O interessante é que entre os jovens existia uma que sua função não era estudar e nem contribuir com as discussões, se restringindo apenas a atividades domésticas solicitadas pelos demais. A jovem afirma que percebe contradições durante sua vida e demonstra suas dificuldades financeiras que a levaram para a prostituição. Um outro pega um livro e lê em voz alta como deve ser um comunista. Entre várias características, cito tais atitudes: deve perceber que a ditadura é necessária contra os assassinos; deve ser franco, reconhecer que a revolução deve vir antes da sua própria vida; colocar o coletivo acima dos interesses pessoais; não pode ser arrogante e nem intolerante. Tem uma cena bastante intrigante que é representada por uma moça com um pano cobrindo quase todo o seu corpo e ela faz uma reflexão de como as pessoas vão olhar para ela: Uma mulher negra será vista com indiferença? Existe empatia na relação dos russos com os chineses? Essas indagações durante

o filme vão interagindo com quem está assistindo, tornando a película bem dinâmica, na minha opinião, além de uma tentativa de sociedade menos alienada através do cinema. Os personagens representam “o mal-estar de uma juventude anterior a 1968, tão desnorteada quanto revoltada, em busca de um ideal revolucionário” (MARIE, 2011, p. 97). Na aula de Filosofia marxista surge o questionamento: Pode uma revolução não socialista passar pacificamente para uma socialista? A resposta gerada foi que sim, mas tendo em vista que toda revolução não pode ser pacífica, por isso os jovens que estavam reunidos eram a favor da luta armada e alguns do terrorismo também. Ao dizer que toda guerra progressista é justa e que toda guerra que é um obstáculo ao progresso é injusta, é importante notar que eles compreendem que o verdadeiro comunista é o não perigoso, mas que tiveram que se tornar já que o inimigo não muda. A luta se faz necessária na visão desses jovens por conta das injustiças sociais e porque os ditos “poderosos” estão armados e são altamente violentos. Sobre a outra indagação, a respeito se deve ou não serem queimados os livros com pensamentos e ideias totalitários, eles afirmaram que não porque é necessário ler o que não concordamos para podermos criticar com fundamento. Em todo o filme, Godard demonstra a importância da leitura e que a fundação teórica em Marx e em Lenin servem como um guia em nosso pensamento e ação. O casal na janela repetindo o seu lema enquanto faz exercício físico representa muito bem essa minha última afirmação. Entretanto, o marxismo anteriormente mostra as falhas da sociedade capitalista, mas que atualmente se faz necessário mostrar também que há uma estrutura, projetos e vontades do homem que não podem se modificar, é como se o indivíduo fosse apenas uma ideia inventada pelos modernos como uma mão de obra para o trabalho capitalista. Um dos exemplos para demonstrar a alienação apresentada em *A chinesa*.

Após o filme *A chinesa*, surge o grupo Dziga Vertov com o intuito de produzir filmes políticos, mas não é só falar sobre conceitos relacionados à política, mas é radicalizar, isto é, apresentar a luta de classe e o filme por si só já ser um produto de resistência. Vários cineastas adeptos às ideias de Karl Marx se junta a Godard para fazer cinema revolucionário para convidar as pessoas para o engajamento social. Penso que os filmes de Godard não servem apenas para assistir e debater, mas sobretudo para sentir e transformar.

### 3.2.2 Tomás Gutiérrez Alea

O cineasta cubano, Tomás Gutiérrez Alea foi um dos fundadores do *Instituto Cubano da Arte e da Indústria Cinematográficas* (ICAIC)<sup>17</sup>, ele é conhecido por produzir filmes com pensamentos marxistas e a importância de uma sociedade socialista.

O cinema cubano e sua estrita aplicação e seu enquadramento artificial de uma realidade em movimento, como a cubana, dispersaram, moderaram e reduziram as possibilidades de criação abertas pela revolução. As circunstâncias políticas da época, a sensibilidade dos cineastas e suas intenções sociais não mais encontravam correspondência nas formas implantadas por uma escola que já completava vinte anos (Ramonet, apud HENNEBELLE, 1978, p. 128).

Suas obras se caracterizam pelos conflitos entre os personagens, mas não têm nenhuma relação com a ideia de bem contra o mal ou o contrário. Suas produções audiovisuais são voltadas para apresentar a realidade de Cuba após a revolução de 1959. Entre suas principais obras, destacamos: *Morango e Chocolate* e *Memória de 68* ou *Memórias do Subdesenvolvimento*. Percebo que todos esses filmes têm uma busca por “responder à necessidade básica, o objetivo final: a transformação da realidade e a melhoria da condição humana” (ALEA, 1984, p. 30). Para isso, Alea afirma que o cinema precisa ser visto e praticado a partir da consciência crítica como

um cinema militante a partir do interior da revolução e dirigido em primeira instância aos homens que compartilham essa circunstância histórica não constitui um problema fácil. Sobretudo se não queremos nos contentar com fórmulas já tradicionais que tendem a simplificar e esquematizar a realidade em nome da exaltação dos valores revolucionários. Sobretudo se não nos contentamos com a inútil retórica e pretendemos que o cinema constitua um elemento ativo e mobilizador, que estimule a participação no processo revolucionário. Não basta, então, um cinema moralizante assentado em prédicas e exortações. É necessário um cinema que eleve e estimule o senso crítico (ALEA, 1984, p. 102).

O filme *Morango e Chocolate* (1994, Comédia dramática, 1h 51m) me parece muito bem planejado e executado. Tem um roteiro emocionante porque fala sobre amor, amizade, homossexualismo, aceitação do ser diferente, o potencial do ser humano em buscar ser melhor e de um eterno amor a Cuba, a Havana e aos cubanos. *Morango e Chocolate* conta a história de um rapaz que devido à vitória de Fidel na Revolução Cubana consegue entrar em uma universidade gratuita. Adepto ao comunista, o jovem faz uma crítica violenta aos

---

<sup>17</sup> O Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas surgiu logo após a Revolução Cubana, no dia 24 de março de 1959 com o intuito de produzir filmes que tratam questões socialistas e que incentivem as pessoas a serem melhores e que eleve as produções audiovisuais em Cuba.

ditadores e ao absolutismo e o filme nos traz isso de forma bem humorada, pois ele, triste pelo fim do namoro e por muita insistência de Diego, um homossexual declarado e contrário ao governo comunista em Cuba, eles acabam se tornando amigos, mesmo com as enormes diferenças de pensamentos e ideologias. O encontro entre os diferentes apresenta as qualidades e sobretudo os defeitos do regime cubano e todas as suas implicações no que se refere à liberdade de expressão. Enquanto o governo de Fidel gerou uma resolução de problemas sociais como o analfabetismo, a prostituição e a desigualdade social, mas, em contrapartida, a falta de liberdade e os limites de um país sob um governo autoritário devem ser ditos e são pelo corajoso cineasta Alea. O filme foi indicado ao Oscar e foi premiado vinte e três vezes ao redor do mundo.

Inspirado no romance *Memórias Inconsoláveis*, de Edmundo Desnoes e na própria História da Revolução Cubana, *Memória de 68* ou *Memórias do subdesenvolvimento* (2005, drama, 1h 50m) inicia com um homem baleado em uma festa popular, mas as pessoas continuam dançando como se nada tivesse acontecendo. Ao mesmo tempo, os ricos vão se despedindo e saindo de Cuba, entre eles, a família do personagem principal do filme que é um burguês culto chamado de Sérgio. Sua esposa não se despediu dele e durante o caminho de volta para o seu apartamento em Havana ele foi relembando momentos de sua vida e objetos que a lembram. Sentindo-se sozinho em sua moradia e diante do fato do fim da Revolução com a vitória de Fidel Castro e Che Guevara, Sérgio escutando o canto dos pássaros faz uma relação da vida dele com aqueles dois animais presos na gaiola, inclusive um estava morto. Ao perceber o animal morto, joga-o pela varanda, aumentando ainda mais a concepção de que ele estava como aquele passarinho que restou. Ao mesmo tempo, ele observa a cidade, de cima e de longe, para o cineasta: “A luneta no terraço é o símbolo mais contundente da sua atitude perante a realidade: ele vê tudo de cima e, de longe, é capaz de julgar a realidade – a partir do seu ponto de vista subjetivo –, mas não pode participar dela ativamente” (ALEA, 1984, p. 106). Olhando para a cidade que já não tem mais as luxuosas lojas e onde as pessoas estão, na visão do personagem, infelizes e angustiadas, ele se questiona: “Que sentido tem a vida para eles? E para mim?” e depois afirma: “Eu não sou como eles”. Em uma outra cena, ele conversa com seu amigo sobre a situação da fome em Cuba desde que os espanhóis chegaram à ilha. Ele diz que cerca de quatro crianças morrem por minuto de doenças causadas por subnutrição em um total de vinte milhões de crianças em dez anos e faz a comparação com o número de mortes durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto não demonstra nenhuma ação para amenizar tal situação. Voltando para a cena dele no apartamento, mas agora acompanhado por sua empregada que conta para ele sobre o seu batismo na igreja e ele

logo imagina a situação de forma erótica, demonstrando a imagem de um homem que em tudo enxerga sexo e com um olhar machista em relação ao feminino que é visto como um objeto de desejo e “é compreensível que os valores que marcaram profundamente todos os estratos da sociedade durante séculos não desapareçam da noite para o dia” (ALEA, 1984, p. 109). Uma outra cena que retrata este assunto é o primeiro encontro dele com a Elena quando ele se aproveita de uma suposta inocência da garota que sonha ser atriz e consegue ter um relacionamento sexual com ela para satisfazer seus desejos carnis por uma possível troca de vestidos da sua ex-esposa. Ao mesmo tempo em que o filme apresenta as questões que envolvem o Sérgio, também apresenta questões relacionadas à revolução, embora o personagem tente fugir do assunto. Um exemplo disso é a cena em que o rádio está ligado informando notícias de Cuba e do conflito com os Estados Unidos e ele desliga voltando a escutar seus áudios brigando com a sua ex-esposa. Na estrada, ele vê um *outdoor* que engrandece o sucesso do Exército Cubano em impedir a invasão da Praia Girón, na Baía dos Porcos, e mesmo não querendo interagir com o que está acontecendo, Sérgio lembra de seus amigos e familiares que foram embora por conta da Revolução. O filme consiste em uma memória do personagem principal diante do seu incômodo com as inquietações paralisantes e a incapacidade dele em agir sobre a realidade e até mesmo de transformar seus conceitos e valores.

O objetivo do filme é questionar a sobrevivência de valores próprios da ideologia burguesa em meio à Revolução. À medida que o filme progride, ao longo da destruição que o personagem sofre, o espectador deve ir tomando consciência de sua própria situação, da inconseqüência que significa ter se identificado com Sérgio em algum momento. Por isso, quando termina de ver o filme, o espectador não sai satisfeito: não descarregou suas paixões – bem pelo contrário: carregou-se de inquietações que devem desembocar numa ação sobre si mesmo primeiro e, conseqüentemente, sobre a realidade que habita (ALEA, 1984, pp. 110, 111).

### 3.2.3 *Ken Loach*

Também influenciado pelo pensamento marxista, Ken Loach é um cineasta sensível às causas sociais e busca denunciar os abusos que a classe operária vem sofrendo desde a crise do Petróleo e sobretudo nos anos 1970, após o surgimento do neoliberalismo<sup>18</sup>. Seus filmes tratam sobre a busca de uma coerência política, embora ele esteja muito mais

---

<sup>18</sup> Neoliberalismo é uma forma econômica que busca distanciar o poder do Estado nas questões econômicas, destinando essa ação para os grandes empresários, por isso os neoliberais são contrários às políticas de bem-estar sociais. Após o neoliberalismo muitos trabalhadores diminuíram os salários e direitos.



preocupado em denunciar a exploração existente. Entre suas principais obras, analisaremos: *Kes*, *Pão e Rosas* e *Eu, Daniel Blake*.

O filme *Kes* (1969, Drama, 1h 50 m) conta a história do personagem Billy Casper que com 15 anos de idade já sofria abusos e humilhações, devido aos problemas familiares. A separação dos pais e o fato de ser agredido pelo seu irmão mais velho afetaram a sua vida pessoal e social. Por se sentir só, encontrou no falcão Kes uma companhia e começa a treiná-lo. Loach em sua primeira produção audiovisual também coloca em questão a impaciência dos professores do garoto que no lugar de tentar dialogar e descobrir o que estava acontecendo com o Billy gerou foi constrangimento através de castigos e humilhações. A escola não era um lugar agradável e de aprendizagem para o jovem em questão devido não se sentir acolhido e seguro. A figura do falcão é bem significativa por representar refúgio e sobriedade diante do caos. Fica evidente em *Kes* um modelo autoritário das ideias ultraconservadoras e uma outra mais liberal na estrutura educacional e na sociedade como um todo. Quando Billy conta um relato emocionante a respeito da sua relação com o Kes, o seu professor ainda se encontra indiferente, mas depois aceita ir conhecer o animal e ver como seu aluno treinou-o bem. Eles perceberam que quando tudo ficava em silêncio era porque a ave se movimentava.

*Pão e Rosas* (2000, drama, 1h 52m) conta a história da “saga dos trabalhadores ilegais mexicanos, sintetizados na trajetória de duas irmãs, que lutam para conseguir trabalho e qualidade de vida nos EUA, enfrentando inúmeros preconceitos e dificuldades” (NAPOLITANDO, 2006, p.127). O filme inicia com os mexicanos entrando nos Estados Unidos de forma ilegal, entre eles, se encontra a jovem Maya que vai morar com a sua irmã em busca de oportunidade de emprego. Entretanto os motoristas que fazem esse traslado não permitem a saída da garota que acaba indo para a casa de um deles que ganhou no sorteio, com quem dormiria a primeira noite com a bela garota. Mas Maya, muito esperta, consegue escapar e finalmente chegar até a casa de Rosa, que consegue emprego de faxineira para sua irmã. O interessante é que no final do filme descobrimos que ela conseguiu a vaga em troca de sexo com o seu patrão. Como Maya é imigrante ilegal, ela tinha que pagar uma comissão com o valor de um salário mínimo para não ser denunciada pela própria empresa que a contratou. Em seu primeiro dia de trabalho, já percebeu que o seu uniforme a deixa “invisível”, devido a indiferença das pessoas para quem executa funções inferiores. No mesmo dia ela conheceu o sindicalista e o ajudou a fugir dos seguranças, mesmo sem saber quem realmente ele era. No outro dia ele vai até a casa dela e diz que: “Há dezessete anos os trabalhadores recebiam 8,50 dólares e agora diminuiram para 5,75 e com menos direitos”. A

cena acontece no ano de 1999 com o neoliberalismo, aqui já citado. Rosa responde dizendo: “Não acredito mais em ninguém. Você vai pagar minhas contas? Qual foi a última vez que você trabalhou como faxineiro?”. Cena que demonstra a visão de muitos operários descrentes com os sindicatos. O filme também relata, em várias cenas, o desrespeito ocasionado pelo gerente que é bastante grosseiro com os seus funcionários. O líder do sindicato questiona os trabalhadores: “Sabem por que eles se tornaram a maior empresa?” E ele mesmo responde: “porque diminuíram os salários. Devemos pressionar fechando os sinais como forma de manifestação”. Mas nem todos estão de acordo. O chefe deles descobre a reunião que eles tiveram com o sindicato e ameaça, além de tentar manchar a imagem dos sindicalistas ao dizer: “O que eles querem é o dinheiro de vocês”. Em um outro momento, os trabalhadores já mais esclarecidos apresentaram ao patrão a lei que permite a saída deles durante o horário de almoço, mais uma vez eles são ameaçados a perderem seus empregos. Loach faz questão de mostrar as manifestações, depoimentos, a violência dos policiais, a ousadia positiva e negativa dos manifestantes e como a dita grande mídia se posiciona a esse respeito. A luta pelo aumento de salário e demais direitos é exposta nas ruas, eventos festivos e no próprio local dos trabalhadores em questão. “Queremos pão e rosas” eram os gritos e o que estavam escritos em vários cartazes. Após a manifestação, muitos foram presos. Ainda na delegacia eles descobrem que os pedidos foram atendidos e comemoram a vitória, entretanto Maya é obrigada a retornar ao seu país imediatamente por estar de forma ilegal.

O filme *Eu, Daniel Blake* (2016, Drama, 1h 40m) conta a história do personagem Daniel que não tem direito ao auxílio de saúde em seu trabalho. Ele busca lutar pelos seus direitos, mas a burocracia sobre o requerimento a respeito do seu auxílio é bastante complicada, pois tudo é resolvido pela internet, mas nem todos têm acesso. Ken Loach apresenta, através de várias cenas, denúncias a respeito das condições sociais ocasionadas pelas más condições de trabalho, entre elas, destaco a fome, pobreza e prostituição. A mãe solteira e desempregada passa fome para poder alimentar seus filhos com a pouca comida que conseguiu através de um programa de retirada do kit alimentação. Tal ação representa muito descaso e desumanidade, pois embora a atitude da entrega de alimentos seja necessária para a sobrevivência das pessoas, não tinha para todos, era feita de forma desorganizada e com restos de comida. O desemprego influencia em vários fatores, como por exemplo na escola. A filha dessa mãe aqui citada é humilhada na escola porque come de forma desesperada, pois ela sabe que o único lugar que terá como se alimentar será no seu colégio. O sapato descolado e por ver que ela não tinha condições nem de se arrumar melhor, as outras crianças zombavam dela. Essa cena faz com que a mãe decida se prostituir. Enquanto isso, Daniel continua

buscando seus direitos, pois não consegue emprego por conta da sua doença e nem consegue o auxílio. Diante do seu desespero, ele em uma localidade com bastante visibilidade faz um ato de rebeldia, picha um muro com uma frase pedindo para marcar a data da entrevista para conseguir o recurso que tem por direito. “Sou homem e não um cão, por isso exijo os meus direitos. Sou um cidadão nada mais, nada menos”. Ele foi preso e algumas pessoas que estavam passando próximo ao ato se manifestaram a favor de Daniel. Já livre, foi para a sua entrevista para que enfim pudesse ter o seu direito alcançado, mas tem um ataque cardíaco no banheiro da própria instituição onde estava.

Em todas as suas obras, Ken Loach reafirma como o cinema que ele acredita abraça o realismo cultural. “Um cinema que concebe um realismo baseado na vivência do cotidiano e na reflexão sobre o presente como a melhor forma de compreender e pensar a sociedade contemporânea. Realismo que, no cinema de Ken Loach, conta com roteiristas que foram operários e/ ou líderes sindicais” (BAPTISTA, 2008, p. 74). Com base nos filmes realistas de Loach, identificamos as seguintes características: de não ser enganador, o povo se vê dentro do filme pois falam sobre aspectos sociais comuns, não cria expectativas exageradas, é contra o elitismo, os personagens principais sempre são os de baixo, parte do elenco com atores amadores e é produzido em uma boa parte com uma luz natural, tornando suas produções dentro de um caráter independente. “Em Loach, é a adoção de técnicas visuais e de direção de atores adaptada da tradição do documentário” (BAPTISTA, 2008, p. 75 e 76). Suas películas representam a ascensão dos partidos da esquerda marxista, do movimento operário e da tentativa de ser uma prática de um cinema desalienante.

## **2.3 O uso da técnica do cinema nas escolas como um processo de consciência crítica**

### ***2.3.1 A Técnica e os Elementos cinematográficos***

Desde a sua descoberta, há mais de um século, o cinema encanta, provoca e comove milhares de pessoas que foram, vão e irão assistir a filmes na sala escura do cinema ou mesmo em suas casas, certamente estão aí incluídos muitos professores e alunos e, mesmo assim, o cinema ainda não tem ‘entrada franca’ na escola. A maioria das experiências que pretendeu fazer do cinema uma linguagem educativa acabou se pretendendo ao conteúdo das histórias ‘em si’, sem considerar outros aspectos do potencial cinematográfico (SILVA, 2007, p. 57).

O cinema pode ser uma técnica executada na escola como um processo da consciência crítica dos alunos, professores, grupo gestor e trabalhadores em geral da instituição de ensino. Faz-se necessário compreender que esta arte aqui refletida serve para

apresentar o conteúdo através do filme, conhecimento da técnica e dos elementos artísticos na linguagem cinematográfica. Essa junção solicita a necessidade de um aprendizado básico sobre cinema para uma melhor compreensão do que se está assistindo.

Embora o cinema já seja utilizado há algum tempo por muitos professores, pelo menos desde o final dos anos 1980, só mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem o professor. No campo das humanidades existe uma razoável bibliografia, e alguns autores tentam apontar para um trabalho que não apenas incorpore o conteúdo, a ‘história’ do filme, mas também seus elementos de performance (a construção do personagem e os diálogos), linguagem (a montagem e os planos) e composição cênica (figurino, cenário, trilha sonora e fotografia)... (ALMEIDA, 2001, p.29).

As características fundamentais da imagem fílmica são realistas, o próprio movimento das imagens e o som que são gerados e que fazem uma relação direta com aquilo que está vendo. O som nos proporciona procurar novas imagens e enxergar outros fatores nesse movimento de imagens que em alguns casos os nossos olhos não conseguem captar naquela cena. Diferente das peças teatrais, os filmes têm uma emergência para esclarecer o real, pois não trabalham muito com a imaginação. Quando tratamos de uma imagem realista voltamos para o cineasta Alea e percebemos que não é só apresentar o real de uma sociedade em uma película, mas refletir novas perspectivas de realidades.

O realismo do cinema não está na sua suposta capacidade de captar a realidade “tal como ela é” (que é somente “tal como aparenta ser”), mas na sua capacidade de revelar, através de associações e revelações de diversos aspectos isolados da realidade – isto é, através da criação de uma “nova realidade” – camadas mais profundas e essenciais da própria realidade (ALEA, 1984, p. 42).

A imagem em um filme é uma realidade estética e tem um valor afetivo, pois transmite o olhar do diretor e do roteirista como uma imagem artística da realidade que é representada em alguns casos através de símbolos. O personagem pode ser toda a humanidade, por exemplo. Isso demonstra que aquilo que se vê em uma produção audiovisual pode ter vários significados e funções. Entre elas, destacamos a montagem do filme que serve para uma transição de ações dadas pelos personagens e o contexto mental do espectador que é motivado a sentir aquilo que está sendo proposto, mesmo que embora quem está assistindo é livre para reagir de acordo com o seu jeito de ser. Como uma forma de reproduzir o real e afetar nossos sentimentos, a atitude estética nos faz, de uma certa medida, compreender que estamos diante de uma representação e não diretamente do real, porque o cinema é arte e os atores interpretam seus personagens e não sua vida propriamente dita. Por isso “não deve alienar a consciência que possui de estar diante de uma realidade (MARTIN, 2003, p. 29).

A câmera, instrumento para gravar o filme, tem o papel através do cinegrafista de criar e condicionar “a expressividade da imagem. Esses fatores são, numa ordem que vai do estático ao dinâmico: os enquadramentos, os diversos tipos de planos, os ângulos de filmagem, os movimentos de câmera” (MARTIN, 2003, p. 35). Os enquadramentos são vistos de várias formas: eclipse, sinédoque, símbolo, formato inclinado, profundidade de campo e a forma desordenada. Eclipse é quando foca em alguns elementos e excluindo outros. O Sinédoque são os primeiros planos, como por exemplo a imagem apenas de uma parte do corpo do personagem. Símbolo que é quando o plano fixa a imagem apenas em um símbolo, um objeto da cena. O formato inclinado demonstra inquietação. Quando se refere à profundidade de campo é porque está caracterizando uma infinitude. A forma desordenada quando a câmera é sacudida. Os planos devem ser levados em consideração pelo tamanho para representar a distância entre a câmera e o objeto, pela escolha daquilo que deve ser mostrado para gerar clareza e aparecer o que é necessário para a cena, além da finalidade do plano que deve ser gerado para quem assiste a partir de uma percepção do cineasta.

Quando se vê um filme percebendo elementos cinematográficos, fica mais fácil para a compreensão daquilo que se está assistindo. Não estou aqui dizendo que os professores e alunos devem ser especialistas em cinema, mas que deve ter alguma noção antes ou durante a exibição, como aqui já citado. Como por exemplo: ao assistir um vídeo em que o personagem está em primeiro plano, geralmente isso é representado a partir de uma forte tensão mental dele, proporcionando um poder de significação da imagem, mas quando é apresentado com o plano geral já muda e faz com que ele se reintegre com o mundo. O filme não é só aquilo que se diz através da fala, por isso como é importante ter um conhecimento básico de cinema que possa gerar em quem assiste, por exemplo, um entendimento a respeito da intenção do cineasta quando ele se utiliza de um ângulo contra-aplongée que é a imagem de baixo para cima para representar uma ideia de superioridade ou o de aplongée que é de cima para baixo que significa uma forma de rebaixamento. Esses movimentos da câmera, escolhendo não deixar ela fixa, pode representar o acompanhamento de um personagem, uma ideia ilusória de movimento de um objeto, descrição de um espaço ou ação, ameaça, perigo, expressão subjetiva de um personagem em movimento e até mesmo uma tensão mental.

A câmera ao gravar uma produção audiovisual se conecta também com elementos fílmicos não específicos como a iluminação, por exemplo, que “constitui um fator decisivo para a criação da expressividade da imagem” (MARTIN, 2003, p. 56). Seu objetivo pode ser destacar objetos e personagem, separados ou juntos, gerar uma ideia de profundidade ou até proporcionar uma percepção emocional, dramática e aterrorizante. O vestuário precisa estar

conectado com a época em que o roteiro está direcionando a história, quando for filmes que buscam um interesse de mostrar a realidade, mas para aqueles que são para-realistas as roupas dos personagens são as da moda do momento ou uma inovação de novas tendências. O figurino também pode descrever tipos sociais ou estado de alma a partir de uma concepção de vestuário simbólico. Nenhum ator deve entrar em cena com uma roupa não autorizada pelos figurinistas que têm a função de determinar a importância da peça para aquela cena específica. Além de verificar que a roupa que foi usada em uma outra cena não pode ou deve ser repetida. A maquiagem e o cabelo são essenciais e seus profissionais estão inseridos na construção coletiva para a criação das características de cada personagem. O cenário em uma peça teatral tem sua importância, mas pode ser feita sem ele, no cinema tal atitude é bem mais difícil, pois

o conceito de cenário compreende tanto as paisagens naturais quanto as construções humanas. Os cenários, quer sejam de interiores ou de exteriores, podem ser reais (isto é, preexistir à rodagem do filme) ou construídos em estúdio (no interior de um estúdio ou em suas dependências ao ar livre (MARTIN, 2003, p. 62 e 63).

O cenário realista é aquilo que é, o impressionista é um local que expresse um estado de alma, mas de forma natural, quando é artificial se torna expressionista. Cada locação de cena precisa ser bem pensada pela equipe e direção de arte que é

essencial da composição do espetáculo, a direção de arte atua sobre um dos componentes centrais de construção da linguagem cinematográfica: seu aspecto visual. Quando falamos em direção de arte, estamos referindo-nos à concepção do ambiente plástico de um filme, compreendendo que este é composto tanto pelas características formais do espaço e objetos quanto pela caracterização das figuras em cena. A partir do roteiro, o diretor de arte baliza as escolhas sobre a arquitetura e os demais elementos cênicos, delineando e orientando os trabalhos de cenografia, figurino, maquiagem e efeitos especiais. Colabora, assim, em conjunto com o diretor e o diretor de fotografia, na criação de atmosferas particulares a cada momento do filme e na impressão de significados visuais que extrapolam a narrativa. (HAMBURGUER, 2014, p. 18)

Sobre a organização dos planos de imagem que chamamos de montagem, devem ser respeitadas as ordens e a duração da proposta do roteiro e do diretor (a). Observa-se que um filme em que há uma sequência lógica e cronológica, sua montagem é narrativa demonstrando que “cada uma das imagens de um filme mostra um aspecto estático dos seres e das coisas, e é sua sucessão que recria o movimento e a vida” (MARTIN, 2003, p. 143). Existem filmes que têm uma montagem expressiva com duas imagens como uma espécie de choque, podendo proporcionar sentimento e ideia. Uma produção audiovisual de qualidade exige de uma transição de cenas de qualidade com sequências de imagens que contribuem para um enredo e uma atração maior da história que está sendo refletida a partir da obra

artística. Para isso, “A edição pode interferir no ritmo da narrativa (lenta ou rápida), no desfecho da história (encurtando partes ou adicionando-as ao roteiro) ou no preenchimento ou não de lacunas narrativas imprevistas” (NAPOLITANO, 2006, p.60). A função do editor não é fácil, pois as gravações são geradas priorizando a sequência das cenas por espaço e não por montagem.

Cada sequência é filmada em rolos de película e nem sempre as sequencias que vemos nos filmes foram feitas nessa ordem. Muitas cenas finais são filmadas antes das iniciais. A ordem de filmagem obedece a critérios de racionalização de ocupação do estúdio e deslocamentos para externas. A ordem que vemos nos filmes é produto da edição final, que ordena o material filmado numa lógica narrativa ou expressiva desejada pelo diretor (NAPOLITANO, 2006, p. 59).

Os atores e atrizes acompanhados pela direção do filme sabem que a atuação precisa ser executada o mais natural possível, diferente do teatro que é de forma bastante exagerada, na maioria das vezes. “A fascinação exercida pelo cinema advém sobretudo da possibilidade que oferece ao espectador de se identificar com os personagens através dos atores. Mas o que faz o prestígio do grande ator, tanto no cinema como no teatro, é que ele consegue impor sua personalidade a seus personagens” (MARTIN, 2003, p. 73 e 74). O ator deve interagir na cena com corpo e alma. Em o filme *A Ilha da Morte* (2007, Drama/Aventura, 1h 28m), do cineasta cearense Wolney Oliveira, fiz o personagem que era um integrante do grupo de cinema em Havana, Cuba, que atuou em um filme produzido pelo personagem principal dentro da própria produção audiovisual. Na cena em que eu falava: “Queremos la muerte de Kalistratus”. Estava segurando uma enxada e precisava fazer desse instrumento um componente para aquilo que estava sendo dito e vivenciado pelos demais atores presentes em cena. Ocorreu tudo como previsto. Tal exemplo corresponde à importância de que os elementos utilizados pelos personagens precisam fazer sentido.

### **3.3.2 Cinema nas escolas**

O cinema com sua linguagem própria é uma fonte de pesquisa e se relaciona com a educação justamente por ser uma fonte histórica que serve tanto para a disciplina de História e da área das humanas, assim como as demais áreas de conhecimento. Mas por que trabalhar com o Cinema na educação? É importante notar que embora esta dissertação tenha escolhido o cinema como a arte que contribui como uma saída para a alienação no campo escolar, sobretudo de forma específica nas aulas de Filosofia, não elimina nenhuma outra como também possível de ser estudada e executada. Mas é como “os cinéfilos costumam dizer que o

cinema apaixonado, atrai pelo que traz de abertura para reflexão, emoção, deslumbramento e conhecimento, já que temos os efeitos especiais e a criatividade, aliados à arte de bons roteiristas e diretores; o bom uso da literatura, dos fatos históricos e do cotidiano” (SILVA, 2007, p. 52). Muitas vezes o cinema é executado na escola como uma forma de ilustração do que é apresentado pelo educador.

Se fizermos uma retrospectiva em relação cinema-educação, podemos constatar que desde sua invenção o cinema tem sido apontado como fonte de pesquisa, e desde então, muito se tem teorizado e discutido a seu respeito. Se no início do século XX a teoria cinematográfica debatia se a imagem expressava ou reproduzia a realidade, hoje sabemos que a realidade não ilustra, nem reproduz a realidade, mas a (re) constrói a partir de uma linguagem própria, produzida num determinado contexto histórico (CIPOLINI, 2008, p. 47).

Os filmes exibidos na escola são mobilizadores de modos de sentir inseparáveis de modos de saber e de conhecer. Podemos elaborar, na educação, em aliança com formas de criação para contribuir para uma aprendizagem mais completa, pois podemos aprender com os filmes e também com os mundos que a eles se conectam. Cada exibição é uma viagem de conhecimento sobre o conteúdo e com as imagens, os lugares que são apresentados. Tudo fortalece para um ensino, caso as abordagens e metodologias forem bem organizadas em espaços variados de ensino-aprendizagem, traçando um conjunto de ações coletivas, tramadas de maneira colaborativa nos espaços de educação. O filme como recurso pedagógico pode ser libertador, integrar conteúdos, gerar uma socialização e uma análise crítica dos sistemas sociais existentes a partir das discussões que a própria película nos traz. Quando a arte do cinema é inserida na escola podemos perceber o valor didático da sua função a partir do poder que ela tem para inovar e criar.

O cinema exerce grande influência cultural no mundo contemporâneo, devido os efeitos que ele produz ao criar uma nova sensibilidade, novos valores, ideais e comportamentos. Estas mudanças sociais e culturais criaram a necessidade da escola repensar a educação com base na mutação de valores e introduzir novas fontes e metodologias na transmissão do saber (ROCHA, 2011, p. 64).

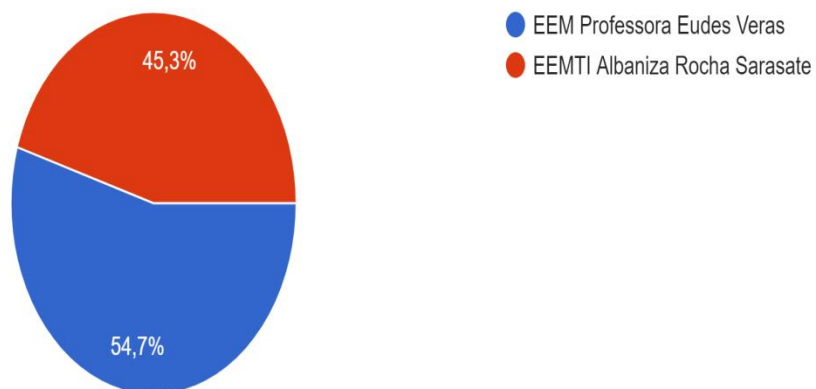
Para se ter uma compreensão do corpo discente de como o cinema é visto nas escolas, aqui em questão, convidei através de um *link* pelo Google Formulário enviado via WhatsApp para oitenta e seis alunos da EEMTI Albaniza Rocha Sarasate e cento e quatro da EEM Professora Eudes Veras. Um total de cento e noventa estudantes de 1º ano ao 3º ano de ensino médio responderam uma pesquisa elaborada por mim e aprovada pelo Conselho de Ética da UFC.



Gráfico 1 – Escola

ESCOLA:

190 respostas

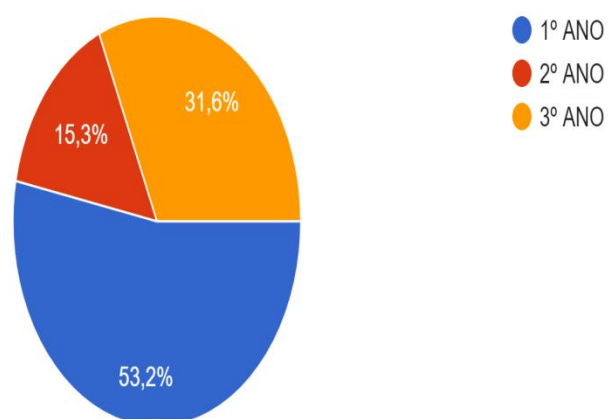


Fonte: elaborado pelo autor

Gráfico 2 – Série

SÉRIE:

190 respostas

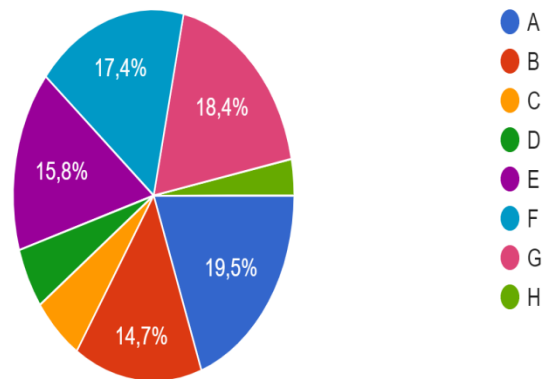


Fonte: elaborado pelo autor

Gráfico 3 – Turma

TURMA:

190 respostas



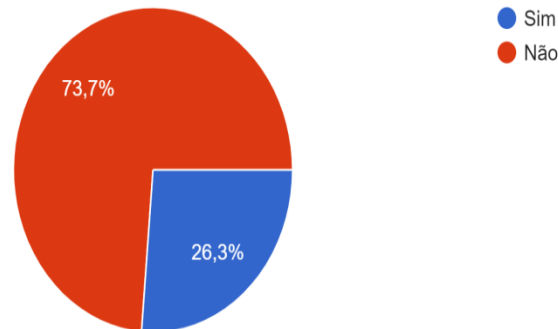
Fonte: elaborado pelo autor

A primeira pergunta foi sobre a existência da Lei 13.006/2014 que exige que as escolas públicas ou privadas de educação básica têm que exibir duas horas mensais de filmes de produção nacional: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais” (Lei 13006, 2014, artigo 8 da LDB). 73,7% responderam que não sabiam da existência e 26,3% afirmaram que sim. Embora este percentual de alunos que conhecia a lei seja bem pequeno, é importante, a meu ver, que seja valorizado, pois esta realidade parece ser bem menor em outras instituições.

#### Gráfico 4 – Existência da Lei 13.006/2014

1. Você sabia da existência da Lei 13.006/2014 que exige que as escolas públicas ou privadas de educação básica tem que exibir duas horas semanais de filmes de produção nacional?

190 respostas



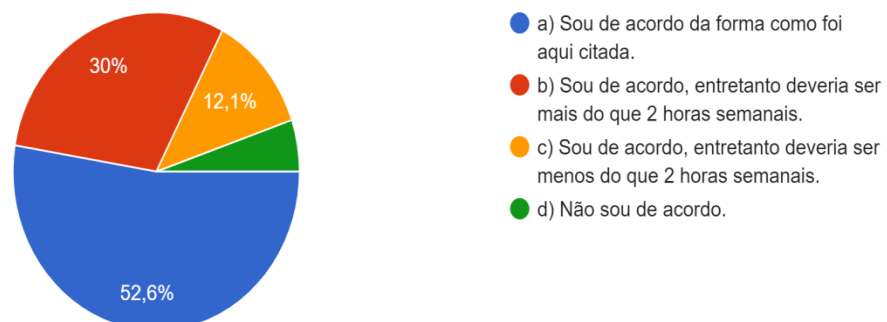
Fonte: elaborado pelo autor

Ainda sobre essa lei, os mesmos entrevistados afirmaram que são de acordo com ela, apenas 5,3% são contra e não afirmaram o motivo. Dos que são favoráveis à obrigatoriedade da exibição de filmes brasileiros nas escolas, 52,6% responderam que estão de acordo da forma como aqui foi citada; 30% gostariam que fossem mais de duas horas semanais e 12,1% falaram que embora sejam a favor da obrigatoriedade, deveria ser menos horas.

#### Gráfico 5 – Opinião sobre a Lei

2. Qual a sua opinião sobre esta lei citada na questão anterior?

190 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

Para a educadora Tetê Avelar, atualmente presidenta do Conselho Nacional de Cineclubes do Brasil, pontuou em entrevista pra mim, agora via Google Meet que esta lei é importante porque o aprendizado que o filme pode gerar possibilita o aluno sentir como era, dinamiza, podendo alcançar aos objetivos mais rápido do que os livros didáticos. Entretanto, ela questiona ao fato de que se a escola está preparada, por isso, afirma:

Não basta apenas colocar como lei, precisa dar condições para que a estrutura da escola possa atender a demanda. Não tem como colocar todos em um auditório. A exibição precisa ser bem pensada, programada, respeitar o interesse do público, na medida do possível e o professor tem que gostar de assistir filmes para que esse momento seja prazeroso.

Apresentar esses dados a respeito do pensamento sobre uma lei que envolve exibição de filmes em escolas e que a grande maioria não tem conhecimento, torna ainda mais importante esta dissertação. Proponho aqui uma produção de curtas-metragens, mas se muitas vezes não conseguimos nem cumprir uma lei que exige a exibição de filmes nas escolas como iremos dar conta dessas produções? Por isso se torna importante refletirmos a respeito de como a arte cinematográfica é vista nas instituições de ensino e como acontecem essas exposições e debates, para que no terceiro capítulo possamos dar continuidade a essa problemática levando em consideração que “o cinema é a mística de todas as artes, é a possibilidade de transformar luzes em sonhos” (SOUZA, 2011, p.9).

Segundo o Plano Nacional de Ensino, exibir filmes em sala de aula não é tão fácil como se imagina, pois o (a) professor (a) precisa ter objetivos claros e isso exige de tempo em seu planejamento. A partir de uma pesquisa<sup>19</sup> elaborada em duas escolas aqui citadas, todos os vinte educadores entrevistados de cada instituição, de áreas diferentes, concordaram que diante de múltiplas tarefas fica complicado planejar uma aula com vídeos, filmes, por isso muitos exibem sem um planejamento mais elaborado. Os educadores entrevistados também afirmaram a necessidade que o (a) aluno (a) precisa perceber que o cinema em sala de aula não deve ser para cobrir a falta de um professor e nem porque ele não quer explicar o conteúdo, mas a utilização dessa arte como mais uma possível linguagem pedagógica para que o aprendizado possa acontecer também de forma mais concreta. A partir dessa questão levantada pelos professores, questionei os alunos participantes da pesquisa, porque deve ser exibido filme na escola? 57,9% responderam que era aprofundar conhecimento sobre os assuntos que estão sendo estudados; 44,2% acreditam que é para proporcionar arte, cultura e conhecimento; 42,6% pensam que servem para que os alunos tenham um momento de lazer;

---

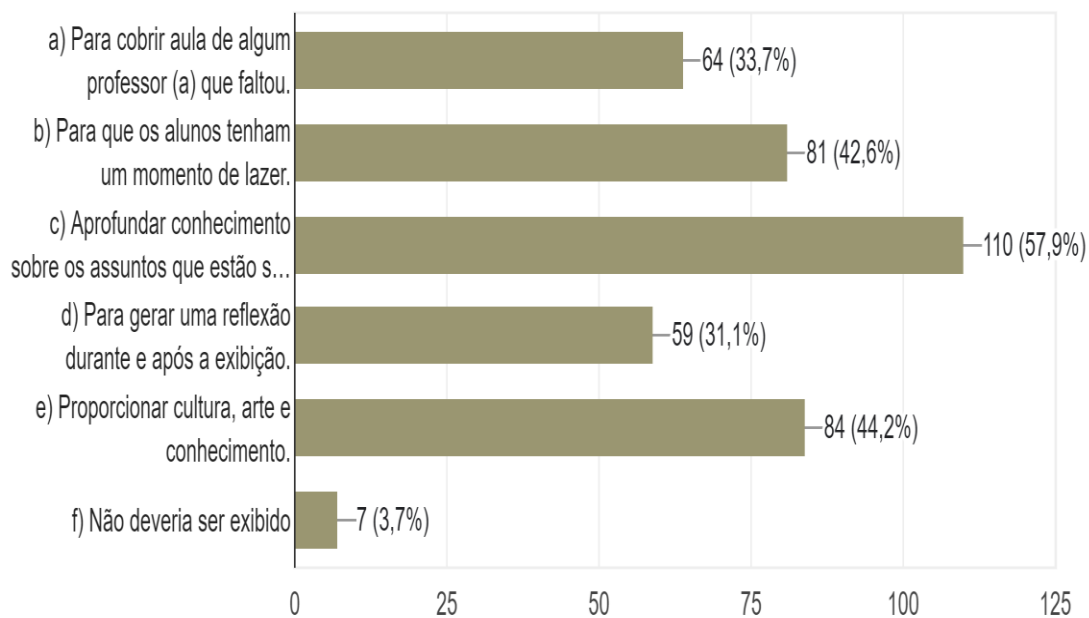
<sup>19</sup> Os dados apresentados da pesquisa com os educadores têm caráter de arquivo pessoal.

31,1% afirmaram que é para gerar uma reflexão durante e após a exibição. A respeito da ideia de exibir filmes pelo fato de cobrir a ausência de algum educador, representou na pesquisa 33,7% dos entrevistados. Ainda tivemos 3,7% que afirmaram que não deveriam ser exibidos filmes nas escolas, mantendo praticamente o mesmo percentual da questão anterior. É importante destacar que o número de alunos que concordam que a exibição de películas deve ser para cobrir aula quando professor falta e dos que pensam que é simplesmente por lazer são superiores àqueles que acreditam que servem para uma reflexão, podendo reconhecer que existe uma possível falta de explicação da importância de exibir filmes, embora a pesquisa também demonstre o fato positivo de mais da metade reconhecerem que os filmes têm caráter de aprendizado.

Gráfico 6 – Filme exibido na escola

3. Na sua opinião por que deve ser exibido filme na escola? Você pode escolher mais de uma opção.

190 respostas



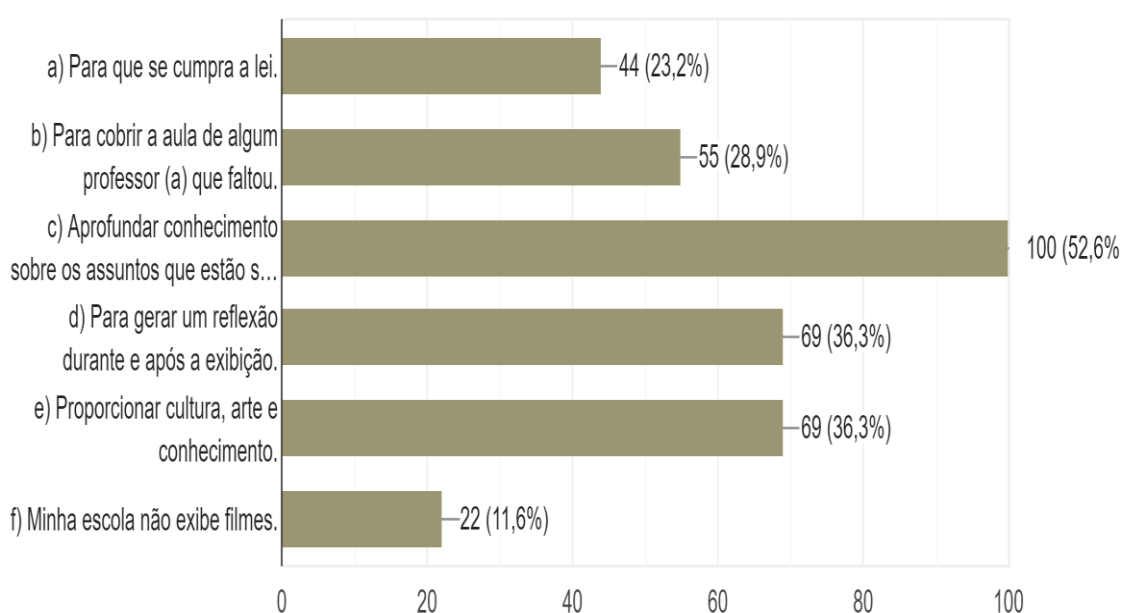
Fonte: elaborado pelo autor

Também perguntei por que a escola que eles estudam exibem filmes e as respostas foram praticamente as mesmas quando o questionamento era por que deve ser exibido filme na escola.

Gráfico 7 – Por que a escola exibem filmes?

4. Na sua opinião por que a escola exibem filmes? Você pode escolher mais de uma opção.

190 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

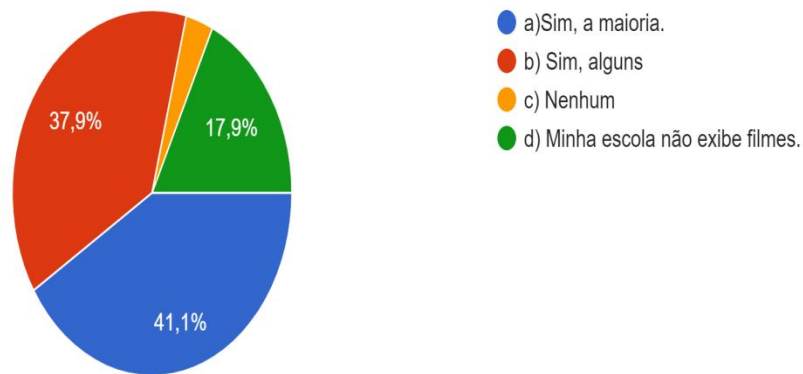
Mas é possível transformar a sala de aula em um cinema? O cinema é um espaço diferente da escola e esta dissertação não tem nenhuma pretensão de afirmar que a escola se transforme em um cinema nos moldes tradicionais, onde apenas exibem, mas esclarecer que a utilização dos filmes pode ser um método didático, pois “quando levamos o cinema para a sala de aula, criamos estratégias de diálogos e conhecimentos, uma vez que o cinema se constitui de várias linguagens” (SOUZA, 2011, p.10). Na escola podemos paralisar o filme para que o docente e os discentes possam fazer as observações de acordo com o conteúdo proposto ou até mesmo para responder aos questionamentos que vão surgindo. “O cinema poderia se somar à escola em sua função de criar condições para que todos/ as os/ as alunos/ as desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir

instrumentos de compreensão da realidade...” (ROCHA, 2011, p. 66). É na escola onde se formam pessoas críticas e protagonistas e não apenas observadores da arte, por isso perguntei aos alunos quando é exibido filmes, os professores geram debates? Independentemente de ser durante ou após a exibição. 41,1% disseram que sim, a maioria; 37,9 afirmaram que sim, mas são apenas alguns e os demais se manifestaram que não tem exibição de filmes.

Gráfico 8 – Debates durante exibição dos filmes

5. Quando é exibido filmes, os professores geram debates durante ou após a exibição?

190 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

Ressalto que a pesquisa foi elaborada durante a pandemia, onde os horários das aulas foram reduzidos e de forma totalmente remota, dificultando a experiência da exibição de filmes, embora muitos professores indicaram produções audiovisuais nos grupos de WhatsApp dos alunos e do Google sala de aula. Penso que esses dados mostram que o acompanhamento de um especialista com o conhecimento prévio da temática do filme e com um planejamento desse recurso didático contribui para um debate que requer um planejamento do que se trata a obra artística assistida para estimular ao público (alunos, familiares e pessoas em geral) a uma reflexão. Até porque quando os alunos foram questionados sobre a exibição dos filmes, o que seria melhor na opinião deles, o que ficou em primeiro lugar foi que o professor deveria fazer uma motivação antes da exibição e em segundo lugar que o professor deveria parar o filme quando necessário para aproveitar a presença do pesquisador sobre o assunto. Em terceiro lugar ficou que deveriam ser exibidos preferencialmente curtas-metragens ou médio para ter tempo para um debate após a exibição.

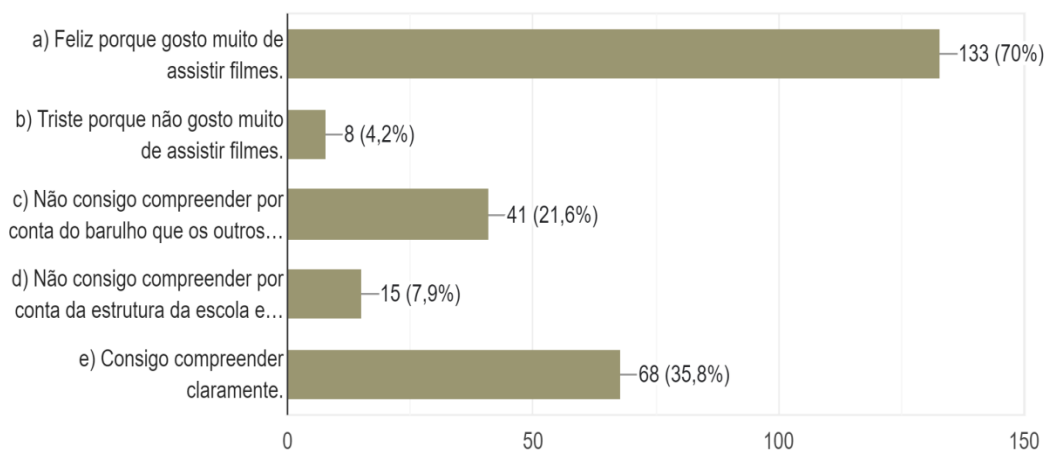
Se o professor exibir um longa-metragem em sala de aula serão necessárias no mínimo três aulas, já o curta-metragem pode ser exibido em uma única aula deixando mais tempo para o debate e o esclarecimento sobre o assunto proposto.

O cinema em sala de aula pode contribuir para que a escola possa “reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2006, p.11 e 12). Os curtas servem como estratégias para dinamizar as aulas e aproveitar o conhecimento visto em sala de aula com elementos culturais e artísticos contribuindo na formação humana do estudante. Durante a pesquisa, perguntei como cada aluno se sente no momento de exibição de filmes durante a aula e 70% afirmaram que se sentem felizes porque gostam de assistir filmes e 4,2% falaram o contrário. 35,8% declararam que conseguem compreender claramente no momento de exibição, mas 21,6% não conseguem assimilar o conteúdo do filme por conta do barulho que os outros alunos fazem e 7,9% não conseguem compreender por conta da estrutura da escola e material técnico que não é de qualidade, segundo eles. A soma dos que afirmaram que não conseguem compreender o filme é de 29,5%, isto é, um número ainda inferior àqueles que afirmaram compreender, mas serve de alerta para o andamento desta pesquisa.

Gráfico 9 -Momento de exibição de filme durante aula

6. Sobre o momento de exibição de filmes durante a aula, como você se sente? Você pode escolher mais de uma opção.

190 respostas



Fonte: elaborado pelo autor



Ao analisar a inserção da arte cinematográfica, tanto no quesito de exibição como também de produção durante as aulas de Filosofia, faz-se necessário verificar o Documento Curricular Referencial do Ceará – DRC. Embora a grande maioria dos temas que estão inseridos no DRC referente às Ciências Humanas no Novo Ensino Médio esteja mais voltada à busca por ver as questões como problema filosófico, já que o foco da produção do documento se refere aos objetos de conhecimentos e não como estratégias de ensino, podemos encontrar a importância do cinema como um objeto de conhecimento ligado à arte e à resistência. Entre os objetos do Conhecimento referentes à habilidade seis da área de Ciências Humanas consta: “A arte como ferramenta de luta na música, no cinema, na literatura..”, ou seja, utilizar o cinema como formação pedagógica crítica nas aulas de Filosofia não só é permitido como também é recomendado pelo documento, pois a competência (EM13CHSA103) afirma: “Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos ...)”. Sendo assim, professores e alunos durante a aprendizagem sobre várias temáticas filosóficas podem aprender ou demonstrar seus conhecimentos de forma artística, por isso um dos objetivos específicos da habilidade três da disciplina de Filosofia é o: “Reconhecimento, reflexão e interpretação dos textos filosóficos de modo significativo e sua relação com problemas e questões de outras áreas (arte...)”.

Utilizar um filme em sala na aula de Filosofia é importante porque o cinema tem uma linguagem diversificada contribuindo para um entendimento mais atrativo e que respeita as diferenças que cada estudante tem em um processo de aprendizagem que não é fácil. Proporcionar uma exibição cinematográfica, sobretudo em um ambiente escolar, é apresentar uma realidade social relacionada com o conteúdo, pois geralmente os cineastas e roteiristas veem e criticam a realidade social através da linguagem artística. “O cinema é capaz de entreter e emocionar, de ser nostálgico ou esperançoso, de trazer o inusitado, de falar o improvável e, acima de tudo, de fazer o impossível! Criam-se sonhos que ultrapassam a linguagem do tempo e se comunica com o mais íntimo de cada um” (ROCHA, 2011, p.58).

### ***3.3.3 A consciência crítica***

Para Karl Marx, consciência é o produto das condições da vida do indivíduo, do seu trabalho e atividade diária, isto se concretiza na relação com os outros. “Uma reforma da consciência não acompanhada de uma reforma da vida social não terá qualquer resultado”

(SUCHODOLSKI, 1976, p.50). A união, a coesão entre iguais e a luta por melhorias são geradas pelo ato consciente que não deve ser confundido com uma meta ou ideal, pois consiste em algo necessário e natural. A mudança da sociedade só acontece com a consciência de classe, inclusive na educação, segundo Marx.

A libertação de ilusões da consciência e das ilusões que os críticos reconheceram só é possível através da transformação real das condições humanas materiais de vida, isto é, através do derrube da ordem de classes, que constitui a base destas diversas ilusões. O ensino só pode ser verdadeiramente eficaz quando cooperar na transformação destas condições (SUCHODOLSKI, 1976, p.61).

A experiência reflexiva e o debate com opiniões diferentes sobre as temáticas abordadas na obra artística criam a possibilidade de o cinema ser uma ação que gere consciência crítica nas escolas, mesmo que este processo não dê frutos de imediato como afirma Rosália Duarte, em sua obra *Cinema e Educação*:

a partir das reflexões que fazemos, das conversas com outros espectadores, do contato com diferentes discursos produzidos em torno daquele filme (crítica, premiações, etc.) e da experiência com outros filmes, permitindo que novas interpretações sejam feitas. Isso dá um profundo dinamismo à dimensão formadora da experiência com o cinema e faz com que seus efeitos somente possam ser percebidos a médio e longo prazo. (DUARTE, 2002, p. 74-75).

A escola precisa se apropriar da arte cinematográfica e possibilitar discussões a respeito de temáticas que a turma e o professor pensam serem adequadas, com intuito de formar pessoas críticas e menos alheias. Mas como? A metodologia de utilizar filmes pode ter uma função de uma autorreflexão e um processo de conscientização a partir da reflexão de uma possível comparação entre os personagens e a sua vida para que possamos fazer uma crítica sobre si mesmo. Por isso

o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano. É uma obra de arte com a qual nos relacionamos para iluminar a nossa percepção do mundo e, claro, é uma via de acesso a nós mesmos; uma convocação instigante que nos faz repensar nossas atitudes e reavaliarmos nossos valores; uma provocação inquietante para questionarmos possíveis convívios nossos com a falta de criatividade, com a mediocridade, que é mostrada, muitas vezes, em comportamentos rígidos, intolerantes, niilistas, autoritários e materialistas (SILVA, 2007, p. 52).

Para contribuir em um possível diálogo após filmes podem ser feitos os seguintes questionamentos: Qual personagem parece mais com você? Por quê? Quais foram as provocações? O que podemos fazer com esse conhecimento? O que fez uma cena fazer você chorar? A priori devem ser respeitadas as oportunidades de interpretação para que cada aluno,

sem influências, possa partilhar suas ideias e só depois o professor deve interpelar as respostas dos seus estudantes. Entretanto, para Marx apenas isso não basta, por isso ele critica a ilusão do pedagogo em acreditar que pode transformar a vida dos seus alunos de forma automática, somente pelo debate que proporcione uma possível consciência. Isto significa dizer que só acontece a mudança caso a própria pessoa queira. “A consciência é um plano autônomo no qual o desenvolvimento e a configuração do indivíduo procede de si mesmo” (SUCHODOLSKI, 1976, p.105). Mas isso só é possível caso consideremos a vida real do indivíduo. Tem que ser colocado em questão de forma empírica e coletiva e não racional e individual. Os filmes aqui citados neste capítulo retratam a vida real dos indivíduos e a luta de uma classe para superar a alienação, assim como as produções audiovisuais em que os alunos foram convidados a executarem, como veremos no próximo capítulo.

## **4 A PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO UM EXERCÍCIO DO FILOSOFAR COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Cada curta-metragem produzido por alguns alunos de escolas públicas do estado do Ceará tem sua relevância como instrumento educacional e de politização a partir da reconstrução do olhar dos jovens a respeito de problemas cotidianos, contribuindo para a sua consciência crítica. Os estudantes ao produzirem filmes no ambiente escolar fortalecem a função da escola que mesmo com suas limitações pode formar não apenas o apreciador e cultivador da arte do cinema, mas, sobretudo, possibilitar o acesso aos instrumentos básicos do fazer artístico propriamente dito, com o objetivo apenas educacional nas aulas de Filosofia e não como mercadoria.

Neste capítulo apresentamos a experiência do *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens* como um possível caminho para contribuir para a formação crítica dos alunos como uma ferramenta pedagógica, práxis contra a evasão escolar e a falta de empatia. Afirmaremos como as produções contribuem para amenizar as questões a respeito da indiferença do discente em relação ao mundo e ao outro.

### **4.1 O papel formativo das produções audiovisuais nas aulas de Filosofia**

#### ***4.1.1 O uso da técnica da arte audiovisual em sala de aula***

O uso da técnica da arte audiovisual em sala de aula, como uma práxis pedagógica, desperta em quem a utiliza uma curiosidade para outras realidades fora do âmbito escolar. Instintivamente busca-se o importante, o novo, o diferente, iniciando um movimento de entendimento de outras perspectivas, outros pontos de vista. Este despertar torna viável a análise filosófica dos conteúdos didáticos referentes à grade curricular exigidos no ENEM e em outros vestibulares, contribuindo também para o próprio exercício do filosofar, os quais podem deixar de ser enfadonhos e distantes da realidade dos alunos, passando a ser mais significativos e transformadores. Esta análise se torna plausível em sala de aula porque a escola deve ser um espaço para produzir e praticar.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e aprendem, o saber que atravessa os códigos da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da 40

religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo (BRANDÃO, 2005, p. 10).

Dos cento e noventa alunos entrevistados, cento e setenta acreditam que os alunos produzindo curtas-metragens podem ter uma possível quebra da rotina expositiva das aulas de filosofia. Destacamos alguns pontos colocados, como: os alunos podem ter seus horizontes de expectativa ampliados, passando a enxergar de outra maneira as suas realidades, tornando-se mais ativos e menos alienados com relação ao mundo; cada produção cinematográfica pode gerar uma mensagem na construção de um novo comportamento escolar; o uso de vídeos no ambiente escolar pode tornar a rotina da escola mais interessante e inovadora, melhorando a autoestima e o sentimento de sentir-se importante para o mundo e para o outro, ou seja, criando uma atitude desalienante; entender as teorias dos filósofos de forma prática se torna mais fácil do que pelas leituras.

Uma análise crítica sobre os filmes que são exibidos em sala de aula é uma prática que encontramos com mais frequência, embora, não seja um número significativo como vimos no capítulo anterior, mas analisar as películas que os próprios estudantes estão produzindo é algo desafiador e inovador. A produção e exibição de um curta-metragem como uma prática pedagógica permite uma discussão intelectual fornecendo outra linguagem de conhecimento de forma lúdica e interativa, proporciona a construção de uma postura de engajamento e autonomia.

A produção de curtas-metragens é um trabalho que necessita de tempo e disponibilidade dos alunos, professores e grupo gestor, vindo a dificultar a execução do projeto. É interessante ter disponibilidade de tempo fora do ambiente escolar para a orientação e acompanhamento de possíveis gravações em outros lugares. Todavia, podemos diminuir as dificuldades encontradas se o professor orientador explicar os objetivos de forma motivadora, estabelecendo o trabalho como parte de uma das notas estipuladas para cada estudante, além de oferecer prêmios para as melhores categorias cinematográficas em uma cerimônia de exibição e premiação. Compreendendo “a pedagogia do cinema, suas estratégias e os recursos de que ela se utiliza para ‘seduzir’, de forma tão intensa, um considerável contingente, sobretudo de jovens” (DUARTE, 2002, p. 21). Percebemos que as produções audiovisuais acontecem de fato, quando tem intensidade, engajamento e empolgação entre os alunos e o professor orientador.

A utilização de filmes em sala de aula já é um método muito favorável para a compreensão do conteúdo, pois é empolgante ver aquilo que se está aprendendo. Entretanto, a partir da pesquisa com os alunos entrevistados e a realização do projeto das produções

audiovisuais, percebemos que quando os alunos assistem aos vídeos produzidos pelos colegas ou por eles mesmos, a motivação e a concentração aumentam consideravelmente. Pensando nisso, o uso da técnica audiovisual como produção de um curta-metragem se torna interessante e importante papel formativo nas aulas de Filosofia para alunos do Ensino Médio.

O uso da técnica do cinema não deve ser apresentado ao aluno como uma obrigação de um conhecimento profundo sobre cinema, mas incentivado a utilizar como método para colocar em prática o conhecimento filosófico e a experiência do filosofar. Como por exemplo, a reflexão dos alunos exposta nos roteiros é a síntese de uma aproximação da grade curricular com a sua realidade, sendo assim, pessoas mais críticas, saudáveis emocionalmente e conscientes. É importante apresentar um cinema possível, a partir dos próprios equipamentos a que temos acesso direto, como o celular, por exemplo. “Uma máquina de calcular que foi forçada a virar máquina de escrever há poucas décadas, agora combina as funções de criação, de distribuição e de recepção de uma vasta variedade de outras mídias dentro de uma mesma caixa”. (SANTAELLA, 2003, p. 20). O aparelho celular é uma realidade em sala de aula e que pode ser visto também como uma ferramenta pedagógica para utilizar nas gravações dos curtas-metragens com funções educacionais. “Se diante de uma câmera analógica tínhamos de pensar na imagem antes do clique, agora a imagem é vista no visor e descartada ou armazenada de imediato” (LUCENA, 2008, p. 8). Isso facilita para o aluno que fará a função de cinegrafista. Buscar o melhor ângulo, imagem e perceber se a câmera do celular está mostrando tudo aquilo que precisa ser apresentado, a partir da indicação do diretor de Fotografia, de Arte e a própria direção da película.

#### ***4.1.2 Espaço de problematização.***

Para o ensino de Filosofia, qualquer professor precisa ter conhecimento do conteúdo que será abordado de acordo com o currículo da disciplina, didática e manejo de classe. O filósofo Cerletti em sua obra *O Ensino de Filosofia como problema filosófico*, afirma que precisamos também de transformar a sala de aula como um espaço de problematização porque “ensinar Filosofia significa, acima de tudo, construir um olhar problematizador” (CERLETTI, 2009, p.65). Não se pode sustentar que formar um professor de Filosofia seja apenas ter conhecimentos de técnicas de ensino e de Filosofia. Ensinar a filosofar é um criar, construir e incentivar para que a sala de aula seja um ato de problematizar.

Um dos objetivos de todo professor é procurar formar pessoas criativas e críticas, que sejam capazes não só de analisar a correção de um raciocínio ou a consistência de uma argumentação, mas também suspeitar dos saberes e práticas que se apresentam como óbvios ou naturais, procurando sobretudo reconhecer as condições que fazem que se apresentem de tal maneira (CERLETTI, 2009, p. 62).

E como seria? Formando pessoas críticas e criativas e é o que busco fazer com o *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens*, onde os alunos são protagonistas e apresentam conceitos filosóficos com bastante criatividade porque para o Cerletti é importante valorizar os saberes e as práticas.

Alguns veem a Filosofia apenas como análise de um raciocínio ou a consciência de uma argumentação. E por que não utilizar o momento de problematizar, também de forma experimental? Produzir curtas-metragens a partir de um espaço de problematizar é reconhecer a realidade do aluno, produzir roteiros reflexivos e que tenham compromisso com a verdade. Vivemos em um contexto onde é comum escutarmos pessoas negando a ciência e o óbvio, como negacionistas e propagadores de *fake news*. Gerar produções audiovisuais com compromisso com a verdade significa que os filmes são criados a partir de uma discussão que valoriza o pensamento crítico dos estudantes e uma pesquisa que respeite o que realmente foi dito pelo autor. É importante ressaltar que o ensino filosófico tem condições de pensar a sua própria prática de transmissão, então não tem como ter uma didática geral porque estaria rompendo com a própria concepção da Filosofia como um olhar de problematização. Os curtas-metragens produzidos devem ter caráter filosófico, por isso é necessário que seja conduzido e orientado pelo próprio professor de Filosofia. As produções podem surgir em um espaço de problematização durante as aulas e podem servir também como instrumento de problematizar após estarem finalizadas, através das discussões a respeito das questões abordadas em cada película.

Quando produzimos filmes na escola a partir de um processo coletivo e de problematização, isso pode gerar mudanças nas nossas aulas. Os alunos percebem o professor como um filósofo e não como um repetidor ou um mero reproduzidor de teses filosóficas e o educador consegue perceber o estudante como também um filósofo e não como uma máquina que decora, como em uma educação bancária<sup>20</sup>. As aulas de Filosofia podem ser um campo novo de reflexão, mas para isso é necessário ver a didática das produções incluídas diretamente com o conteúdo filosófico e o pensamento crítico dos discentes.

---

<sup>20</sup> Educação bancária é um termo bastante utilizado nos textos do pedagogo brasileiro, Paulo Freire, que afirma que tem escola que vê o aluno(a) como um cofre vazio em que o professor acrescenta os conteúdos, sem reconhecer suas informações prévias e interpretações a respeito do assunto abordado.

O ensino de Filosofia pode ser uma construção do seu próprio caminho de vida, por isso é muito importante definir trajetões educativas próprios, para isso é preciso estabelecer tanto laços de histórias pessoais com o intuito de definir um horizonte comum de temas didáticos específicos e os filmes podem ser uma ferramenta para isso. Percebo que os meus mais de treze anos de magistério na base comum são fruto de um resultado de um longo trajeto pessoal como aluno. É claro que eu poderia ter aproveitado mais, entretanto consigo perceber que até aquela professora do fundamental que não gostava de mim porque eu questionava demais, foi e é importante para entender como se faz necessário valorizar o pensamento crítico dos estudantes. As aulas de Filosofia precisam ser um espaço de questionar, problematizar e de criar, por isso venho incentivando os meus alunos a praticar Filosofia através dos curtas-metragens.

#### ***4.1.3 Processo de avaliação***

Produzir um curta-metragem é uma forma de avaliação que contribui para a interdisciplinaridade e respeita as várias possibilidades de aprendizagem. Vimos no segundo capítulo que existem várias funções cinematográficas e que elas podem contribuir e muito na aprendizagem escolar. Um aluno aprende conteúdo produzindo o figurino dos personagens, elaborando a maquiagem, entre outros já citados. Em todos, os elementos do audiovisual devem ser uma oportunidade que os estudantes têm de conhecer sobre a teoria filosófica de forma prática. A produção de filmes consiste em uma avaliação interdisciplinar. O roteirista, por exemplo, solicita a orientação do (a) professor (a) de Português, de História, de Artes da própria escola, além do próprio da Filosofia.

A grande maioria dos alunos tem celular próprio ou tem acesso e muitos deles o levam para a escola. A tecnologia já invadiu a vida dos nossos alunos, por isso se faz necessário ou tentar diminuir esse avanço no âmbito escolar ou tentar utilizar das novas tecnologias para a melhoria da própria aprendizagem do aluno. A pandemia está provando que não temos como abandonar esses avanços e que as plataformas digitais podem auxiliar no trabalho dos professores, secretaria e grupo gestor de forma mais rápido, entre outros benefícios.

O ambiente educacional formal precisa se transformar em um ambiente que abrace as tecnologias digitais como ferramenta de extensão das capacidades humanas e plataforma de colaboração para aprendizagem, que continua naturalmente nos ambientes informais de educação – fora de sala de aula e da escola. (GABRIEL, 2013, p.104).



Utilizar de uma ferramenta como o celular para fazer uma avaliação consiste em se abrir para o novo e reconhecer que os estudantes podem aprender a enxergar as mídias como um espaço de aprendizagem, contribuindo para uma educação mais prática e experimental.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p.128).

Propor que a nota parcial de Filosofia seja a produção de um curta-metragem é uma estratégia que o professor (a) pode executar para incentivar a pesquisa sobre a temática abordada na produção audiovisual e na função que escolheu exercer. É uma avaliação que possibilita o respeito à escolha do estudante e procura amenizar as questões das diferenças de vários tipos de alunos que temos em sala de aula. Não é só atuar como ator ou atriz. Não é só exercer uma função cinematográfica. É poder interpretar textos utilizando de outras fontes históricas que não seja apenas a escrita.

[...] o efeito potencializador que as narrativas fílmicas exercem na capacidade dos alunos de interpretar textos verbais, por meio do confronto com outros gêneros que circulam socialmente, bem como as possibilidades de uso didático de curtas-metragens nas atividades de leitura e escrita [...] (ALCÂNTARA, 2014, p. 10).

## **4.2 Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens**

### ***4.2.1 Relevância e justificativa***

O projeto *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens*, realizado em escolas públicas do Ceará, é utilizado como um método pedagógico nas minhas aulas de Filosofia em escolas de tempo integral e regular. As produções são utilizadas na educação como um despertar habilidades para que os alunos possam aprender a fazer a sétima arte como um método educacional e exercitar o ato de filosofar.

Cada curta-metragem produzido por cerca de cento e oitenta alunos em cada ano letivo tem sua relevância como instrumento educacional e de politização. Os estudantes produzem vídeos a partir da reconstrução do olhar dos jovens a respeito de problemas cotidianos, dos quais estão como temas principais: a alienação, a violência e a depressão.

Cada produção cinematográfica gerou uma mensagem na construção de um novo comportamento escolar e uma concepção de um indivíduo consciente e livre.

O indivíduo humano não é, portanto, exclusivamente um ser natural, mas natural humano-social, dotado de consciência e liberdade, que, diferentemente do animal, tem consciência de si, de sua atividade vital, de seu trabalho, e que não é passivo diante das condições naturais, mas ativo, que intervém a seu favor e transforma tais condições para a sua realização. (CHAGAS, 2012, p.05)

Entre os objetivos da ação de produzir os curtas-metragens com os estudantes, está o de perceber que a prática pedagógica da utilização da teoria em sala de aula para a produção de curtas-metragens pode contribuir na formação do aluno que se percebe como protagonista no meio escolar. Tendo como objetivo principal analisar a partir da produção de curtas-metragens no ensino de Filosofia como uma metodologia educacional, surge o projeto *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens*. Este projeto apresenta a justificativa de que a experiência dos estudantes ao produzirem curtas-metragens no ambiente escolar fortalece a função da própria escola, que mesmo com suas limitações, pode formar os seus alunos não apenas com os conteúdos da grade curricular, mas também como um apreciador e cultivador da arte do cinema, sobretudo de possibilitar o acesso aos instrumentos básicos do fazer artístico propriamente dito, com o objetivo apenas educacional e não como mercadoria porque se não a arte perderia seu valor de ser uma obra de arte e teria apenas o valor de troca para indústria cultural.

O novo não é o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que, hoje, ele se declara deliberadamente como tal, e é o fato de que a arte renega sua própria autonomia, incluindo-se orgulhosamente entre os bens de consumo, que lhe confere o encanto da novidade. A arte como um domínio separado só foi possível, em todos os tempos, como arte burguesa. Até mesmo sua liberdade, entendida como negação da finalidade social, tal como esta se impõe através do mercado, permanece essencialmente ligada ao pressuposto da economia de mercado. As puras obras de arte, que negam o caráter mercantil da sociedade pelo simples fato de seguirem sua própria lei, sempre foram ao mesmo tempo mercadorias: até o século dezoito, a proteção dos patronos preservava os artistas do mercado, mas em compensação, eles ficavam nesta mesma medida submetidos a seus patronos e aos objetivos destes. A falta de finalidade da grande obra de arte moderna vive do anonimato do mercado. As demandas do mercado passam por tantas mediações que o artista escapa a exigências determinadas, mas em certa medida apenas é verdade, pois ao longo de toda a história burguesa esteve sempre associado à sua autonomia, enquanto autonomia meramente tolerada, um aspecto de inverdade que acabou por se desenvolver no sentido de uma liquidação social da arte. (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 130).

É importante ressaltar que a instituição que desejar os mais de sessenta curtas-metragens já produzidos possa exibir como uma possível contribuição para a iniciação de um

debate ou para um conteúdo em sala de aula, podendo até a escola adotar este projeto nas aulas de eletiva<sup>21</sup> ou durante as aulas das disciplinas da área de ciências humanas ou em outras afins.

A Filosofia é uma disciplina teórica que exige pesquisa, leitura e compreensão a respeito das ideias dos filósofos, entretanto também vejo a possibilidade de ensinar Filosofia para o ensino médio como uma matéria escolar prática. A arte pode contribuir para isso. Sabendo disso, produzo livros coletivos com os alunos dos primeiros anos durante as aulas de Filosofia da Linguagem; quando chegaram ao segundo ano, em 2013, eles me perguntaram qual seria a nossa prática, e foi a partir dessa iniciativa deles que veio a ideia das produções audiovisuais. O nome Cine Marvin faz uma alusão à escola de origem do projeto a EEEP Marwin. No dia 16 de agosto, dia do filósofo, foi a primeira exibição dos curtas-metragens produzidos pelos alunos. A ideia inicial era para que a sessão ocorresse na própria instituição de ensino, mas como percebi que os estudantes tinham se empenhado muito, tinham feito excelentes trabalhos e ao saber da estrutura dos CUCAS<sup>22</sup>, solicitei para que o nosso primeiro evento fosse no CUCA da Barra do Ceará, bairro vizinho da escola. Embora fosse um equipamento cultural gratuito e próximo dos meus estudantes, muitos o tinham conhecido naquele momento e a partir daí vários passaram a frequentar o cineclube do CUCA, cursos e esportes oferecidos pela prefeitura de Fortaleza.

No primeiro ano de projeto, dois alunos, com a minha orientação, inscreveram o trabalho denominado de Cine Marvin para a feira científica da SEFOR em 2013 e obtiveram o primeiro lugar em todas as categorias. No mesmo ano conseguiram através da Feira Científica do Estado do Ceará a vaga para a Feira Nordestina de Ciência e Tecnologia – FENECIT que aconteceu em 2014 em Jaboatão dos Guararapes em Pernambuco. Nesta última, o projeto ficou em quinto lugar na categoria da área de ciências humanas, disputando com trabalhos de todo o Brasil. Foi uma experiência fantástica, tanto pela oportunidade de apresentar nossa proposta, como de conhecer outras ideias que estão sendo realizadas. Percebemos como os demais alunos e educadores do nosso país olhavam com bons olhos para o nosso trabalho e começamos ter várias parcerias. Uma diretora de uma escola em Cuiabá em Mato Grosso

---

<sup>21</sup> As eletivas são disciplinas que estão incluídas na parte Diversificada e têm como objetivo promover o enriquecimento, a ampliação e a diversificação de conteúdos, temas ou áreas das disciplinas da base comum, proporcionando uma interdisciplinaridade entre as outras disciplinas, entretanto respeitando as especificidades das distintas áreas de conhecimento. Esta disciplina é a assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu artigo 26. Na atual reforça a importância das eletivas e exige que as instituições de ensino pública ou privada possam aderir e executar.

<sup>22</sup> CUCA significa Rede de Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, localizados na cidade de Fortaleza, Brasil. Os CUCAS servem para a proteção social, formação artística e de esporte, espaço para lazer, estudo e cultivar as artes.

ficou tão encantada que me pediu todo o passo a passo e o edital do Cine Marvin para executar com os mesmos moldes do nosso projeto. No edital constam as seguintes informações:

- a) Para todos os fins que serão citados nesse regulamento, é permitido aos alunos e professores da EEMTI Albaniza Rocha Sarasate, EEM Professora Eudes Veras, EEF Maria Mota Rodrigues e ex-alunos participarem da mostra competitiva de audiovisuais quando autorizados pela equipe do Cine Marvin.
- b) É permitida aos interessados a produção de curtas-metragens de participação, cientes que não concorrerão em nenhuma categoria de premiação e não haverá benefícios em relação a notas.
- c) Os audiovisuais devem obedecer às seguintes regras:
  - a. 3.1- Seguir o tema proposto.
  - b. 3.2- Possuir o roteiro coeso e com citação de filósofo.
  - c. 3.3- Não exibir cenas que contrariem a moral ou a ética.
  - d. 3.4- Não exibir cenas que contenham nudez, sexo explícito, influências ao crime ou a pedofilia.
  - e. 3.5- Possuir duração mínima de 7 minutos e máxima de 15 minutos.
  - f. 3.6- Não possuir plágio nem releituras em seu roteiro e cenas.
  - g. 3.7- Ser desenvolvido exclusivamente por alunos ou terceiros autorizados pela equipe de organização do projeto, entretanto a orientação está totalmente permitida.
  - h. 3.8- Ter em seus créditos os nomes e funções dos responsáveis pelo audiovisual.
  - i. 3.9- Ser entregue os audiovisuais finalizados até o dia \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.
  - j. 3.10- Os audiovisuais deverão ser entregues em mídia gravada em DVD, nos formatos: AVI, MPG ou VOB (sendo este, mídia de DVD) ou entregue em Pen Drive ou via *link* do YouTube desde que esteja de forma não listada.
- d)4- Serão eliminados os que não obedecerem às regras citadas no item 3.1 a 3.10.
- a)5- Cada curta-metragem deve de forma obrigatória indicar representantes para explicar sobre o filme em programas de TV e rádio, além de *lives*, palestras, encontros cineclubistas e demais eventos presenciais ou remotos. Após a

mostra ao júri técnico, o responsável geral do audiovisual deverá saciar as dúvidas numa conversa frente aos jurados e público, quando solicitado.

- b) 6- Os custos gerados pelo filme são de total responsabilidade da turma que está produzindo, podendo fazer rifas, bingos, entre outros.
- c) 7- Serão premiados os melhores das seguintes categorias:
- d) Maquiagem, Figurino, cinegrafista, cenário, sonoplastia, edição, ator e atriz coadjuvante, ator e atriz, produção, roteiro, direção, curta (visão técnica) e curta (visão popular). A responsabilidade pelos troféus é da equipe do Cine Marvin.
- e) 8- Todos devem autorizar que as produções podem ser exibidas na TV, eventos, aulas, palestras, festivais, faculdades, escolas, YouTube da Vila das Artes, além do Cine São Luiz no dia do evento, entre outros. O filme vencedor será exibido em Lisboa em um projeto parceiro.
- f) 9- Caso ocorram motins, brigas ou desavenças durante a produção e exibição dos audiovisuais, os responsáveis pelos atos terão suspensas suas notas referentes ao curta-metragem.
- g) 10- Cabe à equipe responsável pelo Cine Marvin qualquer alteração geral no projeto e edital.

O edital aqui citado é utilizado em toda edição do nosso projeto antes de começarem as gravações. Após a leitura em sala, os estudantes envolvidos assinam o documento com as regras do trabalho. Esse ato se torna relevante, pois os alunos ao assinarem se sentem responsáveis pela ação que será executada de forma coletiva e com o intuito que em todo o processo de metodologia que será explicado posteriormente, possa acontecer da melhor forma possível. Ter um edital com o regulamento é importante para que se tenha uma identidade, algo que defina e que diferencie o Cine Marvin das demais ações escolares. Um dos fatores que fazem uma escola em Cuiabá e outra em Lisboa, em Portugal, estarem ligados diretamente ao nosso trabalho é o regulamento ser igual.

O Cine Marvin foi crescendo e a partir de 2017 novos espaços foram surgindo como o auditório do Centro Dragão do Mar e o Cineteatro São Luiz, equipamentos culturais consagrados do Estado do Ceará e a nível nacional. O fato de os filmes serem exibidos nesses ambientes proporcionaram uma visibilidade enorme para o projeto que passou a ser divulgado em jornal impresso, nas redes sociais da SECULT-CE, Prefeitura de Fortaleza e Caucaia, nota no jornal CE TV da emissora Verdes Mares, além de mais espaços em programas de TV. Tais

acontecimentos geraram autoestima para os alunos e visibilidade para eles demonstrarem seus potenciais artísticos e conhecimentos filosóficos. Apresentar os trabalhos desenvolvidos nas instituições de ensino para a comunidade como um todo. Em 2019, o Cine Marvin recebeu o prêmio de melhor ação pedagógica no Estado do Ceará pelo Conectando Boas Práticas que tem apoio do Instituto Leman. Tais reconhecimentos dos avaliadores em feiras científicas, a disponibilidade que grandes equipamentos culturais do nosso estado oferecem e a visibilidade de divulgação do nosso trabalho nos meios de comunicação resultam em uma credibilidade que o projeto Cine Marvin vem proporcionando para os alunos de escolas públicas e para a propagação do Ensino de Filosofia de forma diferenciada.

Passar de uma escola centrada no ensino (suas finalidades, seus conteúdos, sua avaliação, seu planejamento, sua operacionalização sob formas de aula e de exercícios) a uma escola centrada (...) nas aprendizagens. O ofício do professor redefine-se: mais do que ensinar, trata-se de fazer aprender. (PERRENOUD, 2000, p.139)

O professor de Filosofia está em todo o processo se envolvendo, tornando o produto da nossa pesquisa uma oportunidade para ir além do ensinar. O ato de aprender através da ação em fazer justifica a relevância da produção dos curtas-metragens como um caminho para o aprendizado filosófico.

#### **4.2.2 Metodologia**

Inicialmente os alunos dos segundos anos do ensino médio foram motivados através da exibição de curtas-metragens produzidos pelos estudantes da mesma escola, seus depoimentos, fotos das edições anteriores, explicação sobre o projeto e leitura do edital. A temática foi abordada em sala de aula, isto é, foi comentado sobre o conceito de Alienação em Karl Marx através da exibição de algumas cenas do filme *A chinesa*, aqui já citado, do Godard, cineasta marxista. Após a explicação e debate a respeito da temática *O cinema como formação pedagógica não alienante*, foram apresentados os elementos necessários para a produção de um curta-metragem (direção, produção, roteiro, edição, maquiagem/cabelo, fotografia, sonoplastia, figurino, cinegrafista e elenco)<sup>23</sup>.

Em seguida, foram formadas equipes para cada um dos elementos de produção, respeitando a liberdade dos alunos e suas devidas habilidades. A partir de então, os alunos começaram a produzir o roteiro e realizar os ensaios e as gravações, sob a supervisão do

---

<sup>23</sup> Informações a respeito de cada função constam no 2º capítulo.

professor. Iniciamos em fevereiro com apresentação, montagem das funções e criação do roteiro. Dos meses de março a junho aconteceram os ensaios e gravações. Em julho acontece a edição. O cineclube gira em torno da exibição e reflexão que prioritariamente acontece no segundo semestre. Todo esse processo de produção até a exibição contribuiu para a escrita desta dissertação. Essas experiências e os próprios vídeos produzidos pelos alunos em anos anteriores motivam os alunos a produzirem seus curtas-metragens como uma experiência escolar fortalecendo a função da escola, que mesmo com suas limitações, pode formar não apenas o apreciador e cultivador da arte do cinema, mas, sobretudo de possibilitar o acesso aos instrumentos básicos do fazer artístico propriamente dito, com o objetivo apenas educacional e não como mercadoria, como encontramos em a concepção de cinema para Adorno.

Cada turma ao produzir seu vídeo, fez suas pesquisas a partir das temáticas anuais: *Da angústia à transformação social: das obras filosóficas à realidade atual*; *Em busca da Sofia: razão ou sentidos?*; *Filosofia: caminhos de libertação*; *Percebendo o sentido da vida*; e por último: *O Cinema como formação pedagógica não alienantes*, sendo que esta experiência foi produzida durante a pandemia da Covid 19, entre os meses de novembro de 2020 a dezembro de 2021. A execução do projeto, nesse formato, aconteceu de forma híbrida na E.E.M. Prof. Eudes Veras e EEMTI Albaniza Rocha Sarasate, ambas localizadas no município de Maracanaú – CE. Foi encaminhado no grupo do WhatsApp dos alunos de todas as séries um *link* do Google formulário para os que tivessem interesse tinham que colocar o nome completo, série, turma, escola, função que gostaria de executar no curta-metragem. Após a sondagem, cerca de oitenta alunos de diferentes turmas demonstraram interesse, diferente do formato anterior que era exclusivo para os estudantes dos segundos anos. Reuniões no *Google meet* foram definindo os roteiros de cinco produções audiovisuais. Neste período foram enviados vídeos sobre os elementos cinematográficos para que os representantes de cada função pudessem aprofundar o que cada um precisa fazer. Depois foi organizada a agenda com os dias de gravação com no máximo três pessoas envolvidas, para não haver aglomeração. As produções também utilizaram de algumas imagens de curtas-metragens anteriores e tivemos uma cena durante a própria aula on-line através da plataforma *Google meet*. A equipe de edição entregava o curta-metragem para a equipe de direção e produção do Cine Marvin e a Ana Aline Furtado, uma das curadoras do Instituto da Vila das Artes de Fortaleza-CE, analisaram as obras e fizeram as devidas mudanças. Cada vídeo sofreu por volta de quatro modificações em um processo de nove reuniões que também tratou da *live* de exibição e debate que aconteceu no dia 26 de abril de 2021, às 17h e no dia 16 de

dezembro de 2021 às 17h. Todas no YouTube da Vila das Artes. Na primeira sessão exibimos os filmes: *Um novo mundo*, *Até onde posso perguntar?* e *O elogio à solidão*. Logo após as exhibições, tivemos um debate, onde estive presente com um aluno representante de cada curta-metragem. Na segunda sessão, os filmes foram: *A filósofa* e *Pensamentos de Carmem*. Participaram do debate ao vivo, após os filmes, o professor doutor Romero Venâncio da UFS e a professora doutora Rita Helena Gomes da UFC/Sobral.

É importante ressaltar que durante todo o processo de produção dos curtas-metragens, eu e uma aluna de uma das escolas que estão aqui em análise, participamos do Curso Pontos de Corte oferecido pelo instituto da Vila das Artes<sup>24</sup>. A especialização em Cineclube teve duração de 245 horas e aconteceu toda de forma remota. A primeira parte consiste em um ciclo de introdução sobre a importância de um cineclube, apresentando para que serve, o mapeamento e a trajetória de coletivos já existentes, além do debate sobre Insurreição Popular: Tecnopolítica, Contracultura e Digital para Cineclubes. Esse primeiro módulo foi bastante importante porque percebemos que o produto desta dissertação que consiste nas produções e exhibições de curtas-metragens pode ser considerado um cineclube. O curso também ofereceu um módulo sobre Organização de um método de pesquisa e construção de uma memória sobre comunidades, trabalhando temáticas como: Educomunicação e Liberdade, Patrimônio Cultural e Imaterial, Reconhecendo e ressignificando o espaço da cidade e Entender o público sob a ótica investigativa. Essa última foi mais proveitosa para o Cine Marvin, pois utilizamos de alguns textos e dinâmicas para os alunos envolvidos no projeto. Uma prática utilizada foi imaginar como os professores de Filosofia, artistas, familiares, amigos, outros alunos e o público geral iriam avaliar nossas produções audiovisuais, sobretudo como seriam as perguntas que eles poderiam fazer após as exhibições. Ainda nesta etapa da especialização, aprendemos a criar vinhetas animadas para ajudar as equipes de edição de cada curta-metragem. A terceira etapa foi muito importante, pois estudamos a teoria sobre curadoria, algo que já fazíamos na prática. Escolher a temática da sessão e de cada filme que produzimos e fazer uma sequência das ordens de exibição se faz necessário. Para facilitar o entendimento da mensagem que queremos transmitir é de suma importância dedicar um tempo na metodologia do projeto Cine Marvin para se pensar em toda a programação dos dias que determinamos para exibição. O que exhibir? De que forma abordar as sessões? Como organizar uma exibição? Em que medida este filme contribui para o enriquecimento da personalidade? Todos esses foram questionamentos que nortearam a nossa

---

<sup>24</sup> A Vila das Artes é um complexo cultural da Prefeitura de Fortaleza, administrado pela Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor) em parceria com o Instituto Cultural Iracema (ICI).



análise antes das sessões, como critérios para avaliar um filme. Produzir um curta-metragem requer assistir e analisar filmes. Esse tipo de debate é um exemplo de que o professor é um “ser capaz de promover iniciativas positivas, ultrapassando a crítica pela crítica, a rejeição pela rejeição. Neste ponto sua ação diverge essencialmente da do crítico profissional, pois a função do educador é apontar caminhos e providências construtivas (formar seus alunos, escolher bons filmes, organizar cineclubes, círculos de estudos)” (SÁ, 1967, p. 82). Utilizamos em nossa metodologia o passo a passo oferecido pelo curso que consistia em: decidir quais serão os filmes, objetivos, local da sessão, quem serão os debatedores e mediador, estratégias de divulgação, ter e conhecer os equipamentos e a parte técnica, estratégias de permanência e ter um acervo e memória.

As aulas de Alinhamentos Pedagógicos, Monitorias Permanentes e Cinema e Educação, do curso que estou citando, contribuíram para o entendimento de que o projeto Cine Marvin pode ser pensado de forma científica e como um instrumento educacional. Também percebemos que nossas ações podem ser consideradas um ato de Artivismo, intervenções urbanas e resistência. Ainda veremos neste capítulo como essas ações contribuíram para a vida dos alunos envolvidos e quais contribuições foram geradas nas cidades de Fortaleza, Caucaia e Maracanaú. A quarta etapa do curso teve como objetivo o estudo sobre sustentabilidade das ações cineclubistas e Formatação de projetos para editais de fomento cultural. Entendendo que nosso produto de pesquisa contribui para a escola e também para a cultura das cidades envolvidas, incluímos em nossa metodologia da prática do Cine Marvin em sala de aula, a elaboração de um projeto escrito para se inscrever em editais culturais do Estado do Ceará. Inclusive fomos aprovados no Edital Mecenas de 2021, entretanto os recursos financeiros só serão recebidos se empresas do nosso estado fizerem a capacitação do imposto do ICMS para o nosso projeto. Ex-alunos que produziram os curtas-metragens que estão atualmente trabalhando na mesma função que exerceram no filme, inscreve o Cine Marvin através do Mapa Cultural, pois eles sabem da necessidade de dinheiro para as produções, premiações, divulgação, transportes, equipamentos e custos para os dias de exibições. Independentemente de ter ou não o recurso financeiro, a metodologia gira em torno de estabelecer caminhos para que as produções audiovisuais possam ser finalizadas da melhor forma possível.

### 4.2.3 *Os curtas-metragens produzidos*

Os curtas-metragens, produtos da nossa pesquisa, são materiais para que os educadores possam utilizar para iniciar um debate e como uma estratégia de ensino para que o aluno (a) consiga colocar em prática o que aprendeu nas aulas de Filosofia. Cada turma ao produzir seu roteiro e vídeo, fez suas pesquisas a partir das temáticas atuais e interdisciplinar. Não necessariamente que todas as produções audiovisuais precisem estar abordando diretamente a temática de alienação em Karl Marx, pois a prática dos filmes em si, já representa iniciativa para um processo de conscientização que vá em contramão às questões alienantes em nossa sociedade. Isto significa que embora os filmes que foram produzidos pelos estudantes e que aqui serão analisados podem até citar outros filósofos, mesmo que não tenham uma relação teórica com esta dissertação. O importante é valorizar as demandas que os alunos trazem para serem pautas do roteiro e cabe ao professor de Filosofia fazer as devidas orientações, relacionando a teoria de um filósofo que mais se encaixe com a proposta de cada turma. Isso se refere à possibilidade de atender aos Temas Contemporâneos Transversais da BNCC, que afirma que...

cabe aos sistemas e redes de ensino. Assim como as escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BRASIL, 2017, p. 19).

Os roteiros dos curtas-metragens têm um caráter crítico a respeito da indiferença com o mundo e com o outro, temática explicada no nosso primeiro capítulo. Ao ler e assistir aos roteiros das produções audiovisuais percebemos um diálogo sobre alienação em Karl Marx e como é comum na realidade dos nossos jovens um potencial alienador retratado em cenas que demonstram exemplos do dia a dia que representa o controle capitalista.

O potencial alienador inerente aos instrumentos e instituições da interação entre os homens pode ser controlado, desde que estes sejam reconhecidos como instrumentos e conscientemente referidos a finalidades humanas. E é este o ponto em que podemos identificar o que está realmente em jogo, e de que maneira está envolvida a alienação sócio-historicamente específica, capitalista (MESZAROS, 1981, p. 227).

Do ponto de vista pedagógico, a produção de um roteiro cinematográfico seria a síntese entre o conteúdo de uma disciplina e a realidade vivida pelos estudantes. É importante notar que “a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um ‘grito da alma’, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem um sentido

emocional. Por ambas a escola deve se responsabilizar”. (BARBOSA, 2002, p. 21). Neste contexto, não se pode exigir da arte como uma ação milagrosa para salvar de todos os problemas pedagógicos e colocar nela uma responsabilidade que não a compete.

Os alunos da Escola Albaniza Rocha Sarasate e da Escola Professora Eudes Veras que toparam o desafio de comigo produzirem curtas-metragens que embora não tenham o caráter profissional e gravados com celular, considero as produções e todo o processo: uma excelente oportunidade para demonstrar como a Filosofia pode ser prática e útil para vida desses estudantes moradores de Fortaleza e Maracanaú.

Durante 2020 e 2021 foram produzidos cinco filmes, esses que aqui serão analisados como produtos da nossa dissertação: *Um novo mundo*. (2021, ficção, 7’19”) é inspirado na teoria da alienação em Marx, trazendo através das personagens questionamentos como: Você se relaciona com o mundo e com o outro? Você é indiferente? *Até onde posso perguntar?* (2021, ficção, 4’26”) é um curta-metragem todo com perguntas gerando reflexões sobre o nosso cotidiano e a importância do exercício do filosofar através do questionar. *O elogio à solidão* (2021, ficção, 5’03”) O que aconteceu? Onde está todo mundo? A jovem utiliza da teoria da solidão do filósofo Schopenhauer para tentar responder a angústia do isolamento social. *A filósofa* (2021, ficção, 12’59”) é um curta-metragem que incentiva a reflexão sobre a importância da Filosofia e o papel dos filósofos na atualidade. *Pensamentos de Carmen* (2021, ficção, 6’23”) baseado na teoria da transmutação dos valores do filósofo Nietzsche. O que se passa na cabeça de uma adolescente após uma aula de Filosofia? A personagem busca responder a esta questão no seu dia a dia.

Ao assistir o curta: *Um novo mundo*, refletimos como nossa sociedade é desigual, é claro que isso não é novidade para ninguém, entretanto a gente, às vezes ignora algumas questões, ou pior, alimentamos ainda mais os problemas. Como por exemplo: o gasto desnecessário da água como vimos na personagem que gastava água enquanto escovava os dentes sem se tocar das consequências ecológicas, ambientais e sociais que são geradas naquela simples atitude. Tantas vezes escutamos alguém falar “besteira, foi só um pouquinho de água”. O filme fala de viver uma vida monótona, chega em casa para dormir depois de passar a madrugada inteira trabalhando, onde muitas vezes o lucro do seu trabalho fica nas mãos de quem não trabalhou e tenta sonhar com um novo mundo, mas “parece que está apenas nos meus sonhos”, diz o personagem João. O seu desejo de mudar fica apenas nos seus sonhos, talvez porque ele se sinta inferior, assim como algumas pessoas que dizem: “Não, não, eu não tenho condições de buscar uma vida melhor não, essa é a vida que Deus me deu e pronto”; “aguenta que dói menos”; “sou aluno de escola pública, eu não consigo passar no

ENEM não”. No lugar de ir buscar ser aprovado nos vestibulares e ir atrás dos seus sonhos, alguns abandonam para buscarem empregos que não correspondem a seus desejos, mas diante da necessidade de um dinheiro imediato, acabam aceitando. Talvez seja por isso que o terceiro jovem, do primeiro curta-metragem, diz: “Embora o trabalho me dê o meu sustento, sinto que está sendo uma atividade que desumaniza e impede o desenvolvimento do ser humano que sou”. Marx, nos *Manuscritos Econômicos* nos deixa claro que

o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção mesma tem de ser a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se somente o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo. (...) Primeiro, que o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. (...) O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele (MARX, 2004, p.82-83).

Os roteiristas estabeleceram uma discussão em que a exteriorização da atividade do trabalho a partir da figura de um jovem representa bem a ideia que trabalhar em algo em que a pessoa não sabe nem o que está produzindo pode ser considerada uma forma de negar a si mesmo, em um mundo que muitas vezes não o acolhe, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação.

Vivemos em um contexto de tanta violência, preconceitos, um “Estado de Morte”, onde tem indivíduos que acham que é necessário morrer pessoas nas filas de hospitais para que os donos de planos de saúde e hospitais possam lucrar ainda mais. Parece que vivemos em uma hipocrisia e em uma individualidade, quando a gente enxerga o outro como inimigo ou aquele que pode tirar minha vaga. Vivemos sob a ideia de que o lucro, o mercado é um deus porque fizeram acreditar que a interioridade é besteira, que o relacionamento é tempo perdido; que psicólogo, psicanalista e filósofo clínico são para quem é doido, que cuidar de nós e dos outros era sem futuro porque somos os “donos do mundo”. “Sonhar com um novo mundo é olhar com compaixão, sobretudo para os mais vulneráveis”, disse uma aluna durante a preparação do roteiro. É preciso colocar um nós acima do Eu. Solidariedade acima do egoísmo. Ter coragem para enfrentar e destruir um velho mundo e com conscientização e unidos por ideais buscar construir um novo mundo.

O segundo curta-metragem traz a proposta que surge a partir de um espanto diante de tudo isso que citamos aqui e de uma admiração de várias ações positivas que existem. Os

alunos ao estudarem sobre a filósofa Hipatia perceberam como se faz necessário compreender as coisas que nos rodeiam como a melhor preparação para compreender o que há mais além. Por isso, o curta-metragem *Até onde posso perguntar?* faz um recorte de vários questionamentos da juventude atual, como uma tentativa de gerar uma conscientização a partir do ato de filosofar. Os alunos compreendendo que duvidar não é negar e nem doutrinar, produziram um filme todo com perguntas. Entre elas: “Eu ainda posso perguntar ou era só quando eu era criança?” Uma pergunta que parece ser tão óbvia, mas que reflete que parece que a nossa falta de paciência para tentar explicar os milhares de por quês que uma criança, principalmente as de 2 a 4 anos fazem, talvez fizeram a gente achar que perguntar vai chatear alguém, vai criar conflitos e muitas vezes ficamos calados ou repetimos porque sim. Esse tipo de resposta demonstra como a falta de argumento e conhecimento dificulta ainda mais para uma tentativa de sair da alienação. Parece que não perguntamos e nem sabemos entender o que o outro tá perguntando, mas mesmo assim, respondemos, defendemos e até mesmo criamos ideologias em cima de ideias ilusórias. Como por exemplo: falaram que a Terra é plana, então vou repetir, mas sem se perceber que está negando algo sem nenhuma propriedade no assunto.

O filme *O elogio à solidão* é uma reflexão sobre a importância de estar só como um processo de interiorização, sobretudo na faixa dos 15 aos 18 anos que se refere à idade dos alunos que produziram a película. Os roteiristas afirmaram que ao escrever levaram em consideração o fato de que cada ser humano só pode ser ele mesmo, verdadeiramente, apenas pelo tempo em que estiver sozinho, pois geralmente, segundo eles, buscamos ser o que os outros querem que sejamos. Diante do contexto atual, em que estamos vivenciando a pandemia da Covid 19, surge o roteiro desse curta-metragem que conta as dificuldades encontradas pelos estudantes por terem que fazer a quarentena. É importante destacar que não escolhemos parar, mas fomos parados. Os alunos de escolas públicas do Ceará no dia 17 de março de 2020 não puderam mais entrar na escola e alguns dias depois começaram as aulas de forma remota. A jovem do curta-metragem, *O elogio à solidão*, representa todos eles que não podem mais encontrar com seus amigos, abraçar e viver todas as experiências que acontecem no dia a dia da escola, sobretudo quando ela é de tempo integral em que tudo é muito intenso. Isso fica muito claro quando ela pergunta: Onde está todo mundo? Vejo esse questionamento como uma surpresa, uma saudade e como uma preocupação e agora, como eles estão? Eles têm acesso à internet para participar das aulas? Têm equipamentos adequados? Estão realmente na sala virtual? Como está a saúde emocional? Muitos jovens estão doentes, ansiosos, com estresse que fazem o número de suicídio aumentar. O filme descreve a solidão

como um grande potencial para o autoconhecimento, descobertas de talentos e ser realmente quem você realmente é. É importante olhar para si e repensar quem nós somos, como a gente se vê no mundo e a sua relação com a terra, por isso o curta traz a mensagem de que vamos aproveitar essa parada para parar e olhar para o nosso interior, fazer nossas reflexões diárias e cuidar da nossa saúde emocional.

*A filósofa* é um outro curta-metragem produzido pelos alunos envolvidos no projeto. Nessa obra é possível perceber o movimento da própria Filosofia que consiste em uma problematização e a busca por tentar resolver esse conflito. Existe uma crise diante da escolha do curso que irá fazer após o ensino médio: Será a área que ganha mais dinheiro ou aquela que te dar mais prazer? A mãe cobrando, representa a pressão que muitos dos nossos alunos sofrem pelos familiares, pela escola e muitas vezes pela própria pessoa. É importante notar que a Filosofia não nasce da crise, mas da persistência, como vimos na personagem Jardênia que descobriu isso de forma solitária diante da crise por saber que tem pessoas que desvalorizam e tentam manchar a postura do bom filosofar. Nessa produção, os roteiristas conseguiram escrever um curta-metragem que defende como o Praticar a Filosofia é interessante e pode utilizar de uma linguagem mais simples e direta através da Arte e das redes sociais. Hoje conseguimos enxergar que há grande deslocamento contemporâneo da Filosofia que defende a transmissão de teorias filosóficas fora das academias.

*Pensamentos de Carmem* é um filme que está baseado na categoria filosófica da Meditação<sup>25</sup> que faz pensar a partir do impacto interior de pensar. Ver a meditação como saída torna a produção audiovisual surpreendente porque nos alerta para o desafio de ter um momento de construção de ideias e atitudes que utilizem o silêncio. Os estudantes convidam a partir da personagem Carmem a olhar para o nosso interior, fazer nossas reflexões diárias e cuidar da nossa saúde emocional. Isso não é fácil porque faz a gente sair da nossa zona de conforto, faz a gente refletir em questões que vão mexer com a gente, por isso existe a fala: “Acho que as aulas de Filosofia não estão me fazendo bem”, para demonstrar nossos momentos de fraqueza, afirmou uma das roteiristas. Mas na verdade foram as aulas sobre o Nietzsche que contribuíram para algumas mudanças de atitude, fazendo a protagonista refletir sobre alguns “pesos” que carregava por não ter coragem de dizer não. Penso que o filósofo é aquele que pergunta na busca de se sentir livre.

---

<sup>25</sup> A prática da meditação é extremamente importante para a construção de uma existência pacífica na conturbada sociedade atual. Ela influencia na saúde mental e física, já que muitos males do corpo são psicossomáticos. Além disso, favorece ao restabelecimento da concentração, do controle da ansiedade, à indução de uma postura mental de aprendizagem.

As obras artísticas produzidas para esta pesquisa sugerem uma reflexão sobre vários aspectos que dificultam o ser humano de ser quem realmente é, faz pensar que a convivência diária dentro de uma escola se torna cada vez mais importante para o desenvolvimento do indivíduo. Um adolescente, mesmo estando em um ambiente educacional, pode sofrer vários tipos de preconceitos por conta de algum outro aluno, por isso a ideia de liberdade ou a falta de liberdade que consta nos curtas-metragens costura várias temáticas sociais ao longo da película. A escola pública é lugar de cidadania, lugar da Filosofia por natureza, por isso a nossa disciplina se torna fundamental e quando se encontra unida com o Cinema pode contribuir ainda mais para uma oficina de formação. “Filosofia é útil e os filmes provam isso”, afirma o professor Romero Venâncio da Universidade Federal de Sergipe durante o debate, após a exibição dos curtas-metragens aqui citados.

### **4.3 Os impactos das produções audiovisuais na E.E.M.T.I. Albaniza Rocha Sarasate e E.E.M. Professora Eudes Veras**

#### ***4.3.1 Alunos protagonistas***

Os filmes produzidos pelos alunos geraram discussões críticas, proporcionando uma reflexão antes, durante e pós-produção. Eles se sentem autores desse processo de Filosofia como um espaço de problematização. A utilização dos vídeos na instituição escolar proporcionou uma oportunidade para os estudantes colocarem em prática os debates que antes eram exclusivos das aulas. Sentir-se livre para escolher possíveis pautas a serem discutidas e ter o direito de escolha para qual função do filme ele irá assumir fazem com que eles se sintam protagonistas de todo o processo. Assim, “os alunos assumam seu papel de sujeitos, que sejam protagonistas do seu processo de educação, superando a longa tradição da maquinaria escolar” (VASCONCELOS, 2009, p.77) que modelam da forma que querem. Por isso é importante um projeto político-pedagógico voltado ao cotidiano da sala de aula e que incentive o aluno ser o que ele busca ser. Mesmo que a pessoa não tenha muita habilidade, é necessário ter paciência e oferecer elementos para a construção de um aprendizado básico para que o trabalho possa ser realizado com sucesso.

Estabelecendo os limites e as possibilidades do cinema como recurso pedagógico, este projeto gerou transformações nas escolas, aqui já citadas, buscando descrever os desafios didáticos nas aulas de Filosofia e como o cinema pode contribuir para jovens mais conscientes e menos alheios ao outro e ao mundo. As reflexões e as reações diante das propostas

apresentadas na tela incentivam os estudantes a visualizar outra forma de estudar que vai além dos moldes tradicionais, pois eles assumem o papel protagonista de também avaliar os demais colegas de sala e a si mesmo, como vimos anteriormente. Quando estamos gravando, é muito comum o próprio aluno pedir para assistir o que acabou de ser filmado para fazer uma autoavaliação. Nem espera as observações da direção do curta-metragem ou do professor orientador. Isso demonstra o comprometimento que os estudantes têm incentivado por vários motivos, entretanto o que está em foco é que sua ação de analisar sua postura e de querer fazer novamente faz eles sentirem um verdadeiro artista. Cada produção e exibição geram empolgação nos estudantes, grupo gestor, familiares e dos avaliadores (profissionais da arte cinematográfica e da Filosofia/Educação) compreendendo o potencial que cada um tem e surpreendendo com talentos que até aquele momento eram desconhecidos para muitos.

Quando a exibição acontece no Cineteatro São Luiz e muitos dos que produziram estão pela primeira vez em um cinema, se torna ainda mais especial esse contato no melhor equipamento cultural do estado porque assistem sua própria produção audiovisual. “O encantamento escancarado de estar se vendo em uma tela e sendo assistido é um ato de protagonismo surreal” — afirmou um participante. Em toda edição existem homenagens para professores de Filosofia e artistas do nosso estado. Essa ação contribui para o envolvimento dos nossos alunos com a Universidade e estarem próximos dos artistas regionais. Entre os homenageados tivemos os professores de Filosofia: Ruy de Carvalho da UECE; Odílio Aguiar da UFC e as atrizes e humoristas Karla Karenina e Solange Teixeira; o ator e artista plástico Zé Tarcísio; além de participações significativas como a do Sargento Reginauro e Luciano Lopes, atores do filme Cine Holliúdy. Uma aluna me relatou que se sentiu realizada e valorizada por ver que os educadores e artistas estavam assistindo e depois a parabenizando pelo trabalho que ela tinha exercido como atriz. Proporcionar esse encontro é de suma importância para demonstrar para os estudantes como produzir um curta-metragem nas aulas pode resultar em um elo tão especial entre a Filosofia, Cinema e Educação.

O grupo gestor reconhecendo o trabalho executado na produção e nas exibições motivaram a mim e aos alunos a inscrever o projeto em eventos científicos.

Feiras de Ciências são eventos sociais, científicos e culturais realizados nas escolas ou na comunidade com a intenção de, [www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br) durante a apresentação dos estudantes, oportunizar um diálogo com os visitantes, constituindo-se na oportunidade de discussão sobre os conhecimentos, metodologias de pesquisa e criatividade dos alunos em todos os aspectos referentes à exibição dos trabalhos” (MANCUSO, 2006, p. 84)



As participações e as conquistas na Feira científica de Fortaleza, Ceará, Científico e na Feira Nordestina de Ciência e Tecnologia em Pernambuco representam como os dez estudantes envolvidos foram protagonistas deste trabalho. Eles produziram o artigo científico, diário de bordo, o *banner* de apresentação e defenderam a proposta de produzir curtas-metragens durante as aulas de Filosofia para os avaliadores e o público em geral. Partilhou um dos alunos envolvidos:

Nunca imaginei que fosse viajar de avião com um aluno e o professor para defender um projeto que executei durante as aulas de Filosofia e que acredito que mudou a minha vida e de outros estudantes. Assistir filmes já é uma experiência muito boa, mas produzir um curta-metragem é extremamente encantador e representar os demais colegas em um ambiente universitário é mais ainda. Percebi que as pessoas que foram me escutar sobre o Cine Marvin sentiram um pouco dessa energia que é simplesmente incrível.

#### ***4.3.2 Contribuições na formação acadêmica, profissional e humana***

Nossa dissertação propõe um projeto pedagógico nas aulas de Filosofia que fazem com que os estudantes aprendam a partir de um ciclo que relaciona diretamente e de forma unificada a teoria e a prática. Os alunos escutam o professor que explica um conteúdo referente ao currículo da disciplina; produzem um curta-metragem com base no que aprenderam e pesquisaram; apresentam a sua prática; escrevem de forma científica a respeito do que produziram; defendem para uma banca em feiras científicas. Em todo esse processo, é possível enxergar as contribuições dadas para as escolas envolvidas no âmbito da formação acadêmica, profissional e humana.

Obtendo o resultado do projeto executado apenas em 2020 e 2021, é possível afirmar que todos os alunos dos 3º anos da EEMTI Albaniza Rocha Sarasate e da EEM Professora Eudes Veras que participaram diretamente na produção dos filmes foram aprovados em vestibulares, ou seja, os demais alunos ainda estão no ensino médio. Uns estão na pedagogia, psicologia, letras, design de moda, administração e turismo. Embora nenhum dos participantes esteja cursando Filosofia e nem Cinema, todos eles afirmam que o fato de ter produzido um filme filosófico contribuiu para serem aprovados no Enem, UECE ou nos vestibulares de faculdades particulares. A aluna Joana<sup>26</sup> afirma que “como fiquei na função do roteiro aprendi como colocar uma citação filosófica em um texto e o conteúdo do nosso filme caiu em mais de um terço dos conteúdos nas questões de Filosofia nos vestibulares que fiz”. É bom salientar que essa prática “aumenta o engajamento e o entusiasmo entre os estudantes;

---

<sup>26</sup> Nome fictício.

(...) facilita a colaboração; atende a diferentes estilos de aprendizagem; melhora os resultados do aprendizado” (GABRIEL, 2013, p.212).

Os dados aqui citados foram coletados via Google formulário em uma segunda pesquisa aprovada pelo Conselho de Ética da UFC. Na primeira fizemos com um grupo de cento e noventa alunos, na segunda pesquisa reduzimos para um número de vinte e um. A redução consiste pelo fato de ter apenas integrantes da última edição e que fossem com aqueles que participaram diretamente da produção dos curtas-metragens durante a pandemia da Covid 19. Todos afirmaram que o fato de ter produzido o curta-metragem foi positivo para eles.

Gráfico 10 – Curta metragem foi positivo pra você?

2. Você percebe que o fato de ter produzido o curta metragem foi positivo para você?

21 respostas



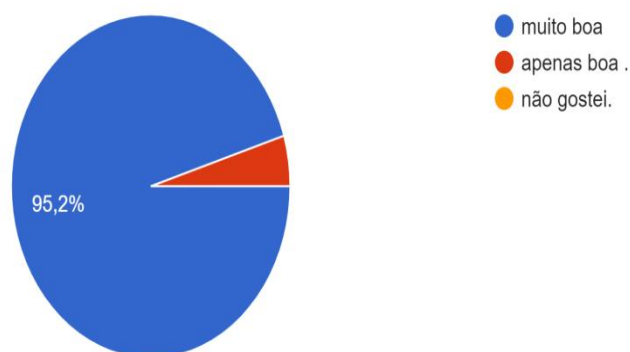
Fonte: elaborado pelo autor

Ao serem questionados sobre a sensação de assistir ao curta-metragem que produziu, vinte alunos disseram que foi uma sensação muito boa e apenas um afirmou que foi apenas boa. Nenhum dos entrevistados escolheu a opção que não gostou.

### Gráfico 11 – Sensação de assistir

3. Como foi a sensação de assistir ao curta metragem que produziu?

21 respostas



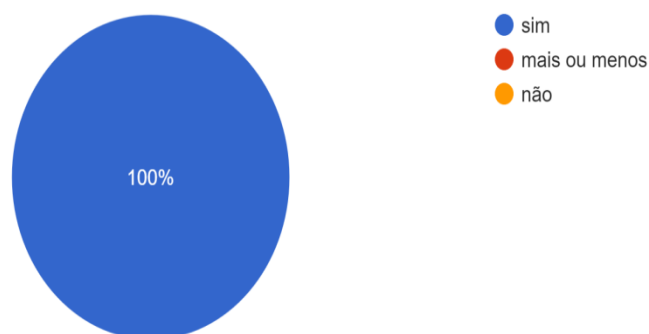
Fonte: elaborado pelo autor

Perguntei se o fato de produzir um curta-metragem trouxe mudança no olhar ao assistir filmes e 100% afirmaram que sim.

### Gráfico 12 – percebeu que houve mudanças no seu olhar ao assistir filmes

5. Após produzir o curta metragem você percebeu que houve mudança no seu olhar ao assistir filmes?

21 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

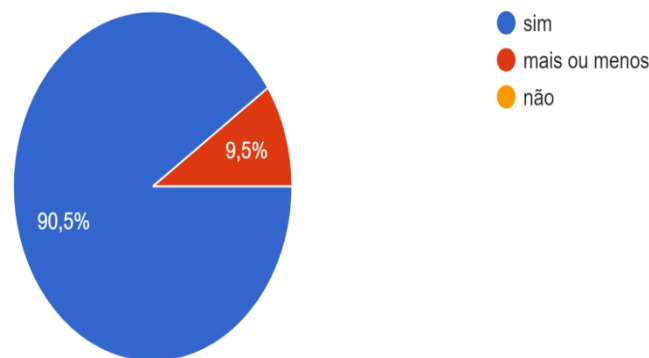
Dezenove responderam que após produzirem os filmes gostaram mais de Filosofia, dois que mais ou menos e nenhum dos participantes disse que nada mudou, percebo

uma coerência entre esta afirmação e o fato de todos terem concordado que a ação foi positiva para todos.

Gráfico 13 – Vocês gostaram mais de filosofia

6. Após produzir o curta metragem vocês gostaram mais de Filosofia?

21 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

No novo ensino médio, os estudantes têm horas destinadas à base comum e à base complementar que é a junção das eletivas e dos itinerários formativos<sup>27</sup>. O aluno inicia esse processo formativo com a investigação científica com o intuito de problematizar a realidade, compreendendo, valorizando e aplicando o conhecimento sistematizado. Após realizar uma pesquisa, o aluno é convidado a expandir a sua capacidade de idealizar e realizar projetos criativos. A mediação e intervenção cultural acontecem quando o aluno consegue realizar projetos que contribuam com a sociedade e o meio ambiente. O itinerário finaliza incentivando os alunos a empreender em projetos que contribuam com a sociedade e o meio ambiente. O nosso projeto aqui em análise se encaixa em todas as etapas do itinerário formativo, pois os filmes que são produzidos são escritos como uma forma para compreender a realidade, é um processo criativo do início ao fim, tem sua relevância e serve como um coletivo cultural contribuindo não só para a escola, mas para a comunidade como um todo a partir das exposições e debates, além de contribuir para que o aluno possa empreender a partir

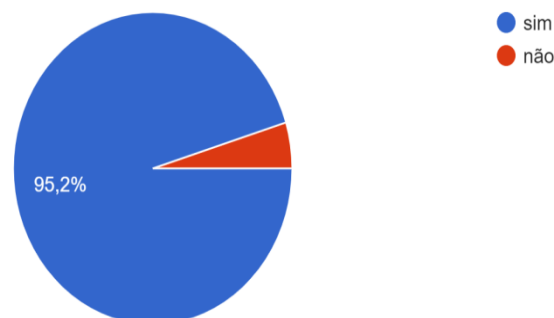
<sup>27</sup> Os itinerários formativos fazem parte do currículo escolar do estudante do novo ensino médio. Funciona como um conjunto de disciplinas, projetos e oficinas que servem para aprofundar assuntos que não foram contemplados na base comum. Como o objetivo é gerar uma aprendizagem mais flexível e diversa para atender melhor às necessidades dos jovens, os assuntos podem ser escolhidos a partir do Projeto Político Pedagógico da própria escola.

do trabalho que foi executado na produção audiovisual. Muitos editores trabalham editando vídeos para a mídia social, muitos que maquiaram e que fizeram cabelo montaram o seu próprio negócio utilizando as redes sociais como um espaço de divulgação do seu trabalho. Com os estudantes envolvidos recentemente no projeto, perguntei: Você percebe que a função que você exerceu no curta-metragem daria para você trabalhar em algum momento da vida? 95,2% responderam que sim e 4,8% responderam que não. Mesmo que não trabalhem especificamente na função que exerceu, existem contribuições a nível geral como citou o aluno Thomas<sup>28</sup>: “A responsabilidade com os prazos e o perfeccionismo para atingir excelência na entrega me ajudará no meu futuro emprego”.

Gráfico 14 – A função que você exerceu no curta metragem

7. Você percebe que a função que você exerceu no curta metragem daria para você trabalhar em algum momento da vida? Exemplo: se você fez a ...agem, daria para você trabalhar com maquiagem?

21 respostas



Fonte: elaborado pelo autor

Ainda a respeito da pesquisa, foi perguntado para cada entrevistado responder de forma dissertativa se o fato de ter produzido o curta-metragem tinha sido importante para sua vida. Dos vinte e um alunos, dezoito responderam a esse questionamento. Seus nomes não foram perguntados, então irei representá-los aqui por números. “Na forma de pensar sobre como a filosofia no nosso cotidiano e sobre como podemos nos tornar protagonistas de algo maior quando nos empenhamos para fazer acontecer”, afirmou o aluno 1. Vivemos em um contexto de sala de aula onde muitos alunos são indiferentes ao professor e aos colegas, à atividade quando solicitada e à explicação do conteúdo, mas quando se tem um projeto que faz com que os estudantes tenham entusiasmo e compromisso em desempenhar seu papel de

<sup>28</sup> Nome fictício.

pesquisadores, isso pode amenizar tal problema. “A percepção por dentro da produção de além do que vemos no filme! Podemos aprender e executar cada etapa de uma produção, além de expandir de uma forma criativa nossos conhecimentos da filosofia” (aluno 2). Em todo o processo do *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens* é nítida a presença da criatividade e o dinamismo nas aulas quando se é possível transformar aprendizagem, o que se compreendeu, em uma produção audiovisual. Deve ser por isso que o aluno 3 afirmou: “é muito bom aprender de outras maneiras”. “Foi interessante fazer reflexões sobre os assuntos abordados, assim tive diferentes pensamentos sobre tal assunto na prática”, acrescenta o aluno 4. A rotina da escola é puxada, ainda mais quando ela é de tempo integral, por isso se faz necessário pensar em práticas pedagógicas que contribuem para uma aprendizagem mais atrativa e que consiga focar a atenção por mais tempo. 67,7% dos alunos entrevistados na segunda pesquisa estudam das 7 horas às 17 horas de segunda-feira a sexta-feira. “Se torna cansativo a nossa rotina na escola sendo sempre a mesma coisa, gosto de sair um pouco da área de conforto e esse projeto é ideal” (aluno 5). O aluno 6 pontua sua experiência:

Abriu-me uma nova visão, uma experiência no que antes, eu não fazia a menor ideia, no caso, trabalhei como roteirista. Não trabalhei atuando, ainda não tive essa oportunidade, mas em compensação, fazer o roteiro me trouxe novas ideias e expectativas. Permitiu-me sair da realidade em que vivo, para ir pra outra, criando cenas e falas de personagens, vendo e olhando lugares, conhecendo as pessoas e como elas queriam atuar.

O aluno 7 volta para a questão aqui já lançada em relação às contribuições que nossa ação trouxe para vida profissional dele ao afirmar que “por causa do Cine Marvin eu passei a ver o trabalho de cinema e audiovisual como uma possível área de atuação na minha vida profissional”. Para o aluno 8, o que a produção audiovisual contribuiu para a vida dele, ele responde que “mudou a minha percepção sobre filosofia, melhorou”. Ao ter conhecimento em Filosofia e Cinema faz com que muitos alunos tenham um olhar diferenciado em relação à escola e à vida, como relatam os alunos 9 e 10: “Mudou a maneira de ver um filme. Hoje a gente vê que ali teve muito esforço, muitos preparativos! Etc”. “Foi uma sensação incrível, que não consigo conter as palavras para essa oportunidade que foi participar de um curta, sempre gostei muito de arte e agora me apaixonei mais ainda”. O cinema e a Filosofia são encantadores e quando existe a possibilidade das duas estarem juntas, muitos alunos se apaixonam ainda mais. “Ele me fez me apaixonar ainda mais por essa área que era atuar, eu amo demais isso, agradeço ao prof. Emerson por ter me proporcionado essa oportunidade, de não só atuar, mas de aparecer na televisão” (aluno 11). Gerar oportunidade para os estudantes serem o que eles são e dar visibilidade a seus talentos é de uma importância muito grande.

Não tem como medir tamanha proporção para a vida deles. “Sinto-me feliz por tá compartilhando o que eu faço para outras pessoas”, afirmou o aluno 12.

As contribuições para a formação humana dos alunos envolvidos no projeto consistem em relacionar o conhecimento filosófico com a realidade, possibilitando pessoas melhores, mais comprometidas, críticas, coerentes, envolvidas em causas sociais e menos alheias à sociedade. Não estou relacionando a Filosofia como um método de autoajuda, mas como possibilidade de um caminho para a consciência crítica que me faz ser um indivíduo que interage bem consigo mesmo, com os outros e com a natureza. É como afirma o aluno 13: “Sou uma pessoa melhor”. Os alunos percebem como trabalhar com questões filosóficas pode contribuir para os jovens serem menos influenciados pelos outros e pela mídia. “No dia que fizemos um curta-metragem foi em um momento difícil da pandemia e que ajudou não só a mim, mas para várias pessoas a amenizar as questões socioemocionais que estávamos passando durante aquela situação e também nos divertimos muito”, concluiu o aluno 14. Quando a atividade escolar contribui para uma aprendizagem, questões socioemocionais e se torna um momento divertido, pode transformar o ensino cada vez mais atraente e significativo na vida desses adolescentes. “Acho uma bela solução para os jovens, pois além de aprimorar sua mente, eles vão estar fazendo algo inovador e desafiador. Acredito que isso incentiva bastante no desenvolvimento de nós jovens” (aluno 15).

O incentivo para o estudo filosófico no ensino médio vem da própria Filosofia e dos desafios que são lançados através das novas experiências e práticas. Propor algo que eles ainda não fizeram e que muitos acham distante das suas possibilidades para efetuarem. O aluno 16, afirmou que:

foi muito boa a experiência pelo fato de ter ampliado novos conhecimentos, novas aventuras, coisas que eu não sabia que aprendi de uma maneira mais ampla e especificada. Participei como diretora e foi bom porque os vídeos deu espaço à respectiva matéria de filosofia, trazendo um novo conhecimento misturando teorias, práticas e ação.

Ao produzir um curta-metragem durante as aulas de Filosofia pode contribuir para a formação escolar, profissional e humana porque são experiências que geram protagonismo juvenil e possibilidades de desenvolver várias habilidades. “Foi legal demais criar um filme com suas próprias ideias e imaginação, incrivelmente incrível, foi demais, algo para se marcar demais na mente”, afirmou o aluno 17. O reconhecimento dos estudantes com o projeto e com o professor é notório e motivador para continuarmos propondo esta “experiência única que

pude viver em meu Ensino médio, obrigada Professor Emerson por nos proporcionar tal feito!” (aluno 18).

O nosso projeto está inserido em um contexto onde a escola atual nem sempre consegue ser um espaço de democratização, de oportunidades e de igualdade. Percebemos que o nosso trabalho procura amenizar tais situações e se lança na busca de se questionar: “A que rumos a educação está levando?” A supervalorização das questões econômicas, o descaso e negligência inseridos na educação devem ser questionados e refletidos. Nossa ação valoriza a formação cidadã, a problematização filosófica, valores humanos e culturais para a escola e para a vida dos estudantes. Contribuímos também em formação profissional, no caso do editor do filme, por exemplo, que aprendeu e vivenciou na prática tal ação que pode até oferecer uma oportunidade de emprego pra ele ou criar o seu próprio negócio, como aqui já citamos, entretanto isso não deve ser a prioridade quando produzimos os curtas-metragens.

Diante da aparente ausência dos preceitos democráticos, que balizam o papel da educação mediante a função social da escola, a pergunta sobre “para onde vai a educação?” lança luz sobre os objetivos fundamentais do ensino e da formação do cidadão, aqueles pelos quais atualmente muitas instituições parecem passar ao largo, relegando a segundo plano a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96 quanto à importância dos valores humanos, da aquisição de cultura e dos conhecimentos socialmente construídos, ganhando outra significação, que seja da educação se reduzir a um serviço prestado ao mundo econômico (LIMA, 2021, p. 181 e 182).

Nosso objetivo é gerar reflexão, caminhos para a consciência crítica e incentivar para que a escola fale sobre valores humanos, podendo amenizar um mal-estar na educação<sup>29</sup>. Isso se refere às dimensões afetivas e sociais, como por exemplo: os conflitos e as tensões humanas encontradas no ambiente escolar que é o primeiro espaço de convivência do indivíduo com o mundo. A escola é um ambiente de encontro, mas infelizmente essas experiências alimentadas pela alienação podem ocasionar uma perda de sentido ou aumentar ainda mais a ansiedade entre os alunos. A aluna Joaquina<sup>30</sup> expressa tal situação quando afirma:

Vejo a escola como um lugar onde aprendemos muitas coisas boas, entretanto parece que as coisas ruins marcam mais. Vivemos os primeiros amores e as decepções também. Conhecemos o valor da amizade e a traição também. Falamos sobre inclusão social, mas vivenciamos muito mais exclusões sociais. Estamos passando por transições e isso talvez aumente ainda mais a angústia humana. O

---

<sup>29</sup> O mal-estar na Educação está presente quando acontece um fenômeno de sensações desagradáveis nas relações entre professores/grupo gestor com alunos, entre os próprios discentes e os próprios docentes, podendo gerar: incômodo, indisposição, estado de inquietação, de aflição mal definida; ansiedade e insatisfação.

<sup>30</sup> Nome fictício.



filme que fizemos escancara tais situações e isso faz com que realmente estejamos na tela. Não é fácil falar disso, mas com a linguagem do cinema e da Filosofia fica mais fácil. E isso é muito bom, porque me deixa mais aliviada.

Produzir e exibir vídeos que falam sobre conflitos, experiências, costumes, hábitos, ideologias, tensões, indiferença e intolerância podem contribuir para uma reflexão sobre uma escola que

[...] trata como “iguais de direito”, indivíduos “desiguais de fato”, isto é, que foram preparados de forma desigual, pela respectiva cultura familiar, para assimilar a “mensagem” pedagógica, do mesmo modo que foram preparados de forma desigual para “decodificar” a mensagem artística, ou seja, aprender a obra de arte como sistema específico de pertinências estilísticas (BOURDIEU1998, p.63).

Tal reflexão do Bourdieu caracteriza o intuito do nosso projeto em desconstruir a ideia de que todos aprendem da mesma maneira e que o ensino não deve relacionar com a realidade. A produção dos curtas-metragens não é prática pedagógica de uma contribuição estilística apenas, mas como ação na busca do estudante se sentir pertencente à escola e ao mundo.

#### ***4.3.3 É possível a partir da inserção da produção dos curtas-metragens em sala de aula como um caminho da desalienação humana?***

O trabalho aqui analisado que corresponde às produções audiovisuais inspirou outros professores também a executarem o cinema como práxis pedagógica, como o que acontece com uma professora “x” em Cuiabá - Mato Grosso e um professor “y” em Lisboa-Portugal, que ao conhecer o projeto solicitou os nossos regimentos e estratégias para eles também produzirem curtas-metragens em escolas do ensino médio do mesmo formato. Essas experiências são possíveis tentativas de emancipação de projetos culturais e filosóficos em escolas públicas. É importante produzir, assistir e debater sobre as pautas trazidas em cada vídeo. Trabalhar questões filosóficas nas películas a partir da temática da Alienação é uma busca para se afirmar que o cinema pode ser utilizado como uma formação pedagógica não alienante. Nossa práxis pedagógica desenvolvida há 10 anos nas aulas de Filosofia em escolas públicas do Estado do Ceará, denominado de *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas-metragens* pode ser um exemplo disso.

Em 2019, no cineteatro São Luiz, a atriz global Karla Karenina estando presente em nosso evento, e após assistir aos nossos curtas-metragens, disse: “Como é bom ver filmes

sendo produzidos com conteúdo escolar”. A partir desse comentário dela ficou mais claro ainda para mim que a prática educativa e o processo de aprendizagem inserida na construção de um curta-metragem podem fazer grande diferença na vida de quem assistiu, mas sobretudo de quem produziu. O mais importante aqui é a produção que relaciona teoria e prática.

“Professor, só tome cuidado para não pedagogizar o meio audiovisual, pois se isto acontecer é a forma de não utilizar o que de melhor ela apresenta, o sonhar, sentir. Em muitos momentos a escola deveria apenas apresentar, deixar a curiosidade do aluno construir o conhecimento e pesquisar sobre isto. E a vantagem de se produzir vídeo é justamente esta, ele é um produto que aceita a autoria de um coletivo, incentivando a necessidade de compartilhar sentidos, e também pode contribuir para a exploração da linguagem escrita durante todo o processo, principalmente o de pré-produção. Nosso foco não é no vídeo como produto final, mas no processo que o aluno leva para realizar a obra audiovisual”. (Freire, 2003)

Proporcionar uma vivência que permite sonhar, sentir, trabalhar em equipe, compartilhar sentimentos, compreender executando e propor um debate sem censura é o que faz o processo da criação livre das produções audiovisuais serem uma prática pedagógica que contribui para o novo e para o pensamento crítico. O envolvimento da mídia e dos apreciadores da arte e cultura contribui para um grande espetáculo que vai além das exposições. Produzir, exhibir e debater é uma ação cultural, é um ato de resistência e um espaço para filosofar.

A ação cultural consiste em apresentações artísticas, pois os alunos enxergam em seus trabalhos a arte do cinema. Embora os curtas-metragens tenham caráter amador, eles são exibidos em grandes equipamentos culturais do Ceará, geralmente nos meses de agosto e novembro, e que já mantêm o interesse anual dos curadores desses locais para realizar o evento. O fato de o trabalho dos alunos ser apresentado em um cinema pode contribuir para que o impacto da produção não seja negativo como quando é visto na própria escola. O clima de assistir os filmes na sala de aula, no pátio ou na quadra que eles já têm um contato diário é diferente de quando os mesmos estudantes vão até o cinema, pois a concentração e a valorização pelo que foi feito pode ter um nível mais elevado, contribuindo para um respeito com os produtores durante a exibição. Esse detalhe é importante porque muitos participantes estão em uma busca constante para amenizar os problemas gerados pela timidez e autoestima. A aluna Ana<sup>31</sup> disse:

Só aceitei participar porque o nosso filme será exibido primeiramente em um ambiente fora da nossa escola, pois ficaria com muita vergonha devido o medo dos colegas ridicularizarem o nosso trabalho. Sendo em um evento cultural do nosso estado, me sinto mais tranquila por saber que uma parte do público já entende o

---

<sup>31</sup> Nome fictício.

processo e gosta de Filosofia e Cinema podendo inibir alguns que se comportam de forma diferente, como vejo quando vamos para as aulas de campo.

Existe um ato de resistência porque trabalhar com Filosofia e Cinema em periferias, sem equipamentos adequados, sem recursos financeiros, gerando debates sobre Liberdade, Preconceitos, Direitos Humanos e Epistemologia como possíveis caminhos para desalienação humana, sobretudo nos tempos atuais, se faz necessário. A resistência através dos filmes produzidos consiste em ações que contribuem para um aprendizado onde os estudantes se sentem protagonistas e trazem assuntos que muitas vezes geram polêmicas em sala de aula para a tela do cinema. Uma pessoa “x”, sem nenhum envolvimento com as áreas aqui analisadas, após assistir um dos filmes me disse que não se pode falar sobre homofobia com alunos de Ensino Médio e que faltou a orientação do professor de Filosofia. Interessante que quem traz essa questão é o mesmo que afirma que filosofar é doutrinar. É importante deixar claro que uma “censura criteriosa supõe, antes de tudo, formação e esclarecimentos ministrados com prudência e oportunidade preparando os jovens para viverem no mundo e não falsamente defendidos e prisioneiros de algum universo irreal” (SÁ, 1967, p.77). Assuntos como homofobia e outros tipos de preconceitos fazem parte do mundo real dos nossos estudantes. Mesmo com vários avanços e conquistas contra atos preconceituosos dentro e fora da escola, esse tipo de debate trazido pelos próprios discentes, tem sua relevância, pois muitas vezes fazem parte do dia a dia escolar, queira ou não queira. Um aluno transexual afirmou: “mesmo não tendo participado, me senti representado em um dos curtas-metragens e isso é muito importante para mim, pois ainda se faz necessário esclarecer e impor limites para que eu me sinta mais tranquilo dentro da escola”. Para analisar como essas temáticas abordadas nos curtas-metragens afetam nossos estudantes é necessário entender que o professor de Filosofia precisa estar atento e aberto a essas questões com o intuito de contribuir na formação do indivíduo livre.

Para o crítico educador, ou para o educador que faz crítica o raio de sua ação é muito claro – analisar em vista da formação da criança e do adolescente (muito embora a educação das massas também seja assunto muito importante e que interessa à Educação). Seu objetivo é instruir, educar e formar – mas nem tudo que nos compete denunciar, julgar e neutralizar. Daí justificar-se o direito à crítica da parte do educador (SÁ, 1967, p. 81).

Talvez, alguns educadores se abstenham de fazer a crítica e impedem de trabalhar com temas mais polêmicos com medo de possíveis reações dos familiares dos estudantes. A busca pela censura sendo caracterizada apenas por um “achismo” ou por certas “ideologias” pode ser um perigo para o trabalho que relaciona Filosofia e Cinema, por isso se

faz necessário que o educador e o artista possam esclarecer eventuais dúvidas e que caso tenham censura que pelo menos possa ser baseada por elementos técnicos, com base no projeto político pedagógico da escola e pela lei criminal.

Sabemos que a censura é muitas vezes feita por elementos que não entendem nem de cinema nem de educação... Já a crítica profissional tem pelo menos o mérito da autoridade em seu campo específico, apesar de ser algumas vezes discrepante ou bizantina na apreciação de certas obras. Outros vivem encastelados numa intransigência de 'limites' e fronteiras... procurando alijar de suas apreciações toda preocupação moral (SÁ, 1967, p. 81-82).

A censura e o medo de expor certas questões são grandes obstáculos para uma educação contra o fascismo<sup>32</sup>, por exemplo. Ao citar que em alguns institutos de educação pode ser visto com ideais fascistas é a forma que tenho para deixar mais claro ainda que o meu objetivo seja demonstrar que tal situação vai em contramão com a nossa dissertação. A valorização das normas hierárquicas e a tradição nacional não são vistas como prioridade para este trabalho. Escolas e universidades existem para formar indivíduos a partir de valores humanos para todas e todos e não para doutrinar o orgulho nacional ou racial e as gloriosas conquistas de uma raça dominante.

A resistência acontece porque se faz necessário mostrar que alunos de periferias são artistas, cultivadores de arte e educação, são protagonistas da sua própria história e devem ter seu direito de fala respeitado e valorizado. A presidenta do Conselho Nacional de Cineclubes do Brasil disse que “A escola precisa se conectar com o cinema, tanto na produção audiovisual como nas exibições, para incentivar os nossos alunos a olhar o mundo com outros olhos e provocar mudanças”. O papel do professor é de suma importância para essa transição, até porque “a pessoa não sai da mesma forma após assistir e debater um filme”, concluiu a também educadora. Apresentar como a Filosofia se relaciona com o dia a dia das pessoas e como o cinema pode ser um espaço de filosofar. Como é bom ver jovens lendo textos filosóficos e produzindo filmes com uma linguagem simples e que respeitam a diversidade juvenil da nossa sociedade. Filosofar é resistência, é incentivar as pessoas a pensarem e criticarem sobre o que estiver e for importante ser colocado em questão. Confrontar a alienação pode ser através da conscientização e os filmes têm essas características de através

---

<sup>32</sup> Fascismo é um ato de poder e autoridade que impede o diálogo e outros pontos de vistas.

dessa relação entre Filosofia e os acontecimentos do dia a dia procurar incentivar para o debate filosófico, crítico e que gere uma possível maiêutica<sup>33</sup>.

Tendo em vista os impactos da aprendizagem filosófica em demonstrar a praticidade do conhecimento filosófico é possível a partir da inserção da produção de curtas-metragens em sala de aula como um caminho da desalienação humana? Para isso, necessita que a noção de cinema utilizada nesta ação não seja analisada como uma técnica apresentada pela indústria cultural.

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre lógica da obra e do sistema social. (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 100).

Sendo assim, ao utilizar o cinema como espaço de reflexão e de produção a partir do que foi socializado durante as aulas de Filosofia gerou uma transformação na escola e na vida dos alunos. “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo” (MARX. 2002, p.110).

---

<sup>33</sup> Termo utilizado pelo filósofo Sócrates para apresentar a última etapa da metodologia de um debate filosófico. A Maiêutica é o resultado daquilo que já foi discutido, aprofundado e que agora passou por possíveis mudanças.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o Cinema como formação pedagógica não alienante é a afirmação de como o cinema precisa ser utilizado em sala de aula e de forma séria, pois “o cinema encanta, deslumbra e emociona, ele também ensina” (SILVA, 2007, p. 211). Encanta porque gera uma aproximação da realidade ou da imaginação em relação ao que está sendo proposto. Aprender visualizando é maravilhoso, pois ao seduzir, alucinar e fascinar pode-se prender mais a atenção do aluno do que nos moldes tradicionais de ensino. O cinema ensina para a reflexão social através da própria ação transformadora que a sétima arte pode exercer.

O potencial da linguagem cinematográfica foi visto aqui como uma grande oportunidade de interação entre os estudantes e os professores, sobretudo os de Filosofia, a partir de três vieses: exibição, formação e produção. O primeiro se refere à importância de que se cumpra a Lei 13.006/2014, artigo 8 da LDB, que exige que as escolas públicas ou privadas de educação básica exibam duas horas mensais de filmes de produção nacional e que as exibições devem ter um caráter pedagógico, isto é, deve-se escolher filmes que possam contribuir para uma reflexão a respeito do conteúdo que foi ou que está sendo exposto. Para isso se faz necessário que o educador tenha visto o filme antes, assim como tenha feito um planejamento. O cinema é completo porque é uma união de outras artes, podendo gerar várias outras possibilidades culturais e profissionais, por isso podemos aprender não só com o conteúdo da produção audiovisual, mas com todos os elementos cinematográficos. Aprender a produzir um filme estimula novas habilidades e potenciais não só na área da interpretação artística, mas na escrita de um roteiro, na maquiagem, no figurino, na sonoplastia, no manuseio das luzes e da câmera, na edição de vídeos, na produção e criação de cenário e adereços. Após assistir e ter conhecimentos básicos de uma produção cinematográfica, os adolescentes se sentem motivados a realizarem seus próprios vídeos de forma coletiva e com o intuito de aprendizagem nas aulas de Filosofia. Depois de produzir o curta-metragem, voltamos para o primeiro ponto que consiste em assistir, percebendo que a exibição, a formação e a produção fazem parte de um ciclo neste processo da implantação do cinema como formação pedagógica aqui proposta.

Os cinco curtas-metragens produzidos e analisados nesta dissertação como produtos da minha pesquisa representam como esse processo de inserção do cinema na escola é possível e como esse método de ensino aqui proposto pode contribuir como uma ferramenta para amenizar a situação de indiferença e estranhamento nas relações de ensino, de forma mais específica nas aulas de Filosofia da EEM Professora Eudes Veras e EEMTI Albaniza

Rocha Sarasate. Segundo a pesquisa aqui já apresentada, apenas com alunos que participaram das produções, é possível identificar que 100% responderam que este trabalho foi positivo. Quando a pergunta se torna descritiva, a maioria dos alunos respondeu que conseguiu ampliar seus horizontes e sua forma de pensar. Isso foi possível por meio de uma atividade realizada na escola, que amplia as formas de conhecimento e proporciona novas perspectivas de vida, contribuindo para estudantes mais empolgados e interessados no saber, pois percebem que tal ação pode ajudá-los a serem pessoas melhores. Embora nas escolas aqui citadas já existam projetos, além do que foi proposto por nós, que incentivam o protagonismo juvenil e que geram alunos mais conscientes, percebo que a indiferença ainda acontece, principalmente quando professores entram em sala de aula e alguns estudantes não os percebem e continuam jogando, dormindo, conversando ou olhando o celular. Ademais, um simples cumprimento de ‘bom dia’ ou de ‘boa tarde’ que muitas vezes não é respondido nem notado no início de uma aula gera ainda mais certa insatisfação entre os educadores que constantemente desabafam sobre isso na sala dos professores.

A indiferença é uma forma de individualismo egoísta porque na maioria das vezes damos atenção às pessoas apenas quando percebemos que vamos ganhar algo, sobretudo se for de imediato. Se o professor promete nota ou algum presente, a atenção é praticamente imediata, também quando se utiliza de métodos rígidos que geram punições. Nossas relações são baseadas em trocas assim como uma produção no ambiente de trabalho, dessa forma o sujeito acaba não se reconhecendo mais neste mundo, sentindo-se alheio a ele e ao outro. É como se o mundo não lhe acolhesse mais e sua existência fosse sem sentido.

Segundo Karl Marx, o indivíduo não se reconhece no mundo e se torna estranho com o outro quando ele se sente um objeto, mais um produto em meio a tantos outros. Aquilo que ele produziu volta para ele de forma estranhada. Mas tem como lutar contra a alienação? Parece que está cada vez mais difícil acreditar em uma possível transcendência da alienação porque vivemos em um contexto em que as pessoas estão cada vez mais acomodadas. Podemos exemplificar esse fato com uma propaganda eleitoral antiga em que um besouro entra na orelha de um jovem, deixando-o muito indignado, fazendo-o tentar de tudo para tirá-lo, mas, depois, ao final da propaganda, o mesmo jovem joga mel no ouvido, como se estivesse alimentando o besouro. Ele até tentou tirar, mas como viu que não dava, abandonou e buscou caminhos para se acostumar e conviver com a situação de desconforto. Tal propaganda foi utilizada com o intuito de incentivar a reflexão sobre a importância de cada cidadão no período de eleição, mas é comum ainda escutarmos pessoas a dizer: “É, ele rouba, mas me deu alguma coisa”. Como se a corrupção e a negligência do “E daí se tem gente

morrendo, eu não sou coveiro” fossem banais. A frase “E daí” é muito séria, pois representa bem a ideia de indiferença de quem pronuncia para com quem sofre a ação. Neste contexto de pandemia da Covid-19, a indiferença com a vida por uma parte da população foi notória porque buscaram constantemente diminuir as gravidades geradas pelo vírus, falas que incentivaram as pessoas a não usarem a máscara e continuarem aglomerando, além da negação da ciência e dos valores humanos. Escutamos que quem fica limpando as mãos e mantendo todos os cuidados orientados pelos médicos eram “frescos” e que quem busca e luta pelo direito da vacina eram “tarados” por vacina e que não há necessidade disso. Pronunciamentos como: “Ou você morre de fome ou pelo vírus” ou “morreu quem tinha de morrer” demonstram como o estranhamento com o mundo e com o outro gera um empobrecimento dos sentidos humanos quando não nos apropriamos da nossa essência como ser humano total, que para Marx significa um sujeito consciente e livre. A consciência de que temos uma responsabilidade conosco e com o outro. Parece que a nossa sociedade escolheu morrer isoladamente, como lobos. Penso que isso é grave porque existe uma separação de si e do outro que alimenta ainda mais a ideia de relacionamentos descartáveis. Vivemos em uma sociedade onde nos sentimos cada vez mais indiferentes, no momento em que descartamos o outro quando ele deixa de ser útil, por exemplo.

Na contramão dessas ações de indiferenças, entrei em sala de aula com uma caixa de madeira para lecionar Filosofia para turmas do Ensino Médio. Percebi que quem não estava prestando muito a atenção em minha chegada passou a me olhar motivado pela fala dos outros estudantes que me questionavam sobre o que estava segurando, porque estavam muito curiosos para saber o que tinha na caixa. Os alunos ficaram atentos. Não precisou nem pedir para ninguém sentar e ficar em silêncio, pois quem ousasse interromper de alguma forma era cobrado pelos próprios colegas que continuaram na busca por saber o que o professor tinha levado. Sem precisar falar nada já me senti acolhido pela turma para iniciar um possível debate a partir da curiosidade, da admiração e do espanto deles sobre tal situação. Iniciei a aula expondo que quando estamos arrumando a casa e existem objetos que não podemos jogar fora, mas que ao mesmo tempo não queremos que ninguém veja, geralmente guardamos em uma caixa. Logo em seguida, um aluno faz a relação da caixa com a sociedade, pois, segundo ele, nem sempre a escola, a mídia, os políticos e, às vezes, até os próprios familiares contam tudo o que realmente sabem, pois entendem que nem tudo precisamos saber. É óbvio que um político não faz questão de anunciar seu salário e todos os benefícios que ele recebe porque muitos podem se revoltar contra ele após uma reflexão ao comparar com o valor que a grande maioria das pessoas recebe e as condições desiguais do seu trabalho com o dele. Esse método



em sala de aula pode, de certa forma, contribuir para a formação de adolescentes criativos e críticos, que sejam capazes de partilhar saberes e práticas, pois a aprendizagem não precisa estar focada apenas em analisar um raciocínio lógico ou a consistência de uma boa argumentação. Ao interagir, o aluno se sente importante porque percebe que a aula de Filosofia é um espaço de problematização. Abrir a caixa é a demonstração de que o estudante pode se sentir participante da discussão, podendo questionar os conceitos preestabelecidos pela sociedade. Tal atitude demonstra como os jovens precisam de aulas que permitam o livre pensar, sem jamais corromper as consciências. Os próprios estudantes abrem a caixa como uma simbologia que pode representar a autoconsciência. Com autonomia, eles vão percebendo que dentro da caixa tem um caderno sem nada escrito e com várias canetas que servem para escrever o roteiro do curta-metragem em um processo coletivo. O pensamento crítico sai de dentro da caixa em forma de celular, exibindo outros curtas-metragens produzidos durante os dez anos do Cine Marvin e longas-metragens de cineastas marxistas aqui citados. As obras não são veiculadas nas grandes mídias. O celular é uma ferramenta acessível e que pode servir como uma câmera para as produções audiovisuais que, no nosso caso, é retirado de dentro da caixa para significar que os vídeos precisam ter um caráter crítico.

Relacionar o conceito marxista de alienação com o cinema é percorrer uma proposta na qual “a partir da crítica de todas as formas de alienação, sejam elas material, estética ou moral, buscamos a juventude nas telas dos cinemas” (TEIXEIRA, LOPES, DAYRELL, 2009, p. 15). Buscamos ver na tela do cinema cerca de mil e quatrocentos e quarenta e dois alunos de quatro escolas públicas do Estado do Ceará para dar visibilidade aos talentos e a como esses jovens estão demonstrando seus conhecimentos filosóficos. É um protagonismo juvenil na prática, pois possibilita ações concretas. Ver os meus alunos na tela do cinema é acreditar como é possível relacionar teoria e prática e como os jovens podem se expressar através do cinema e da Filosofia. Os jovens das periferias de Fortaleza e Maracanaú, na tela de cinema, demonstram a emoção da conquista e de uma realização pessoal. A tela representa um espaço conquistado onde foram materializadas as angústias, as desesperanças e as esperanças em falas de uma juventude que busca constantemente ser escutada. Produzir curta-metragem é deixar o aluno mais participativo na escola e no mundo. A relação do professor com o aluno durante a execução do projeto pode ser muito boa porque dessa forma terão mais tempo para se conhecerem. Algumas gravações são externas e é interessante que o educador esteja presente nas viagens, idas ao parque, ao shopping, à praia, dependendo da locação solicitada pelos roteiristas e da equipe do cenário. Essas convivências

podem criar vínculo para além do período escolar.

O projeto 'Cine Marvin: o pensar filosófico em curta-metragem' neste ano de 2022 completou dez anos. Uma das ações inovadoras nesta edição foi fazer uma seleção com trinta vagas para alunos de outras escolas em que não trabalho, ex-alunos, professores de Filosofia que buscam aprender a proposta na prática, familiares dos estudantes envolvidos em outras produções e pessoas que gostam dessa relação entre Filosofia e Cinema, entre elas alunos do audiovisual. Neste grupo temos membros do Rio de Janeiro, Acre e os cearenses de Camocim, Baturité, Horizonte, Aquiraz, Redenção, Caucaia, Maracanaú e Fortaleza.

Diante de tudo o que aqui foi dito é importante pontuar que os curtas-metragens podem ser uma ferramenta pedagógica crítica porque ao produzir, os alunos e o professor orientador buscaram refletir sobre uma sociedade na qual os poderes humanos não estejam alienados do homem e, conseqüentemente, não possam se voltar contra ele. Para uma tentativa de um cinema como formação pedagógica não alienante precisa haver uma atividade humana que utilize a autoconsciência inserida nas práticas de ensino. Sendo assim, percebemos que os filmes produzidos podem ser um negador da alienação na prática, embora para Marx não seja possível superar a alienação totalmente.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. *In*: ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 99-138.
- ALCÂNTARA, Jean Carlos Dourado de. **Curta-metragem**: gênero discursivo propiciador de práticas multiletradas. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2014.
- ALEA, Tomás Gutierrez. **Dialética do Espectador**: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano. São Paulo: Sumus, 1984.
- ALMEIDA, Milton J. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAPTISTA, Mauro. **Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA: Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. São Paulo: Vozes, 1998. p.39-64.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHAGAS, Eduardo Ferreira. O indivíduo na teoria de Marx. **Revista Dialectus**, [S.l.], ano 1, n. 1, p. 1-16, jul./dez. 2012
- DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GABRIEL, M. **Educ@r**: a (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LUCENA, Thiago Franklin Rodrigues. **M-vídeos**: audiovisual do/para celular. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/275580769\\_M-videos\\_Audiovisual\\_dopara\\_celular](https://www.researchgate.net/publication/275580769_M-videos_Audiovisual_dopara_celular). Acesso em 02 nov. 2009.
- MANCUSO, R. Feiras de ciências: produção estudantil, avaliação, consequências. Contexto Educativo. **Revista digital de Educación y Nuevas Tecnologías**, [S.l.], n. 6, 2000.

- MARIE, Michel. **A Nouvelle Vague e Godard**. São Paulo: Papyrus, 2011.
- MARKUSE, Gyorgy. **Teoria do Conhecimento do Jovem Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.
- MARX, Karl. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Centauro, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A ideologia alemã**. 4. ed. Tradução José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MÉSZÁROS, István. **Marx: a teoria da Alienação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- RECH, Hildemar Luiz; LIMA, Hipácia Rocha. Mal – estar na Educação: O triunfo do Discurso do Mestre... **Revista Dialectus**, [S.l.], ano 10, n. 24, p. 177-196, set./dez. 2021.
- ROCHA, Adriano Medeiros da. **Audiovisual e Juventude**. Ouro Preto, MG: UFOP, 2011.
- ROCHA, Glauber. **Revisão crítica do cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e Educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUSA, Edileuza Penha. **Negritude, cinema e educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel; DAYRELL, Juarez. **A Juventude vai ao Cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. Maceió: EDUFAL, 2007.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **As ideias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Pensamento Crítico, 19).

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político- pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 11. ed. São Paulo: Libertad, 2009.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

### CURTA METRAGEM: UM NOVO MUNDO BASEADO NA FILÓSOFA ROSA LUXEMBURGO E KARL MARX

CENA 1: (próximo da TV)

PERSONAGEM 1: (olhando pra TV por um minuto em vários ângulos e depois fala).

Não aguentamos mais tantos podres, tanta violência

Ainda é possível um novo mundo?

Há todo velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir por isso cada um é convidado de forma coletiva a construir um novo mundo.

Não estamos perdidos. Pelo contrário, venceremos se não tivermos desaprendido a aprender a amar e a lutar por um mundo menos desumano.

Ainda é possível um novo mundo.

Sonho com um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres, mas parece que o novo mundo só acontece nos meus sonhos.

Todo dia, todo dia é a mesma coisa, a mesma estação, o mesmo metrô, até as pessoas são as mesmas.

(olhando para câmera) Talvez você esteja me perguntando quem eu sou, mas nem eu sei responder direito.

(Metrô chegando e o jovem entra)

CENA 2: (Dentro do metrô)

Narração:

Talvez eu seja mais um jovem entre tantos outros que busca ter forças para enfrentar todos os preconceitos (lembra andando na rua e alguém muda de calçada; na parada de ônibus dá o sinal mas não para)

É chato, mas estou aqui firme e forte para mais um dia de trabalho. Será que estou feliz? Feliz é? (rindo) Embora o trabalho me dê o meu sustento mas sinto que está sendo uma atividade que desumaniza e impede o desenvolvimento do ser humano que sou (rindo)

Trabalhar em algo que eu não sei nem o que estou produzindo, talvez seja uma forma de negar a si mesmo.

(Pensativo e lembra de algum dos seus rap, volta para o jovem que escuta ou ver que está na estação que precisa descer e desce)

CENA 3: (andando na rua até chegar no portão do trabalho)

Será que este meu eu foi negado diante pela pura necessidade econômica ou pior será que este meu eu nega o outro e o mundo em minha alienação?

FINAL

Sei que existe a esperança do novo mundo que me faz sorrir à vida, como se conhecesse a fórmula mágica que transforma o mal e a tristeza em claridade e em felicidade. Ninguém solta a mão de ninguém.

**CURTA METRAGEM: Até onde posso perguntar?**

BASEADO NA FILÓSOFA HIPÁTIA

ATOR: EDMAR

CENA 1: (Ela faz um ponto de interrogação em uma folha)

CENA 2: (apenas o rosto)

Você costuma fazer perguntas?

CENA 3: (Joga um monte de folhas com ponto de interrogação e entre as folhas a jovem está sentada e diz:)

É necessário reservar o seu direito a pensar?

Mesmo pensar errado é melhor do que não pensar?

CENA 4: (Ela escreve: Você tá pensando o quê? Por quê? E para quê? Depois imagens dela pensando e escrevendo ao som da música \_\_\_\_\_)

CENA 5: (Na rua) Compreender as coisas que nos rodeiam é a melhor preparação para compreender o que há mais além?

CENA 6: (entre as folhas a jovem está sentada e diz:)

Faço tantas perguntas e você talvez pergunte pra quer tudo isso, não é isso?

Será que ao compreender as coisas que nos rodeiam a partir das tentativas de responder a tantos questionamentos é a melhor preparação para compreender o que há mais além?

CENA 7: (Ela escreve: Quem é você? Resistente? Fraco? Medroso? Ansioso? Feliz?)

CENA 8: (apenas o rosto)

Você costuma fazer perguntas?

FIM!

**CURTA METRAGEM: O ELOGIO A SOLIDÃO**

BASEADA NA TEORIA DO FILÓSOFO SCHOPENHAUER

ATRIZ: JARDENIA

CENA 1: (em casa a garota pega a mochila e sai)

CENA 2: (A garota chega na escola mas a porta tá fechada)

CENA 3: (Em uma rua sem ninguém)

O que aconteceu?

CENA 4: (Porta da sua casa se fechando)

Pai (não precisa aparecer): Fique no seu quarto, não fique perto de mim (tossindo muito)

Garota: tá, tá,tá

CENA 5: (em seu quarto)

Sempre sonhei em ficar só, ficar em paz, sem ninguém encher o meu saco, mas quando é por obrigação parece que tudo perde a graça. Será? (Começa a pular na cama; escutando música; lendo; no celular; sentada atrás da porta; dormindo; chorando...)-  
Música\_\_\_\_\_

CENA 6: (No banheiro)

Nenhum caminho é mais errado para a felicidade do que a vida no grande mundo, pois quando tentamos transformar a nossa miserável existência numa sucessão de alegrias, gozos e prazeres, não conseguimos evitar a desilusão.

(abre o chuveiro, depois fecha e pega a toalha)

Não conseguimos evitar a desilusão, muito menos o seu acompanhamento obrigatório que são as mentiras recíprocas.

CENA 7: (Na cama como se tivesse gravando um vídeo pelo celular)

Assim como o nosso corpo está em vestes, o nosso espírito está revestido de mentiras.  
Os nossos dizeres as nossas ações, todo o nosso ser é mentiroso.

CENA 8: (Na rua sozinha)

Cada um só pode ser ele mesmo, inteiramente, apenas pelo tempo em que estiver sozinho.  
Quem, portanto, não ama a solidão, também não ama a liberdade, apenas quando se está só é que se está livre.

Fim!

#### CURTA METRAGEM: A filósofa

cena 1: (na sala com o computador)

Lorena: vai Jardenia, tou ansiosa...

Jardenia: Vai dar certo amiga tá terminando de carregar aqui...

Lorena: Era pra você ter deixado eu assistir antes.

Jardenia: Eu queria que fosse surpresa. Quero ver a reação das pessoas. Pronto.

Lorena: Espera, vamos contar... 5

Jardenia: 4

Lorena: 3

Jardenia: 2

Loren: 1

Jardenia: Foi

(aparece a vinheta do filme)

Cena 2 em casa

(jardenia se arrumando e saindo para esperar o metrô para ir a biblioteca)

jardenia: Mãe, eu já vou me arrumar para ir pegar o metrô viu

mãe: cuidado, mas pra que mesmo voce vai para a biblioteca quase todo dia hem em menina?

jardenia: para estudar filosofia mãe, a senhora sabe que sou apaixonada por filosofia

mãe: ahhhh, deixa disso, isso lá é futuro menina, vai estudar pra medicina que é bem melhor que isso.

jardenia: ahh mãe, deixa disso, voce sabe que gosto disso e ainda sim me critica... Enfim, já vou

cena 3: (a jovem esta na biblioteca)

voz: oi? quem é voce? e de onde voce é?

jardenia: sou jardenia oliveira, tenho 18 anos e desde pequena que estudo em escola pública, sempre venho para a biblioteca, pois sou apaixonada por filosofia. E voce? quem é?

Lorena ou outra pessoa: Sou a lisa maria, estudando para medicina e tenho 18 anos também, mas me fala, o que tem de interessante e estudar filosofia?

jardenia: ahh... é que, olha, tá vendo esse livro sobre aristóteles? bom, ele é uns dos filosofos que mais gosto, ele fala que o ignorante afirma, o sabio duvida e digamos que concordo com ele sabe, a primeira vez que escutei essa frase, foi do meu professor de filosofia, é sempre gratificante suas aulas.

Lorena ou outra pessoa: ahhhh tá, então boa sorte viu, podemos ser amigas?

jardenia: sim, mas tenho que ir, já vai começar a aula de filosofia, até depois.

cena 4: ( já na aula)

prof: O filósofo é curioso e neste universo ele vai descobrindo, desenrolando os mistérios da natureza...



(passou o tempo de aula, e Jardenia sempre ativa e prestando atenção enquanto os outros alunos botavam cara feia para ela)

cena 5: (depois da aula)

Adriel: olha só, se não é a queridinha do professor nas aulas de filosofia haha

José Osmar: olha, a gente assiste por que é o jeito, mas você deveria saber que a filosofia não leva a simplesmente nada, não tem futuro nenhum...

Jardenia: é aí que vocês se enganam, a filosofia mostra muitas coisas em que, as pessoas não tem ideia da sua existencia, ensinam maneiras de lidar com a vida e assim por diante.

Adriel: ainda sim, é fútil, não serve de nada

Jardenia: ah quer saber vou perder meu tempo com vocês não

( Jardenia sai chorando por receber bullying e tentando o maximo ter controle de sua ansiedade)

cena 6: ( ela volta para casa e decide sair uns dias de viagem a praia)

mãe: o que aconteceu minha filha?

Jardenia: ah mãe, foi os meninos da escola falando que filosofia não tem futuro..

mãe: e eles tem razão, voce é tão inteligente minha filha, voce tem que estudar medicina

Jardenia: até a senhora mãe?! poxa, niguem valoriza e nem apoia os meus gostos por filosofia...

mãe: é so a verdade, filosofia não serve de nada

Jardenia: para mãe, olha, vou passar uns dias na praia para ver se consigo me acalmar viu

mãe: esta certo, tenha cuidado e vai ser bom, quem saber voce não pense melhor sobre o que eu falei e decide deixar essa coisa de filosofia de lado...

cena 7: ( ja na praia, pensando sobre seu futuro)

(somente a voz da Jardenia como fundo de audio e ela andando sobre a praia)

(fundo de áudio: por que todos tem que ta contra a filosofia? mal sabem eles que filosofia é muito importante, ela ensina e estuda sobre o conhecimento e o saber por meio das analises racionais ou pelos sentidos.... mas.. parece que ninguém entende ou procura saber sobre isso.. mas não vou desistir, vou seguir meu sonho até o fim). Tenho uma ideia.

(alguns dias depois)

cena 8: (Jardenia arruma o seu quarto para gravar vídeos)

mãe: O que é isso minha filha? Seu quarto agora virou um estúdio? Que dabeíso?

Jardenia: Vou começar a gravar vídeos filosofando sobre a vida e apresentando teorias dos filósofos que eu mais gosto. Além de apresentar para as pessoas como a Filosofia pode contribuir para o nosso pensamento crítico, na redação e na sua forma de falar e se posicionar.

Mãe: tu vai ser é lixada.

Jardenia: É preciso divulgar esse amor pela sabedoria, para as pessoas conhecerem e ficarem julgando por falta de conhecimento igual a senhora.

Mãe: Minha filha não tem jeito, pior que ela sempre foi assim: curiosa, teimosa, tudo questionava, já passei tanta vergonha por isso...

Jardenia: sai mãe, sai que agora vou fazer o meu primeiro episódio.

Cena 9 (imagens dela gravando e uma música)

Cena 10 (a mesma cena 1)

Cena 11 (um episódio dela explicando sobre um filósofo – uns 3 minutos + ou -)

Um Mês depois

Cena 12 (em casa)

Jardenia: Mãe, mãe, a senhora não acredita.

Mãe: O que é que tu já vai inventar? Vai fazer um filme e me chamar para atuar junto?

Jardenia: Boa ideia, quem sabe um dia a gente faz.

Mãe: comigo mesmo não.

Jardenia: Fui chamada para um programa de tv, meus vídeos tá bombando na internet, estão até me chamando de filósofa.

Mãe: e tu é filósofa?

Jardenia: acho q não, eu não sou nem formada em filosofia ainda, mas uma coisa eu sei, eu sou uma amante pela sofia.

Mãe: Meninaque história é essa? Quem é essa Sofia?

Jardenia: (rindo) é a sabedoria!

Cena 13 (imagens do programa do Alri)

Cena 14 (na escola)

José Osmar: Ei Jardenia, parabéns pelo teu canal, achei muito massa aquele episódio que você fala de Solidão, do filósofo Schopenhauer, isso me fez até refletir umas paradas aí que estou vivenciando na pandemia da covid 19.

Jardenia: Obrigada, que bom que tá ajudando.

Adriel: Eu ainda acho mó besteira, não sei como você conseguiu ter mais de mil seguidores.

José Osmar: a nossa filósofa foi até pra tv, cara a Filosofia tá na moda, tu é que tá vacilando.

Jardenia: De boa, não tem problema, meus vídeos não servem para convencer ninguém a nada, eu apenas convido as pessoas a pensarem.

FIM!

## PENSAMENTOS DE CARMEN

PERSONAGEM:

CARMEN: Ariadna

### CENA 1 (quarto)

**Carmen está dormindo, acorda e fica olhando para o teto e para os lados, depois de um minuto mais ou menos, vem a imagem de um equilibrista de um circo, depois ela diz pra ela mesma:**

E se a vida fosse como um equilibrista de um circo. Cada dia é como um passo a mais na corda bamba da vida. (suspira, olha para os lados) Mas sempre quando penso nisso vem à imagem dele caindo e as pessoas rindo. Por que será? É bem porque você senhorita Carmem tá vivendo de forma toda doida. Pior que é mesmo, quando penso que estou seguindo para uma direção, aí der repente mudo tudo e ultimamente muitas coisas não vem dando certo. Mas hoje é um novo dia, uma nova oportunidade. (bate palmas) Acorda equilibrista Carmem, vamos ver se hoje você não cai mais desta corda da vida (rindo).

**Vinheta do título**

### CENA 2 (casa)

**Imagens da Carmen escovando os dentes, enxugando o rosto, fazendo o café, tomando café, lavando louça e enquanto isso tem uma trilha sonora e os caracteres do curta metragem.**

### CENA 3 (sala)

**Assistindo tv (imagem do camelo) e ela diz:**

Engraçado meu professor de Filosofia tava falando sobre o filósofo Nietzsche e tinha uma coisa haver com camelo, como era? (ela fica tentando lembrar e aparece partes do vídeo “A criança e o espelho”).

Cadê meu celular (procurando, encontra e diz:). Valha meu Deus como é mesmo que escreve o nome dele? (fica colocando nite, nitzche, Nietzsche) pronto... (ler a frase)

“O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado” (telefone toca) oi mulher tudo bem? Am? Fazer o quer? Certo faço sim no seu lugar. Mais eu vou fazer isso pra você e você ainda quer que eu pague? Tá certo amiga, faço sim. Beijo! (desliga o telefone). Eu e minha mania de não conseguir dizer não. Sim vamos falar (volta a ler) O que é pesado? (abandona o celular) pesado é eu ter que ficar assumindo os compromissos dos outros e eu tendo o meu tudo acumulado. Tudo bem que aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal e poder ajudar é sempre muito bom, mas às vezes me sinto com um peso muito forte. Gostaria de liberar um pouco. Hum já sei...

#### **CENA 4 (uma paisagem bonita e aberta)**

**Carmen está meditando.**

**Voz:** a, mor, a, mor, a, mor, eu fechei a porta direito, sim, sim, inclusive girei a chave duas vezes, (respira fundo) a, mor, a, mor, a, mor, a, mor (imagem do equilibrista), minha nossa não tem jeito viu, nem meditando eu consigo parar de pensar, mais é óbvio né Carmem isso não é possível, mas eu posso amenizar ao repetir o meu mantra. É, mas tu só quer saber de ficar com essa imagem aí do equilibrista. (respira fundo) a, mor, a, mor, a, mor, a, mor, a, mor, a, mor, (imagem do leão), Aí meu Deus agora deu pra pensar em leão também foi? Pois é, mas o que é que tem haver leão? Leão é a fase da busca da liberdade. O espírito quer inimigos, quer quebrar as regras e as correntes que o acorrentam. Acho que essas aulas de Filosofia não tá me deixando bem não, (abre os olhos) eu não paro de pensar nessa ideia da transição do camelo para o leão. Quando se enche de fardos, o camelo marcha para o seu próprio deserto. E lá se transforma em leão. Tá parecendo comigo... (volta a meditar, respira fundo) a, mor, a, mor, a, mor

#### **CENA 5 (uma paisagem bonita e aberta)**

**Trilha sonora e imagens dela caminhando, fazendo tai chi chuan.**

**Voz:** A criança pode o que nem camelo, nem leão puderam fazer: criar, brincar, jogar, “girar por si mesma”. Que é querer uma vontade? É dizer Sim para o “jogo da criação”. É tomar o mais pesado dos fardos pela mais leve das plumas e de forma equilibrada dizer um gracioso Sim para as minhas vontades.

#### **CENA 6**

**Um lugar escuro e apenas com uma lanterna no seu rosto enquanto Carmem caminha e ela diz:**

Meus pensamentos, não são apenas pensamentos, são luzes, são caminhos, são os meus impulsos na busca de me encontrar, de ser verdadeiramente eu. Nessa vida? Eu sou mais uma luz nessa escuridão tentando se equilibrar para que eu possa criar algo inteiramente novo, não a partir do zero, mas com as experiência que venho somando. Neste caminho só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós mesmos.

**FIM!**

## APÊNDICE B - RELEASE DA 1ª SESSÃO

### SESSÃO: O CINEMA COMO FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NÃO ALIENANTE.

O *Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas metragens* em parceria com o coletivo Ponto de Cortes e Instituto Vila das Artes exibem três curtas metragens produzidos pelos alunos da EEM Professora Eudes Veras e EEMTI Albaniza Rocha Sarasate com a orientação Ana Aline Furtado e curadoria de Lorena Evelylen e Emerson Praciano. A sessão *O cinema como formação pedagógica não alienante* te convida para uma reflexão como a produção de curtas metragens podem servir como estratégias para dinamizar as aulas e aproveitar o conhecimento filosófico com elementos culturais e artísticos em escolas públicas do Ceará.

### SERVIÇO

26 de abril de 2021 (segunda-feira)  
Das 17h às 19h  
Via YouTube: Vila das Artes  
Classificação indicativa: 12 anos.  
Acesso Gratuito  
@facebookcinemarvin

### Contato para imprensa:

Emerson Praciano

85 986285628

cinemarvinceara@gmail.com

### PROGRAMAÇÃO:

Vídeo de abertura.

Mostra dos Curtas-Metragens:

#### Um novo mundo.

Brasil, 2021, 7'19", ficção

Realização: Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas metragens

Com: Martins Castro, Lisa Maria e Lucas Bxner.

Sinopse: Como você se relaciona com o mundo e com o outro? Você é indiferente?

#### Até onde posso perguntar?

Brasil, 2021, 4'26", ficção

Realização: Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas metragens

Com: Wallyson Soares

Sinopse: Sou muito curioso, adoro perguntar, quando não estou sabendo vou logo questionar. Pergunto sobre a vida, ou algo sobrenatural. Busco a verdade, mesmo sabendo que não vou encontrar, muitas vezes pareço uma criança que pergunta admirada um simples por que, e por que esse por que é tão difícil de responder? Por quê?

*O elogio à solidão*

Brasil, 2021, 5'03", ficção

Realização: Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas metragens

Com: Jardênia Oliveira

Sinopse: O que aconteceu? Onde está todo mundo? A jovem utiliza da teoria da solidão do filósofo Schopenhauer para tentar responder a angustia do isolamento social.

Debate:

Conversa com os realizadores dos curtas metragens:

Emerson Praciano, Martins Castro, Wallyson Soares e Jardênia Oliveira.

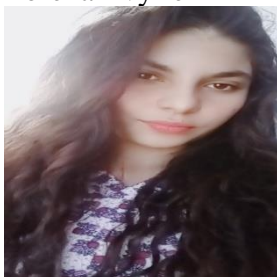
Público previsto: 200 pessoas online.

Acesso Gratuito

Censura: 14 anos.

Curadoria:

Lorena Eyllen



Emerson Praciano



Arte de Divulgação:

MOSTRA

# PONTOS DE CORTE

CINE MARVIN

12

26/abril - 17h

SESSÃO

## O CINEMA COMO FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NÃO ALIENANTE

CURADORIA  
COLETIVO CINE  
MARVIN: O PENSAR  
FILOSÓFICO EM  
CURTAS METRAGENS

NO CANAL DA VILA DAS ARTES NO YOUTUBE

escola de audiovisual vila das artes INSTITUTO IRACEMA Fortaleza PREFEITURA

## ANEXO A - RELEASE DA 2ª SESSÃO

### **SESSÃO: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO CINEMA NAS AULAS DE FILOSOFIA.**

Vila das Artes promove ação cineclubista em comemoração ao Dia mundial da Filosofia.

Ação em parceria com o coletivo Cine Marvin exibe filmes e promove debates na quinta-feira (16/12)

A Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes e o coletivo Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas metragens promove, nesta quinta-feira (16/12), mais uma ação cineclubista on-line, por meio do canal do complexo cultural na plataforma de vídeos Youtube. Desta vez, o Cineclubes Vila das Artes recebe atividade com a sessão "A prática pedagógica do cinema nas aulas de Filosofia" prevê a exibição de filmes e a transmissão de debate ao vivo logo em seguida.

Serão exibidos os curtas-metragens "A filósofa", "Pensamentos de Carmen" e "Eu só queria ser livre", produções audiovisuais produzidos por alunos de ensino fundamental II e de ensino médio da periferia de Fortaleza, Maracanaú e Caucaia. Participam do debate ao vivo após os filmes o professor doutor Romero Venâncio da UFS e a professora doutora Rita Helena da UFC/Sobral. A mediação é do professor, ator e curador do Cine Marvin Emerson Praciano.

"A articulação entre a prática educativa e o processo de aprendizagem de teorias filosóficas inserido na construção de um curta-metragem são o ponto de partida da discussão", comenta Emerson Praciano. "Queremos mostrar a importância das atividades audiovisuais com linguagem filosófica a partir da produção desses jovens", complementa o cineclubista.

A Vila das Artes é um complexo cultural da Prefeitura de Fortaleza, administrado pela Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor) em parceria com o Instituto Cultural Iracema (ICI).

Cineclubes Vila das Artes

Ação da Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes, o Cineclubes Vila das Artes promove mostras mensais temáticas ligadas aos conteúdos dos cursos ofertados pela escola ou propostos por instituições parceiras. As sessões de filmes são seguidas por debates com o objetivo de ampliar e democratizar o acesso a espaços para discussão sobre o audiovisual na

cidade. Desde março de 2020, as sessões passaram a ser realizadas de forma on-line, por meio do canal da Vila das Artes no YouTube.

Serviço

Cineclube Vila das Artes – "A práxis pedagógica do Cinema nas aulas de Filosofia"

Data: Quinta-feira (16/12)

Hora: 17h exibição dos curtas metragens e as 17h30 debate ao vivo.

Local: Canal da Vila das Artes no YouTube

Classificação indicativa: Livre



**ANEXO B - A LOGA OFICIAL DO PROJETO CINE MARVIN: O PENSAR  
FILOSÓFICO EM CURTAS METRAGENS**



## ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE EXIBIÇÃO

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE EXIBIÇÃO E VEICULAÇÃO DE OBRA AUDIOVISUAL

Pelo presente instrumento,

eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

participante legal pela obra audiovisual finalizada intitulada,

\_\_\_\_\_ consinto ao

EMERSON ELLANO DUTRA PRACIANO, por ora AUTORIZADA, a exibição da supracitada obra audiovisual em eventos, palestras e aulas relacionadas a Cinema e Filosofia.

A AUTORIZANTE declara estar legalmente autorizada a licenciar os direitos de exibição ora cedidos, pelo que assume toda e qualquer responsabilidade sobre a utilização da obra objeto destes termos.

Isenta-se a AUTORIZADA de quaisquer responsabilidade relativas à titularidade dos direitos patrimoniais da obra audiovisual cinematográfica, objeto do presente, bem como no tocante a direitos conexos, sincronização musical e direito de imagem, porventura decorrentes da obra mencionada neste contrato.

Título da obra: \_\_\_\_\_

Gênero:  Ficção  Animação  Documentário  Experimental

Outros \_\_\_\_\_

Nome do(s) Produtor(es):

Ano de lançamento:

Duração:

Classificação indicativa: 12 ANOS

E- mail: cinemarvinceara@gmail.com Telefone: (85) 986285628

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Assinaturas das (os) AUTORIZANTE

## ANEXO D - CERTIFICADO DE FILIAÇÃO AO CNC\_CINE MARVIN



# CERTIFICADO DE FILIAÇÃO

O **Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros**, fundado em 26 de maio de 1962 e reorganizado em 13 de julho de 2006, certifica que o:

### CINECLUBE CINE MARVIN: O PENSAR FILOSÓFICO EM CURTAS METRAGENS

CIDADE: FORTALEZA  
ESTADO: CEARÁ

Está regularmente filiado a este Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros.  
Este certificado tem validade de 01 (um) ano.

Belo Horizonte - MG, 17 de março de 2021

*Luciano Guimarães de Freitas*  
**Luciano Guimarães de Freitas**  
Secretário Geral

*Terezinha Avelar*  
**Terezinha Avelar**  
Presidenta

*Diogo Gomes dos Santos*  
**Diogo Gomes dos Santos**  
1ª tesoureira

E-mail: [secretaria.geral.cnc@gmail.com](mailto:secretaria.geral.cnc@gmail.com)  
[contato.cnc.brasil@gmail.com](mailto:contato.cnc.brasil@gmail.com)  
Facebook: <https://m.facebook.com/cineclubes.br>  
Instagram: @cnc\_cineclubesbrasil

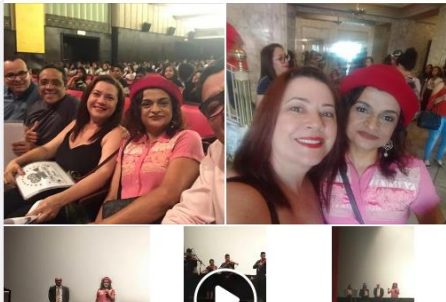
Realização  
**Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros**  
CNPJ nº 08.775.897/0001-37

Apoio  
**Sindicato dos Professores de Minas Gerais**

## ANEXO E - DEPOIMENTO E REPORTAGEM

Facebook post by Emerson Praciano, dated 27 de agosto de 2019, Fortaleza. The post celebrates the VII Cine Marvin Ceará, "O Pensar Filosófico em Curtas Metragens", a project that potentializes the knowledge and talents of students of the middle school of EEM Professora Eudes Veras. It congratulates Solange Teixeira and Odílio Aguiar for their art production and the students who produced the shorts.

**Parabéns** ao Prof. Emerson Praciano pela realização do VII Cine Marvin Ceará, "O Pensar Filosófico em Curtas Metragens", projeto que potencializa os saberes e talentos do estudantes do ensino médio da EEM Professora Eudes Veras! **Parabéns** aos homenageados Solange Teixeira e Odílio Aguiar. Como é bom ver arte sendo produzida com conteúdo!!! **Parabéns** aos alunos produtores dos curtas!!!



**POPULARES O POVO** SEXTA-FEIRA FORTALEZA-CE, 16 DE NOVEMBRO DE 2018

**REINO DOS DOCEIS, O REINO DAS NEVES, O REINO DAS FLORES E O SINISTRO QUARTO REINO.**

**HALLOWEEN** (EUA, 2018) Terror e Suspense. 109 min. De: David Gordon Green. Com: Jamie Lee Curtis, Judy Greer, Haluk Bilginer. 16 anos. **Cine Benfica 4 (dub)**, às 20h10; **Cinépolis North Shopping Jôquei 5 (dub)**, às 20h; **Cinépolis RioMar Kennedy 3**, às 18h45; **UCI Kinoplex Iguatemi 5 (dub)**, às 20h05; **Cine Aracati 1 (dub)**, às 20h30; **Cine Francisco Lucena Limoeiro do Norte 1 (dub)**, às 20h30; **Cine Quixadá 1 (dub)**, às 20h30; **Cine Renato Aragão 2 (dub)**, às 20h30// Quatro década depois de ter escapado do ataque de Michael Myers em uma noite de Halloween, Laurie Strode (Jamie Lee Curtis) terá que confrontar o assassino mascarado pela última vez. Ela foi perseguida pela memória de ter sua vida por um triz, mas dessa vez, quando Myers retorna para a cidade de Haddonfield, ela está preparada.

**O PRIMEIRO HOMEM** (EUA, 2018) Drama, Biografia. 142 min. De: Damien Chazelle. Com: Ryan Gosling, Claire Foy e Jason Clarke. 12 anos. **UCI Kinoplex Iguatemi 7 (leg)**, às 22h35; **UCI Kinoplex Iguatemi 4 (leg)**, às 20h20// A vida do astronauta norte-americano Neil Armstrong (Ryan Gosling) e sua jornada para se tornar o primeiro homem a andar na Lua. Os sacrifícios e custos de Neil e toda uma nação durante uma das mais perigosas missões na história das viagens espaciais.

**NASCE UMA ESTRELA** (EUA, 2018) Drama e Romance. 136 min. De: Bradley Cooper. Com: Lady Gaga, Bradley Cooper e Sam Elliott. **UCI Kinoplex Iguatemi 12 (leg)**, às 16h, 18h50 e 21h40// A jovem cantora Ally (Lady Gaga) ascende ao estrelato ao mesmo tempo em que seu parceiro Jackson Maine (Bradley Cooper), um renomado artista de longa carreira, cai no esquecimento devido aos problemas

**DIA DA FILOSOFIA**  
**Cine Marvin no Dragão**

Em comemoração ao Dia Mundial da Filosofia, o Cine Marvin Ceará exibe hoje curtas com o tema "Da angústia à transformação social, das obras filosóficas à realidade atual". Nesta 6ª edição, o projeto exibe vídeos produzidos por alunos do ensino médio das escolas EEM Professora Eudes Veras e EEMTI Anchieta, com organização do professor de Filosofia Emerson Praciano.

Serviço  
6º Cine Marvin: o pensar filosófico em curtas metragens.  
Quando: 16 de novembro, das 14h às 20h  
Onde: R. Dragão do Mar, 81 - Praia de Iracema

**TUDO POR UM POPSTAR** (Brasil, 2018) Comédia e Romance. 88 min. De: Bruno Garotti. Com: Maisa Silva, Klara Castanho, Mel Maia. **Cinépolis North Shopping Jôquei 4**, às 13h30; **Cinépolis RioMar Kennedy 6**, às 14h45; **UCI Kinoplex Iguatemi 9**, às 13h e 15h05// A banda pop masculina Slavabody Disco Disco Boys, febre entre as mocinhas de todo o Brasil, anuncia que irá tocar no Rio de Janeiro. Fãs de carteirinha do grupo, as adolescentes e melhores amigas Gabi (Maisa Silva), Manu (Klara Castanho) e Ritinha (Mel Maia) farão de tudo para que seus pais deixem que elas assistam a um show do grupo fora da cidade onde moram.

**VENOM** (EUA, 2018) Ficção científica e Ação. 112 min. De: Ruben Fleischer. Com: Tom Hardy, Michelle Williams e Riz Ahmed. 14 anos. **Cinépolis RioMar Kennedy 6 (dub)**, às 21h45; **UCI Kinoplex Iguatemi 12 (dub)**, às 13h35// Eddie Brock (Tom Hardy) é um jornalista que investiga o misterioso trabalho de um cientista, suspeito de utilizar cobaias humanas em experimentos mortais. Quando ele acaba entrando em contato com um simbiote alienígena, Eddie se torna Venom, uma máquina de matar incontrolável, que nem ele pode conter.

**UMA NOITE DE 12 ANOS** (Uruguai, Espanha, 2018) Biografia e Drama. 122 min. De: Alvaro Brechner. De: Antonio de la Torre, Chino Darín e Alfonso Tort. 14 anos. **Cinema do Dragão 1 (leg)**, às 14h10 e 19h50 // 1973, Uruguai. José Mujica (Antonio de la Torre), Mauricio Rosencof (Chino Darín) e Eteueterio Fernández Huidobro (Alfonso Tort) são militantes dos Tupamaros, grupo que luta contra a ditadura militar local. Eles são presos em ações distintas e encarcerados junto a outros nove companheiros, de forma que não possam sequer falar um com o outro. Ao longo dos anos, o trio busca meios de sobreviver não só à tortura, mas também ao encarceramento que



**ANEXO F - FOTO**

Gravação da Curta metragem A filósofa.



Cerimônia de Exibição e Premiação no Cineteatro São Luiz.